

Um Bosque Urbano

Estudo sobre parâmetros de qualidade urbana em uma praça fortalezense



NICOLE R. WIRTZBIKI

2015



UM BOSQUE **URBANO**

ESTUDO SOBRE PARÂMETROS DE QUALIDADE URBANA EM UMA PRAÇA FORTALEZENSE



Universidade Federal do Ceará
Centro de Tecnologia
Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design
Curso de Arquitetura e Urbanismo

UM BOSQUE URBANO

ESTUDO SOBRE PARÂMETROS DE QUALIDADE URBANA EM UMA PRAÇA FORTALEZENSE

NICOLE ROCHA WIRTZBIKI
ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ ALMIR FARIAS
FORTALEZA
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design

- W731b Wirtzbiki, Nicole Rocha
Um bosque urbano: estudo sobre parâmetros de qualidade urbana em uma praça fortalezense / Nicole Rocha Wirtzbiki – 2015.
161f. : il. color., enc. ; 30 cm.
Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design, Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2015.
Orientação: Prof. Dr. José Almir Farias Filho.
1. Avaliação Pós-Ocupação. 2. Praça - Avaliação Pós- Ocupação -Fortaleza, CE. 3. Paisagismo - Fortaleza, CE.

NICOLE ROCHA WIRTZBIKI

UM BOSQUE URBANO:
ESTUDO SOBRE PARÂMETROS DE
QUALIDADE URBANA EM UMA PRAÇA
FORTALEZENSE

Trabalho Final de Graduação, submetido à Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Arquiteta e Urbanista, outorgado pela Universidade Federal do Ceará. Encontra-se à disposição dos interessados na biblioteca do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Almir Farias Filho

Orientador

Prof. Dr. Ricardo Figueiredo Bezerra

Membro da banca examinadora

Arquiteto Ricardo Henrique Muratori de Menezes

Membro da banca examinadora



AGRADECIMENTOS

Primeiro, gostaria de agradecer ao professor **Almir Farias** pela orientação atenta e cuidadosa, a qual fez com que essa caminhada do TFG fosse menos árdua, e também ao professor **Ricardo Bezerra** pela atenção, receptividade e sugestões valiosas.

Agradeço também ao **Ricardo Muratori** por, tão gentilmente, ter aceitado meu convite para participar desta banca.

À **Eveline Brandão**, agradeço pela disposição com que me ajudou a encontrar informações sobre a praça e pela disponibilização de seus contatos. E por também, além de tudo, ser uma madrinha muito querida. Também agradeço ao arquiteto **Totonho Laprovitera** que, com muita boa vontade, disponibilizou seu tempo para responder minhas muitas perguntas sobre o seu projeto e a história da praça.

Tanto na minha jornada na escola de arquitetura quanto na minha vida fora dela são muitos os que eu gostaria de agradecer, definitivamente mais do que caberiam nessas páginas.

Gostaria de agradecer a todos os meus professores, dentro e fora da escola de arquitetura.

Rejane, Magela e Dr. Santana, obrigada por me acolherem e me ensinarem. Por serem mais do que meu chefes, mas meus amigos, e por me tratarem sempre com tanto carinho.

Professor **Ricardo Fernandes**, muito, mas muito obrigada por ser um coordenador tão solícito e acessível.

Professora **Zilsa**, obrigada pelo tempo de aprendizado que tive trabalhando com acessibilidade.

Professora **Alexia**, obrigada por ser um exemplo de alegria no meio dessa faculdade maluca.

Ao **Seu Nogueira**, obrigada por marcar minha entrada na faculdade e distribuir tantos sorrisos e bons dias.

Professor **Marcondes**, obrigada por se dispor a abrir as nossas cabeças às novas ideias.

Mara, muito obrigada por ser sempre tão prestativa e me ajudar a resolver meus pepinos com as matrículas.

Obrigado ao C.A., à FeNEA e ao EREA, porque graças a vocês eu fiz grandes amigos - e me diverti pra caramba.

Agradeço profundamente à **Natasha Catunda, Lara Sucupira, Marina Maia, Sofia Cavalcante e Deborah Meira**, minhas irmãs de coração, que fizeram o meu aprendizado na faculdade ir além da arquitetura e ser também sobre a vida e amizades verdadeiras.

Cada uma de vocês me ajudou com esse trabalho de um jeito diferente, cada uma me apoiou e me escutou. Muito obrigada por essa amizade tão rara! Vocês são minhas almas gêmeas.

Rafaella, Bruno, Natália (e **Nina!**), muito obrigada pela amizade, pelas risadas, pela força e pela companhia que vocês foram nos últimos meses. Sem nossa aliança de TFG terá um fim eu acho que não teria conseguido.

Um agradecimento mais do que especial à **Tia Lúcia e à Lili** - e, é claro, à **Maria**. Muito obrigada por nos abrigarem por tanto tempo, e por terem tanta paciência e carinho conosco. Tenho vocês no meu coração como uma família!

Ao meu amigo **Daniel Lenz** que, além da amizade de irmão, ainda me deu opiniões valiosas sobre esse trabalho.

Ao **Hector Isaias e Waldemar Felipe**, agradeço pela grande amizade e pela inspiração, pelos papos sobre arquitetura e inúmeras outras coisas.

Ao meu grande amigo **Chico Lustosa**, agradeço por ter me convencido a fazer vestibular pra arquitetura, por ser meu amigo mais antigo e imutável, e por ter contribuído - e muito - com a pessoa que eu me tornei.

Um agradecimento especial ao **Pedro Menezes** por ter me citado nos agradecimentos de sua monografia, eu estou finalmente podendo retribuir a honra. Obrigada por ser um amigo maravilhoso e por elevar o nível das conversas que você participa.

Obrigada a todos os meus amigos queridos, arquitetos ou não, que me ensinam coisas novas todos os dias, e fazem parte da minha história: **Ricardo Palácio, Cris, Vinícius Vilaro, Victor Marques, Aninha e Medina, Paula Firmeza, Catarina Barros, Breno Moura, Cesar Wagner, Daniel Costa, Adriano Bernardes, Rebeca Gaspar**.

À minhas queridas **Luana Grassi e Luana Coelho** pela nossa aventura de independência em Valladolid, vocês são pessoas maravilhosas que eu vou ter sempre no meu coração.

E por último, e mais importante, agradeço à minha família: **vô Marcondes e vó Deutra, Tia Márcia, Tia Sandra e minha tia madrinha Vânia, meus primos e primas queridos, meu irmão Franz e minha irmã Manu, meu pai** e principalmente à minha **mãe** pelo amor incondicional e todo o apoio e motivação. Além de ter financiado meus estudos e aguentado meu mau humor nas horas críticas e no dia-a-dia (não vou mentir), ainda me acompanhou e ajudou nos intermináveis levantamentos. Obrigada pelo amor infinito por todo o apoio, mãe. Te amo!

“Na arquitetura pura, o menor dos detalhes deve ter um significado ou servir a um propósito.”

A. W. N. Pugin (1812-1852).

“Lembre-se de que as coisas mais belas do mundo são as mais inúteis; pavões e lírios, por exemplo.”

John Ruskin (1819-1900).



RESUMO

As praças públicas são as principais atrações em grandes cidades por todo o mundo. Elas possuem um papel essencial na qualidade ambiental e na vida social de seus habitantes. Para funcionar bem, esses espaços devem atender às expectativas de seus usuários, suprindo suas necessidades, o que muitas vezes não acontece. Na cidade de Fortaleza, as oportunidades de socialização estão atualmente privatizadas, uma vez que seus espaços públicos sofrem com a carência de fiscalização e manutenção adequados. Este trabalho tem o objetivo central de refletir sobre esse atual estado de subutilização das áreas públicas de Fortaleza e sobre as possibilidades projetuais pra sua recuperação. Para tal, foi eleita uma praça da cidade, o Bosque General Eudoro Correia, como objeto de estudo e alvo para um projeto de reabilitação. O primeiro capítulo deste trabalho consiste em uma súmula do estudo realizado sobre os principais temas abordados - como a relação das praças públicas e as cidades, e os conceitos de urbanidade, avaliações pós-ocupação e placemaking. O segundo capítulo consiste na aproximação do objeto de estudo e na exposição das informações coletadas através de uma avaliação pós-ocupação - um processo de averiguação do desempenho e eficiência dos espaços que é aplicado após a sua construção e ocupação e tem como foco principal os seus usuários e suas percepções - e das deduções advindas dela. O terceiro e último capítulo apresenta os parâmetros de projeto adotados e a proposta de reabilitação desenvolvida.

PALAVRAS-CHAVE:

Espaço Público - Qualidade Urbana - Metodologia de Projeto - Placemaking - Avaliação Pós-Ocupação.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1 e 2 - A Ágora Grega e o Fórum Romano.
- Imagem 3 - Foto de Jane Jacobs
- Imagem 4- Livro Morte e Vida de Grandes Cidades.
- Imagem 5 - Foto de William Whyte
- Imagem 6 - Livro “The Social Life of Small Urban Spaces” de William H. Whyte.
- Imagem 7 - Piquenique em Bryant Park.
- Imagem 8 - Cadeiras móveis em Bryant Park.
- Imagem 9 - Café ao ar livre em Pereira, Colômbia.
- Imagem 10 - Shake Shack da Madison Square Park.
- Imagem 11 - Piquenique no Passeio Público.
- Imagem 12 - Piquenique em Goodale Park.
- Imagem 13 e 14 - Fonte da praça Director Park.
- Imagem 15 e 16 - Fotos aéreas do HGF de Fortaleza.
- Imagem 17 - Shopping Center Um em 1974.
- Imagem 18 - Centro da Aldeota, 1971.
- Imagem 19 - O monumento Praça das Flores.
- Imagem 20 - Equipamentos de ginástica.
- Imagem 21 - Novos equipamentos de ginástica.
- Imagem 22 e 23 -Localização do Bosque.
- Imagem 24 - Praça Portugal nos dias atuais.
- Imagem 25, 26 e 27 - Praça Luíza Távora em 2011.
- Imagem 28, 29 e 30 - Praça Luíza Távora pela manhã.
- Imagem 31 e 32 - Praça Luíza Távora à noite.
- Imagem 33 - Bosque Gen. Eudoro Correia.
- Imagem 34, 35, 36, 37 e 38. Ruas do entorno.
- Imagem 39, 40 e 41 - Árvores do Bosque.
- Imagem 42 – Quadra de esportes
- Imagem 43 - Calçadas externas
- Imagem 44 - Calçadas externas
- Imagem 45 – Quiosques de plantas

Imagem 46 – Estação Bicicletar
Imagem 47 – Calçada interna
Imagem 48 – Área central da praça
Imagem 49 – Novos aparelhos de ginástica
Imagem 50 – Quadra de esportes
Imagem 51 – Caminho interno de pedriscos
Imagem 52 – Bancos internos da praça
Imagem 53 – Aparelhos antigos de ginástica
Imagem 54 – Guias não rebaixadas.
Imagem 55 - Espaço da calçada interna da praça.
Imagem 56 - Quiosques de venda de plantas.
Imagem 57 - Praça como depósito para vasos.
Imagem 58 - Depósito de materiais de limpeza.
Imagem 59 - Palco pichado.
Imagem 60 - Interior da praça.
Imagem 61 - Monumento pichado.
Imagem 62 - Bancos quebrados.
Imagem 63 - Campo de futevôlei irreconhecível.
Imagem 64 - Sujeira e lixo no interior da praça .
Imagem 65 - Bancos inapropriados
Imagem 66 - Evolução do partido em croquis.
Imagem 67 - Perspectiva da nova proposta.
Imagem 68 - Masterplan do bosque.
Imagem 69 – Caixa viária para Av. Des. Moreira.
Imagem 70 - Caixa viária para Av. Des. Moreira.
Imagem 71 – Calçada da Rua Barbosa de Freitas.
Imagem 72 - Corte da calçada padrão do Bosque.
Imagem 73 - Calçada da Av. Desembargador Moreira.
Imagem 74 - Calçada da Rua Barbosa de Freitas.
Imagem 75 - Esquina rebaixada com balizadores.
Imagem 76 - Vista superior da cobertura dos quiosques.
Imagem 77 - Entrada dos Quiosques de Flores.
Imagem 78 - Totem sinalizador.
Imagem 79 - Corredor central dos Quiosques.
Imagem 80 - Vista interna de um dos quiosques.
Imagem 81 - Vista superior da cobertura dos quiosques.

Imagem 82 – Quiosque de Flores tipo A
Imagem 83 - Quiosque de Flores tipo B
Imagem 84 - Quiosque de Flores tipo C
Imagem 85 - Quiosque de Flores tipo D
Imagem 86 - Quiosque de Flores tipo E
Imagem 87 - Quiosque de Flores tipo F
Imagem 88 - Vista interna de um dos quiosques.
Imagem 89 - Vista do Café do Bosque.
Imagem 90 - Vista Café do Bosque e fonte.
Imagem 91 - Estante móvel.
Imagem 92 - Pavimento térreo do Café do Bosque.
Imagem 93 - Pavimento superior do Café do Bosque.
Imagem 94 e 95 - Espaços internos do Café.
Imagem 96 - Entrada lateral do Café e dos banheiros.
Imagem 97 - Entradas de serviço e administração.
Imagem 98 e 99 - Quadra poliesportiva.
Imagem 100 e 101- Vista da Academia ao ar livre.
Imagem 102 - Imagem do Playground infantil.
Imagem 103 - Área de Jogos.
Imagem 104 - Ecoponto.
Imagem 105 - Paraciclo.
Imagem 106 - Parada de ônibus.
Imagem 107 e 108 - Parada intermodal.
Imagem 109 - Banca Sinergy original.
Imagem 110 e 111 - Bancas adaptadas para o Bosque.
Imagem 112 e 113- Lixeiras Citizen e Pic-Nic Mateus.
Imagem 114 e 115 - Bancos e cadeiras vermelhas.
Imagem 116 e 117 - Palco e espaço multi-atividades.
Imagem 118 – Planta de pavimentação.
Imagem 119 – Planta de arborização.
Imagem 120 - Acácia (Cassia siamea).
Imagem 121 - Murta. (Eugenia sprengelii).
Imagem 122 - Ipê roxo. (Jacaranda acutifolia).
Imagem 123 - Página website oficial do Bosque.
Imagem 124 - Totem informativo dos Quiosques.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Símbolo da organização PPS.

Figura 2 e 3: Diagramas elaborados pelo PPS .

Figura 4 - Localização do bairro Aldeota em Fortaleza e do Bosque no bairro Aldeota.

Figura 5 - Planta de loteamentos do bairro Aldeota entre a décadas de 30 e de 80.

Figura 6, 7 e 8 - Gráficos gerados a partir das entrevistas e aplicação de questionários.

Figura 9. - Perspectiva com cotas do terreno da praça.

Figura 10 - Corte da Av. Pe. Antônio Tomás.

Figura 11 - Corte da Rua Barbosa de Freitas.

Figura 12 - Corte da Rua Eduardo Garcia.

Figura 13 - Corte da Av. Desembargador Moreira.

Figura 14 – Placemaking no Bosque.

Figuras 15 - Diretrizes Gerais para o Bosque.

Figura 16 - Implantação das tipologias dos quiosques.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1.1 - Estudo de caso da praça Victor Civita, SP.

Quadro 1.2 - Estudo de caso da praça Bryant Park, NY.

Quadro 1.3 - Estudo de caso da praça Paley Park, NY.

Tabela 1 – Programa de necessidades dos espaços
construídos

LISTA DE MAPAS

- Mapa 1 – Contexto
- Mapa 2 – Tecido Urbano
- Mapa 3 – Entorno
- Mapa 4 – Situação Atual
- Mapa 5 – Arborização
- Mapa 6 – Uso
- Mapa 7 – Não Conformidades
- Mapa 8 – Projeto e Indicação dos Cortes
- Mapa 9 – Masterplan do Bosque
- Mapa 10 - Pavimentação

SUMÁRIO

23	INTRODUÇÃO
27	Justificativa
30	Objetivos
31	Metodologia e Ferramentas de um Arquiteto
33	Estrutura do Trabalho
35	1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL
37	1.1 A Praça e a Cidade
44	1.2 Avaliação pós-ocupação
47	1.3 Placemaking
59	2. APROXIMANDO-SE DO OBJETO DE ESTUDO
65	2.1 Antecedentes Históricos
70	2.2 Sobre o Estudo do Espaço Público
72	2.3 Análise da Situação Atual
103	3. PROJETO DE REABILITAÇÃO DO BOSQUE
105	3.1 Parâmetros de Projeto
111	3.2 Partido
113	3.3 Distribuição do Programa
145	CONSIDERAÇÕES FINAIS
147	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
151	APÊNDICE





INTRODUÇÃO

A concepção desse Trabalho Final de Graduação se iniciou com um questionamento: *Porque alguns espaços públicos funcionam bem e outros não?*

Apesar de ser uma pergunta inicialmente elementar, foi a partir dela que desenvolvemos outros questionamentos, tais como: *Quais seriam os fatores determinantes para o sucesso de um espaço público? Como definir um espaço público bem-sucedido?* Todas essas indagações surgiram com a observação de uma praça de Fortaleza, o **Bosque General Eudoro Correia**, mais conhecida como Praça das Flores ou Praça do Hospital Militar, e que se tornou o objeto desse estudo.

JUSTIFICATIVA

Na cidade de Fortaleza, como em muitas outras cidades mundo afora, as oportunidades de socialização estão atualmente privatizadas, confinadas em shoppings e condomínios fechados, ao passo que nas ruas, os espaços públicos que atraem a população estão reduzindo-se gradativamente. Andar e aproveitar a interação das ruas não é uma iniciativa voluntária da maioria das pessoas. Em geral, quem o faz são aqueles que não têm outra alternativa, e essa situação é bastante agravada pela crescente sensação de insegurança, que é, a um só tempo, uma das causas e consequências do abandono dos espaços públicos.

A falta de zelo da administração pública municipal reforça essa situação social crítica, reforçando o movimento em direção aos espaços fechados e privados. Esse fenômeno tem provocado um novo impulso de segregação urbana entre os usuários das ruas e aqueles que frequentam os estabelecimentos privados para a prática da vida pública.

Mas não podemos esquecer que as praças públicas são as atrações principais em grandes cidades por todo o mundo. Elas trazem não somente incontáveis benefícios econômicos, mas também oferecem às pessoas lugares confortáveis e aprazíveis para se reunirem em atividades sociais, culturais e políticas. Elas são a alma de uma comunidade, as intermediadoras da verdadeira sustentabilidade urbana. Segundo a instituição *Project for Public Spaces* (PPS), uma das principais razões para essa força da praça pública é que elas trazem “*habitabilidade*” e outros diversos benefícios para a cidade a um custo menor e com maior velocidade do que tradicionais empreendimentos de grande porte.

Praças públicas que surgem através da participação ativa da população podem nutrir a identidade comunitária, incentivar o voluntariado, destacar valores exclusivos de uma comunidade e, sobretudo, atrair os diferentes setores da sociedade servin-

do como um “terreno comum” para o uso da cidade. As praças bem-sucedidas são, portanto, sustentáveis tanto economicamente quanto socialmente, atraindo diferentes tipos de pessoas devido a seu potencial de oferecer muitas opções de atividades: socializar, comer, ler, jogar um jogo, interagir com arte, etc.

O Bosque General Eudoro Correia, assim como a maioria das praças de Fortaleza, tem necessidade urgente de uma proposta de revitalização que busque trazer os benefícios socioeconômicos e culturais de um espaço público bem-sucedido para a área da cidade em que se localiza. Ampliar sua oferta de atividades e sua “*habitabilidade*” traria muitos benefícios para a população fortalezense, representando uma quebra no ciclo de privatização de seus espaços sociais.

Esta praça está localizada em uma área de grande centralidade e possui dimensões bastante consideráveis, compreendendo mais de vinte mil metros quadrados. Embora ela se localize em um bairro nobre, próximo a shoppings e avenidas movimentadas, e tenha uma frequência constante de visitantes, se encontra em uma situação de baixa qualidade urbana. Seus fiéis frequentadores sofrem com o desconforto da sua atual situação, que piorou significativamente nos últimos anos. Esse espaço tão favorecido por sua localização e dimensões, é subutilizado, e suas potencialidades são desperdiçadas, pois poderia abrigar muitas funções e atividades.

Embora a falta de manutenção pareça ser a resposta mais óbvia e a grande responsável por essa realidade, acreditamos que não seja suficiente para elucidar a questão. Muitos fatores se somaram até resultar nessa situação, que não é atípica na capital cearense ou em outras cidades brasileiras. Um dos aspectos mais marcantes da praça, principalmente para os olhos atentos, é a sua desafortunada divisão espacial.

Aliada a isso, há também a ausência de uma prática de planejamento que reflita, além dos aspectos construtivos, sobre as possibilidades das dinâmicas sociais e sobre a diversidade de usos e de usuários. Em síntese, os maiores problemas do Bosque

General Eudoro Correia são frutos de uma concepção que não pensou nas pessoas que a usariam, nem como a usariam.

Como se sabe, um bom espaço público é aquele no qual acontecem eventos e trocas socioeconômicas, onde amigos se encontram e culturas se mesclam. Quando esses espaços funcionam bem, eles servem de palco para nossas vidas sociais, e a vida social nos espaços públicos é essencial para a qualidade de vida dos indivíduos e da sociedade, para o engajamento cívico e a formação e interação de uma comunidade.

Para que um espaço público possa alcançar tudo isso, ele precisa ser concebido para tal, pensando prioritariamente nos seus usuários e em suas necessidades.

A observação da conjuntura de abandono do Bosque General Eudoro Correia nos trouxe o interesse de propor um novo projeto, que fizesse melhor uso de seu amplo espaço e localização privilegiada para fazer cumprir seu verdadeiro papel promotor de sociabilização, cultura e pluralidade de usos para a população – algo que a cidade de Fortaleza tanto necessita.

Mas essa intenção veio acompanhada da dúvida acerca da factibilidade dessa proposta. Assim como o projeto anterior, apesar das boas intenções do arquiteto, não promoveu tais atividades e usos, nos perguntamos: *quais seriam as medidas necessárias para que uma nova proposta obtivesse êxito?* Essa é a principal questão sobre a qual pretendemos nos debruçar neste trabalho: os instrumentos capazes de propiciar o conhecimento necessário para tecer um projeto promotor de um convívio democrático e de urbanidade em espaço público.

OBJETIVOS

O objetivo central deste Trabalho Final de Graduação é refletir sobre o estado generalizado de subutilização de áreas públicas da cidade de Fortaleza e sobre as possibilidades projetuais para a sua recuperação. Neste sentido, buscamos estudar e elaborar um **Projeto de Reabilitação do Bosque Gen. Eudoro Correia**, espaço público que se encontra em crescente estado de degradação.

Complementarmente, o trabalho objetiva fundamentar a decisão projetual na percepção e aspirações dos usuários. Neste caso, escolhemos as ferramentas metodológicas para reverter essa conjuntura negativa, estimulando a pluralidade de atividades e de frequentadores, e promovendo um espaço de sociabilização pública e democrática.

METODOLOGIA E FERRAMENTAS DE UM ARQUITETO

O processo de projeto de arquitetura é bastante subjetivo, pois envolve soluções técnicas e artísticas. As variáveis podem ser inúmeras e a experiência pessoal pode muitas vezes prevalecer. Assim como existem boas soluções de projeto, existem também aquelas que não obtêm sucesso, principalmente porque não ha somente um método para resolver os problemas. Cada caso possui singularidades que demandam soluções específicas.

Já o projeto de um espaço público possui ainda mais peculiaridades que aquele destinado a uso particular. Ao projetar uma praça, por exemplo, o arquiteto pode perder o contato direto com aqueles que irão propriamente utilizar o espaço. Assim, é muito comum que as preferências do usuário deixem de ser levadas em consideração e todas as decisões de projeto fiquem sob o arbítrio do arquiteto. Mas, diferente do que se pode pensar, esse cliente não se omitiu, mas multiplicou-se: e esse contato pode, e deve, ser resgatado.

Ao projetar um espaço público, o arquiteto tem a sua disposição diversas fontes de informação sobre esse local e ferramentas muito poderosas para utilizar. A observação pode dizer muito sobre as dinâmicas de um lugar, assim como os clientes em questão: os usuários e pedestres. Eles, mais do que ninguém, são os especialistas sobre o objeto de estudo e poderão revelar suas percepções e potencialidades, além dos problemas críticos a serem solucionados e o que é realmente importante para a comunidade.

As informações sobre os usuários do Bosque Gen. Eudoro Correia foram coletadas através de técnicas de **avaliação pós-ocupação** (A.P.O.). Trata-se de um processo de averiguação do desempenho e eficiência dos espaços que é aplicado algum tempo após

a sua construção e ocupação, e têm como foco principal os seus usuários e suas percepções, podendo ser aplicado tanto a edifícios quanto a áreas livres urbanizadas. No presente estudo, utilizamos as seguintes ferramentas de A.P.O.:

- Levantamentos fotográficos;
- Entrevistas e aplicação de questionários;
- Observação assistemática do espaço;
- Mapeamento comportamental;
- Mapeamento espacial, identificando barreiras físicas que atrapalhem a circulação desejada e as não conformidades existentes.

Esse modo colaborativo de pensar a projeção dos espaços públicos, nos levou a um segundo princípio conceitual: o de **Placemaking**, que busca criar e transformar os espaços públicos, reforçando sua ligação com as pessoas.

O Placemaking é um movimento que reimagina espaços públicos como o coração de cada comunidade, em cada cidade. É uma abordagem transformativa que inspira as pessoas a criar e melhorar os seus locais públicos. Ele fortalece a conexão entre as pessoas e os lugares que eles compartilham. (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2014, tradução nossa)

Tendo em vista que essas são precisamente as mudanças que se fazem necessárias no contexto do Bosque General Eudoro Correia, os princípios do *placemaking* serão aplicados para analisar, levantar os dados necessários e construir uma proposta para o seu projeto de intervenção.

A aplicação dos preceitos de *placemaking* ao objeto de estudo escolhido consiste em, primeiramente, entrar em contato com o ambiente estudado e seus usuários, buscando compreender a realidade de sua dinâmica social e seu nível de satisfação, para, em seguida, utilizar as informações obtidas para fundamentar um futuro projeto que satisfaça suas carências e aspirações.

ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho encontra-se estruturado em três capítulos: Fundamentação Teórico-Conceitual, Aproximando-se do Objeto de Estudo e Projeto de Reabilitação do Bosque.

O primeiro capítulo, **Fundamentação Teórico-Conceitual**, trata-se de uma súpula do estudo realizado sobre os principais temas aqui abordados - como a relação das praças públicas e as cidades, e os conceitos de urbanidade, avaliação pós-ocupação e placemaking - sob a luz de autores como Jan Gehl, William White, Sun Alex e Sheila Ornstein. Também são feitas alusões a alguns projetos que serviram como referência e inspiração para a intervenção proposta.

O segundo capítulo, **Aproximando-se do Objeto de Estudo**, é focado no Bosque General Eudoro Correia, configurando-se, primeiramente, em um apanhado de informações históricas relativas a ele, seguindo de uma análise de sua situação atual e da avaliação pós-ocupação realizada, expondo as deduções concernentes aos dados obtidos.

O terceiro capítulo, **Projeto de Reabilitação do Bosque**, apresenta a intervenção proposta para o objeto de estudo. A princípio, são explanados os parâmetros de projeto advindos dos estudos realizados no segundo capítulo, em seguida é apresentado o programa de necessidades desenvolvido, seguido pelo resultado final da proposta paisagística e arquitetônica.



FUNDAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

I.1 A PRAÇA E A CIDADE

A população dos centros urbanos cresce exponencialmente - pela primeira vez na história supera a população rural - e um dos fatores que fazem com que esses centros sejam tão atrativos é a sua oferta de um convívio humano mais diverso e dinâmico. Mas, atualmente, são poucas as cidades que estão preparadas para proporcionar a seus habitantes os espaços necessários para exercer essa vida pública.

As cidades costumavam ser espaços sociais projetados para as pessoas, onde a vida social acontecia. Assim como relata Gehl, as atividades e interações de uma comunidade costumavam ocorrer publicamente:

Ao longo da história, o espaço da cidade funcionou como um lugar de reunião em vários níveis para os moradores da cidade. As pessoas se encontraram, trocaram notícias, fecharam negócios, arranjaram casamentos - artistas de rua entretiveram e bens foram postos à venda. (...) tudo era realizado em plena vista do público. A cidade era o ponto de encontro. (GEHL, 2010, p. 25. Tradução nossa).

Mas nos últimos 50 anos, os automóveis e centros comerciais progressivamente ocuparam um espaço prioritário nos espaços públicos, deixando as pessoas que de fato vivem nelas praticamente esquecidas. "O espaço da cidade continuou a funcionar como um importante ponto de encontro social no século 20, até que os ideais de planejamento do modernismo prevaleceram e coincidiram com a invasão do carro." (GEHL, 2010, p.25).

A praça pública, que, desde o começo de sua narrativa, possui forte significado simbólico - com a Ágora grega como símbolo de liberdade e democracia e o Fórum Romano como símbolo de poder - hoje é muitas vezes limitada a um lugar de cruzamento das vias públicas ou estacionamentos para automóveis. (DE ANGELIS et al, 2005).

Imagem 1 e 2 - A Ágora Grega e o Fórum Romano, símbolos de espaço público da antiguidade. Fonte: <http://arte-hca.blogspot.com.br/>



O desuso das praças acarreta a perda de oportunidades de sociabilização e de fortalecimento da cidadania, contribuindo para o aumento da dependência de espaços privados para a prática da vida pública e, conseqüentemente, das desigualdades sociais e da exclusão. Garantir o acesso público e o uso coletivo – condições essenciais para promover a vida pública nas praças – é um desafio e uma responsabilidade para a cidade e para o paisagismo. (ALEX, 2008, p. 279).

As praças públicas são os principais espaços sociais das cidades, são pontos nodais¹ que possuem uma importante função de referencia e legibilidade urbana para os cidadãos. “Simultaneamente uma construção e um vazio, a praça não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano.” (ALEX, 2008, p. 23).

A praça estruturada dentro da malha urbana é um fenômeno que se tornou definitivo a partir do Renascimento, com a Piazza Italiana, a Plaza Mayor Espanhola e a Place Royale Francesa, quando ela se tornou referência de lugar, estilo de vida, boa “arquitetura” ou bom desenho urbano. (ALEX, 2008)

Em muitas cidades mundo afora, as praças públicas são as atrações principais. Agregando elementos históricos, atividades comerciais e entretenimento, elas são os pontos de encontro concorridos de milhares de pessoas, o palco da vida urbana. O segredo dessas praças movimentadas e cheias de vida é a quantidade de atividades que elas abrigam simultaneamente, sempre oferecendo a possibilidade do convívio social, das pessoas observarem a vida social das ruas e serem observadas.

Nos últimos 50 anos, as praças brasileiras foram fortemente influenciadas pelo modelo estadunidense de parques urbanos e jardins privativos, que ocasionou uma grande dificuldade de caráter ideológico relacionada ao uso da vegetação para criar refúgios anti-urbanos, cortando qualquer diálogo com o espaço da cidade. (ALEX, 2008).

(...), a partir dos anos 60, o projeto das praças incorporou influências estéticas e funcionais do paisagis-

¹ Termo criado pelo urbanista Kevin Lynch, em seu livro *A Imagem da Cidade*.

mo moderno norte-americano e, mais recentemente, adotou exacerbadas preocupações “ecológicas”; e que, apesar de considerar frequentemente o uso coletivo um de seus objetivos principais, as inovações trazidas por ele nem sempre resultaram em espaços mais convidativos ou adaptáveis à presença da população. Ao contrário dos discursos bem intencionados, as praças recém-inauguradas têm-se revelado fechadas para o entorno e bastante hostis ao público, negando, portanto, o encontro e o convívio pretendidos. (ALEX, 2008, p. 17).

Se por um lado essa nova influência promoveu a ruptura estética com o traçado dos jardins franceses do século XIX, essa valorização da estética do paisagismo norte-americano se desdobrou em graves consequências para a dinâmica das praças.

O “verdismo” adotado, consequência das preocupações mundiais relacionadas ao conflito homem-natureza, assumiu proporções exacerbadas nos projetos das praças públicas ao priorizar a vegetação e preterir a utilização social dos espaços livres urbanos. (ALEX, 1980)

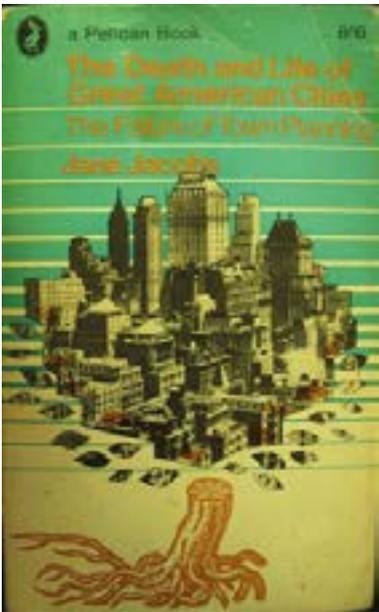
Outro conflito presente no paisagismo atual é referido por Sun Alex como a ênfase desmesurada dada ao “recreacionismo”, relacionado à substituição da função original da praça de ponto de encontro e convergência de fluxos urbanos pelo sobrecarregamento de equipamentos de recreação, desconsiderando as reais demandas locais.

Essas medidas produziram praças mais fechadas e restritas ao uso coletivo, “afastando, sob o acúmulo de atribuições, como recreação ou infra-estrutura urbana, a praça de suas funções essenciais originais: convívio social e articulação do tecido urbano.” (ALEX, 1980, p.270)

Os espaços abertos das cidades, constituídos pelas ruas, praças, parques e jardins, não podem ser simplesmente tratados como uma questão de diferença de escala. Cada um deles, com suas funções e usos distintos, exige um projeto de natureza diferente, podendo cumprir com excelência seu objetivo mesmo sem a presença de uma farta vegetação. (ALEX, 1980).



Imagem 3 e 4- Acima, Jane Jacobs no Washington Square Park, 1963. Abaixo, o livro que inspirou a revolução no modo de pensar as cidades modernas.
Fonte: Fred W. McDarrah/Getty Images e arquivo pessoal da autora.



POR UMA CIDADE GENTIL

As cidades têm crescido rapidamente, e o crescimento urbano continuará a acelerar nos próximos anos. Cidades novas e existentes terão que fazer mudanças cruciais nos pressupostos para o seu planejamento e prioridades. Maior foco nas necessidades das pessoas que usam as cidades deve ser um objetivo chave para o futuro. (GEHL, 2010, p.6. Tradução nossa)

Na década de 60, surgiu uma nova perspectiva sobre o estudo das cidades, e ela estava no nível dos olhos dos pedestres. O lançamento do livro de Jane Jacobs *Morte e Vida de Grandes Cidades* em 1961, apresentando o conceito dos “olhos da rua”, levantou pela primeira vez a discussão sobre o colapso da vida social nos espaços públicos urbanos. Desde então, muito foram os que estudaram essas mudanças pelas quais as cidades passavam e discutiram as alternativas para essa situação.

Jan Gehl, ao lançar seu livro *Cidades para Pessoas*, discute sobre os aspectos que compõe a qualidade ambiental das cidades, tornando seus espaços públicos ambientes agradáveis e sociáveis. Ele analisa e discorre amplamente sobre aspectos tais como a escala humana, os percursos dos pedestres, e as diversas atividades exercidas nos locais públicos. Todos os fatores que compõe uma cidade com muita *urbanidade*.

Ao procurar pelo termo urbanidade em um dicionário², encontramos os seguintes significados:

“1 Qualidade do que é urbano. 2 Delicadeza, cortesia; civilidade, polidez.”

Esses significados definem o que é uma cidade onde há urbanidade: um ambiente cortês, gentil com seus habitantes.

Contrário ao planejamento modernista dedicado a desenvolver cidades excessivamente racionais, trabalhadas em setores e grandes escalas - assim como Brasília e sua bela composição somente vista de cima - Gehl fala sobre a cidade na dimensão humana, planejada em pequena escala.

² Consulta realizada no dicionário Michaelis da Língua Portuguesa.

Ao invés da ordem modernista de planejamento *edifícios-espacos-vida*, ele sugere que se pense ao contrário. No lugar da prioridade ao automóvel, que varre a vida para fora das cidades e torna os trajetos a pé totalmente impossíveis, concentrando os serviços e comércios em grandes centros comerciais, ele sugere olharmos para o passado, antes do período dominado pelo modernismo. Nas cidades da renascença e do período barroco, o espaço público era o ponto de partida do planejamento urbano.

Determinadas medidas são decisivas para o incremento da urbanidade nos espaços públicos de uma cidade. Uma vez que urbanidade é sinônimo de gentileza da cidade para com seus habitantes, a prioridade de uso de seus espaços deve ser dos pedestres e dos meios de transporte mais democráticos.

Os trajetos urbanos para os pedestres, as calçadas, precisam oferecer maior conforto para a caminhada, com uma boa pavimentação, largura mais generosa e conforto térmico. As praças públicas, como os principais espaços públicos de encontro entre pessoas, precisam ser pensadas para elas, cumprindo as demandas específicas de cada comunidade.

Além do aumento da quantidade e qualidade dos espaços públicos, é essencial a valorização dos transportes coletivos e o incentivo do uso da bicicleta. O incremento desse tipo de transporte também se torna uma ferramenta de sustentabilidade urbana na medida em que, se as pessoas não sentem a necessidade de utilizar veículos particulares, menos CO₂ será lançado na atmosfera.

Convidar as pessoas a andar e pedalar os espaços da cidade é um começo, mas não é suficiente. O convite precisa também incluir opções para sentar e passar tempo na cidade.

As ideologias dedicadas aos ideais de desenvolver um ambiente racional e simplificado para atividades necessárias rejeitam o espaço da cidade e a vida que acontece nela, tratando-a como desnecessária. Antigamente, as pessoas costumavam passar muitas horas nas ruas, resolvendo pendências práticas e sociais, e o caminhar e estar no ambiente urbano era parte do dia a dia de todos.

Hoje, quase não existem incumbências necessárias ou razões para passar algum tempo aprazível no espaço da cidade com os prazeres e alegrias que se seguem. Nessa nova situação, cafés e copos de café proporcionam novos destinos e novas razões para passar horas de seu tempo na cidade. (GEHL, 2010, p. 147. Tradução nossa.)

Nessa nova realidade de afastamento das atividades práticas do espaço das cidades, podendo-se até dizer isolamento, as atividades lúdicas poderiam vir a tomar seu lugar. Os cafés de rua, que historicamente têm um papel importante na produção intelectual das cidades desenvolvidas, podem trazer de volta às pessoas essa convivência pública ao proporcionar mesas e cadeiras dispostas nas calçadas, onde todos pode se ver, interagir, e fazer novas amizades.

Um aspecto-chave da cidade é a diversificação da sua paisagem: lojas, janelas com anúncios, portas, e pessoas entrando e saindo de estabelecimentos. Mas as novas torres empresariais que estão sendo instaladas nas grandes cidades estão acabando com os pequenos estabelecimentos, colocando em seu lugar inacabáveis paredes monocromáticas e fachadas de vidro.

Essa realidade deve ser combatida com novas soluções que caminhem junto ao desenvolvimento, como o incentivo aos espaços públicos de qualidade, comércios locais e o cuidado com o patrimônio histórico urbano; guiando esse desenvolvimento por um caminho salubre onde as cidade possam voltar a ter as suas praças como lugares simbólicos primordiais.

QUADRO 1.1 - VICTOR CIVITA (SP)

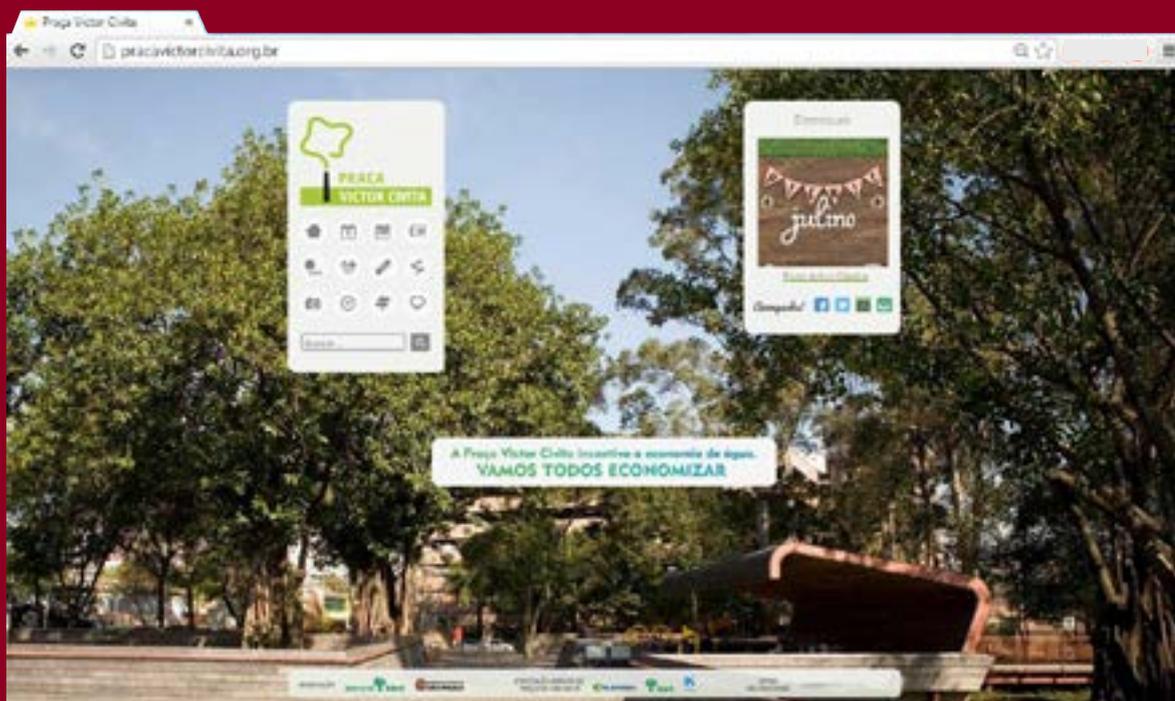
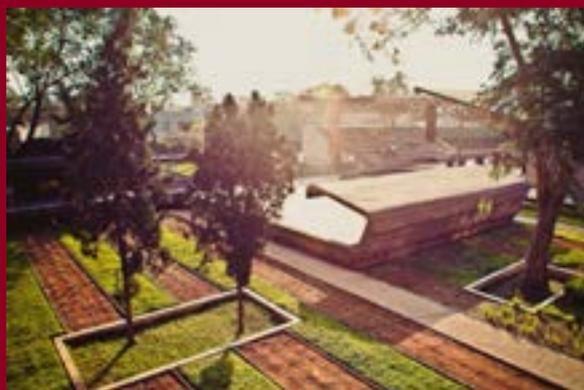
Imagem X, X e X
Fonte: pracavictorcivita.org.br

A Praça **Victor Civita** - localizada em São Paulo - é um espaço único de lazer e cultura que agrega uma grande diversidade de usos e atividades. Construída em uma área anteriormente degradada onde funcionava o antigo incinerador Pinheiros, ela foi alvo de uma reestruturação com um projeto inovador, e hoje oferece aos seus usuários uma vasta programação cultural, esportiva e de lazer.

A Praça Victor Civita possui diversos equipamentos, incluindo um espaço de arquibancas ao ar livre com um palco, aparelhos de ginástica e bicicletário.

Para conseguir estabelecer uma conexão com seus visitantes e poder comunicar sua programação semanal e eventos com rapidez e grande alcance, a Praça Victor Civita faz de seu site oficial seu canal de comunicação, expondo tudo sobre suas instalações, sua história, exposições, festivais, fotos dos eventos e sua vocação ecológica.

As realizações desse espaço tão ativo na comunidade são graças às bem-sucedidas associações publico-privadas realizadas entre a Prefeitura de São Paulo e diversas empresas e instituições, com destaque para o Instituto Abril.



I.2 A.P.O.

O processo de avaliação da qualidade de produtos colocados em uso para a população é recomendado e exigido por muitos parâmetros de qualidade; e isso não deve ser diferente com os ambientes construídos.

Essas avaliações sistemáticas dos espaços após algum tempo de sua construção - as chamadas avaliações pós-ocupação ou APO - já são extremamente comuns nos países desenvolvidos, mas, no Brasil, esse processo ainda não foi totalmente incorporado ao ciclo vital dos ambientes construídos. O que de fato acontece é justamente o contrário: a repetição de modelos importados que não se adequam tão bem à nossa realidade.

A A.P.O. é um processo de avaliação de se difere dos demais por priorizar aspectos de uso, operação e manutenção, considerando essencial o ponto de vista dos usuários, in loco. (ORNSTEIN, 1992). Uma APO prima por promover uma intervenção que privilegie os usuários de determinado ambiente, melhorando sua qualidade de vida.

O conhecimento sobre APOs chegou ao Brasil através da USP, onde vêm sendo desenvolvidas pesquisas nessa área desde 1984, sendo lançado o primeiro livro nacional sobre o assunto em 1992, "Avaliação pós-ocupação do ambiente construído", de Sheila Ornstein.

Uma APO não possui pré-requisitos limitantes para sua aplicação, podendo ser empregado em diversas situações.

"O contexto de "ambiente construído" é definido em um sentido mais amplo, podendo se referir a micro ou macroambientes, tais como o edifício, o espaço público coberto ou descoberto, a infraestrutura urbana, a cidade ou, ainda, a região." (ORNSTEIN, 1992, p. 15)

Assim, qualquer ambiente construído, independente de escala, pode ser passível de avaliação. Da mesma maneira, não há tempo limite a partir da data de sua

construção, uma vez que um espaço poderá ser avaliado e passível de ser melhorado sempre que estiver sendo utilizado.

Em relação à APO, Sheila Ornstein propõe uma divisão em três níveis diferentes:

1 - APO indicativa ou de curto prazo - com rápidas visitas exploratórias ao ambiente, entrevistas selecionadas com usuários-chave e anotações sobre os principais pontos positivos e negativos.

2 - APO investigativa ou de médio prazo - consiste basicamente no nível escrito anteriormente acrescido de observações sobre o desempenho do espaço.

3 - APO Diagnóstico ou de longo prazo - com definições detalhadas dos critérios de desempenho, utilizando técnicas mais sofisticadas de avaliação e correlação das respostas dos usuários com os dados físicos do ambiente.

As APOs, uma vez que são realizadas em ambientes distintos, também estão sujeitas a ser complementadas, reduzidas ou mudadas de acordo com as demandas de cada situação.

I.3 PLACEMAKING

O termo em inglês **placemaking** significa, literalmente, “fazendo lugares”. Não no sentido literal, mas no sentido simbólico do que “lugar” significa: um espaço social e cultural vibrante, feito para as pessoas e pelas pessoas.

Nos anos 60, autores de clássicos sobre urbanismo como Jane Jacobs e William H. Whyte começaram a estudar as cidades e expor suas ideias inovadoras sobre elas. Eles foram os primeiros a falar sobre espaços urbanos acessíveis que atendiam as necessidades das pessoas e priorizavam o pedestre - a sua saúde, bem estar e felicidade - ao invés dos automóveis ou empreendimentos comerciais. A partir dessas ideias inovadoras, desenvolveu-se o termo *placemaking*, que nos anos 70 passou a ser utilizado por projetistas, paisagistas e planejadores como uma abordagem de planejamento, design e gestão dos espaços públicos que é centrada nas pessoas.

Pode-se entender *placemaking* como uma postura urbanística: é tanto uma filosofia quanto uma metodologia de projeto. É um movimento que foca a qualidade dos espaços urbanos, nos seus trunfos, inspirações e identidade local. Ele defende que os espaços públicos devem ser pensados para que sejam o palco da vida pública de uma comunidade, e ninguém mais do que a própria comunidade possui o conhecimento necessário para fazê-lo: isto é, trata-se de olhar, escutar e fazer perguntas aos que vivem, trabalham ou frequentam um determinado espaço para descobrir as suas reais necessidades, em busca da elaboração de um ambiente que privilegie a convivência entre as pessoas, a escala humana e a qualidade de vida.

Placemaking é um movimento que reimagina espaços públicos como o coração de cada comunidade, em cada cidade. É uma abordagem transformativa que inspira as pessoas a criar e melhorar os seus locais públicos. Placemaking fortalece a conexão entre as pessoas e os lugares que eles compartilham.” (Em: Site oficial do Project for Public Spaces, tradução nossa).

LUGAR SIMBÓLICO X LUGAR FÍSICO

Ao contrário do lugar social que uma vez já foi, a rua - o espaço urbano fundamental em todas as cidades - já não pertence mais às pessoas de verdade, aos que caminham e a vivenciam. O espaço destinado aos automóveis possui uma vantagem esmagadora sobre o dos pedestres, uma divisão injusta e desumana. Os poucos e restritos espaços destinados unicamente aos que estão a pé - as praças e parques da cidade - tampouco parecem ter sido projetadas pensando verdadeiramente nas atividades que se dariam nelas, mas apenas nas suas qualidades arquitetônicas, no design. O resultado é um **lugar físico**, sem vida.

Como retrata Whyte (1980), “É difícil projetar um espaço que não irá atrair as pessoas. O que é notável é a frequência com que isso foi realizado.” Um lugar físico é aquele que não possui atrativos para que seja frequentado pela população. Tendo ou não uma boa manutenção, ele é um ambiente infértil, que não promove o mínimo necessário para que uma vida social possa florescer. Muitas das praças atuais parecem ter sido intencionalmente projetadas para serem vistas de longe, mas nunca tocadas. Elas são muito limpas e organizadas, possuem um design arrojado e seu ambiente produz uma barreira social excludente que mantém longe os “indesejáveis”. Mas, assim como também afirma Whyte (1980): “Espaços projetados para manter longe os indesejáveis (...) geralmente tendem a manter longe outras pessoas também.”.

A antítese dessa situação estéril é exatamente um lugar no seu sentido **simbólico**, um espaço de encontro entre pessoas. Para esse lugar poder existir, o ambiente precisa ser favorável, com diferentes tipos de atrações para diferentes grupos, faixas etárias e interesses. Para que isso seja possível, as próprias pessoas precisam estar envolvidas nesse processo de criação, possibilitando ao projetista explorar as reais aspirações e problemáticas do local. Esse empoderamento da comunidade é essencial para que possa nascer o sentimento de pertença ao espaço público que fundamenta a cidadania.

QUADRO 1.2 - BRYANT PARK (NY)

Imagem X, X e X
Fonte: www.bryantpark.org



O **Bryant Park** - localizado em Nova York - é um exemplo de espaço público de qualidade que é um símbolo de encontro e de vida social de uma comunidade.

Anteriormente, essa grande praça localizada ao lado da Biblioteca Pública era descrita como um espaço inseguro. Ao ser elevada para acomodar as prateleiras da biblioteca abaixo dela e cercada por uma sebe alta, o seu interior deixou de ser visível da rua. Com base nas recomendações do *Street Life Project*, comandado por **William Whyte**, Bryant Park foi redesenhado e reconstruído na década de 1980.

Hoje, essa praça possui um espaço bem planejado e uma administração comprometida que promove diversos tipos de atividades e atrativos para a população, e atrai centenas de pessoas regularmente. Na praça são realizadas feiras, disponibilizados diversos espaços para alimentação, monumentos, espaço com jogos de tabuleiro, pingue-pongue, carrossel, espaço para leitura com oferta gratuita de livros, programação de apresentações ao vivo e sessões de cinema ao ar livre.

Duas das atividades da praça que atraem a população em grande volume são a feira de rua **Hester Street Fair (HSF)** e o festival de cinema ao ar livre **HBO Bryant Park Film Festival**.

A feira HSF foi criada a partir dos princípios de placemaking em parceria com o escritório Studio Castellano. A cada fim de semana, essa feira reúne pequenas empresas e artistas independentes especializados em produtos e comidas artesanais, criando um dos mais dinâmicos eventos ao ar livre da cidade.

O festival de cinema ao ar livre patrocinado pela HBO já existe há 22 anos e acontece uma vez por semana durante o verão estadunidense. Com exibições começando às 20h00min, o parque convida as pessoas a chegarem ao pôr do sol, levando suas toalhas para estender no gramado e fazer um piquenique.

Essa relação incentivada entre o espaço público e as pessoas inicia um ciclo de apego e cuidado com os bens públicos, promovendo uma vida em comunidade mais saudável.

WILLIAM H. WHYTE

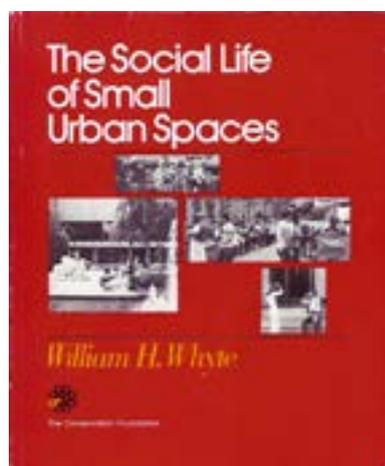


Imagem 5 - William Whyte durante as pesquisas para o *Street Life Project*.

Fonte: www.pps.org

Imagem 6 - Capa do livro "The Social Life of Small Urban Spaces" de William H. Whyte.

Fonte: <http://www.scnyc.net/still/>



Há um elemento absolutamente necessário para os espaços públicos, o único realmente indispensável. Sem ele, uma praça perde todo o seu significado, e nem todos os outros elementos combinados poderiam substituí-lo. Esse elemento são as **pessoas**.

Esse é o princípio defendido por William H. Whyte, um sociólogo estadunidense especializado no estudo do comportamento humano nos espaços urbanos. Ele é o autor do livro e documentário homônimos *The Social Life of Small Urban Places* (A Vida Social dos Pequenos Espaços Urbanos), resultados de um projeto de pesquisa de nove anos chamado *Street Life Project*.

Em sua pesquisa, Whyte busca entender porque alguns espaços públicos funcionam e outros não. Ele e sua equipe de pesquisadores observaram, mapearam e filmaram diversas praças da cidade de Nova York, analisando o seu sucesso ou fracasso, procurando descobrir suas causas. Sua pesquisa focou na observação do comportamento e dinâmica dos pedestres, buscando reconhecer padrões comportamentais relacionados aos diferentes elementos de um espaço público, desde seu mobiliário à influência do clima e dos demais fatores naturais. Com essa observação da ordem natural dos espaços e como as pessoas os ocupam, ele forneceu uma crítica intuitiva sobre as maneiras que eles poderiam ser melhorados.

A análise apresentada na obra de Whyte, que é considerada uma contribuição marcante na esfera do conhecimento urbanístico, é peculiar e extremamente rica por ser o trabalho de um cientista social que se utiliza de suas raízes acadêmicas para produzir uma nova perspectiva na narrativa do estudo da urbs.

AS CARACTERÍSTICAS DAS PRAÇAS BEM UTILIZADAS

Ao longo da pesquisa de Whyte, vários padrões comportamentais surgiram e as primeiras conclusões foram sendo tiradas. O primeiro fator observado foi a quantidade extraordinária de atividades diferentes sendo praticadas nos espaços bem-sucedidos: pessoas lendo, conversando, comendo, fumando, namorando, entre muitas outras. Uma verdadeira reunião de indivíduos com interesses diversos compartilhando o

mesmo ambiente.

Além disso, esses espaços bem-sucedidos eram mais democráticos: seus frequentadores possuíam uma diversidade cultural, de idade e origem social. Essas praças apresentavam uma grande quantidade de grupos de duas ou três pessoas, mas tinham um número ainda maior de indivíduos, e a atividade mais realizada por eles era simplesmente a contemplação: olhar pra outras pessoas. “Se você está sozinho, um local animado pode ser o melhor lugar para estar.” (WHYTE, 1980, p. 18. Tradução nossa.)

A presença de casais também foi constatada uma constante, e, ao contrário do que se pode imaginar, eles não preferiam recantos mais reservados, mas ficavam nos locais mais visíveis. Isso também é válido com relação à quantidade de mulheres: uma maior proporção média de mulheres é um forte indicativo de alta urbanidade em uma praça pública, pois denota uma atmosfera de segurança, uma vez que elas são mais sensíveis a abordagens e aborrecimentos. “Se uma praça tem uma proporção significativamente menor de mulheres, algo está errado. Onde há uma proporção maior do que a média de mulheres, a praça é provavelmente muito boa e foi escolhida como tal.” (WHYTE, 1980, p. 18. Tradução nossa).

Juntamente com as observações sobre o comportamento humano, Whyte realizou anotações sobre elementos das praças públicas que são catalisadores de uma boa visitação pela população. São destacados adiante aqueles que se adéquam à realidade bioclimática da cidade de Fortaleza:

1 - LUGARES PARA SENTAR:

O espaço para se sentar é considerado por Whyte um pré-requisito básico para que o espaço seja convidativo. Em suas pesquisas, ele observou inúmeras variáveis e essa foi considerada por ele a mais importante: *peessoas tendem a sentar onde há lugares para se sentar.*

Essa frase pode parecer um pouco redundante e óbvia, mas esse é um fato que nem sempre é observado e priorizado nos projetos das praças. Em seu livro, ele afirma: “As fontes mais atrativas, os projetos mais marcantes não podem induzir as pessoas a virem e se sentarem se não existe lugar para se sentar” (WHYTE, 1980, P.28, tradução nossa).

Ele afirma que um lugar para se sentar não

Imagem 7 - Pessoas descansando e fazendo piqueniques na grama. Bryant Park.
Fonte: <http://www.scnyc.net/still/>



precisa necessariamente ser um clássico banco de praça; esse é um conceito abrangente, que engloba praticamente qualquer superfície apta a servir a esse propósito: uma mureta na altura ideal, escadas, a beirada de uma fonte, todos esses e muitos outros espaços podem servir de assento para as pessoas, se durante a concepção do projeto esse aspecto for levado em consideração.

Em seus muitos registros em vídeo ao longo dos anos de sua pesquisa, ele observa que muitos também se utilizam dos espaços com grama para sentar-se, uma prática bastante comum e que não deve ser repreendida. Em uma cidade como Fortaleza, na qual a temperatura é constante e o clima é ameno à sombra, essa é uma atividade subutilizada nos espaços públicos, mesmo que pontualmente algumas pessoas façam piqueniques em lugares como o revitalizado Passeio Público, no centro da cidade, ou o Parque Adahil Barreto, que está em atual estado de abandono.

“A escolha deve ser incorporada ao projeto básico. Mesmo que bancos e cadeiras possam ser adicionados, o melhor caminho é o de maximizar as possibilidades para sentar nas características inerentes. Isso significa fazer bordas para que elas sejam sentáveis, ou fazer outras superfícies planas ter função dupla como tampos de mesa ou assentos. Há quase sempre tais oportunidades.” (WHYTE, 1980, p. 28. Tradução nossa).

O que muitas vezes ocorre é a subtração proposital desse potencial de “sentabilidade” dos espaços. Não raramente, os responsáveis pela manutenção de espaços públicos promovem a colocação de barreiras físicas em batentes e muretas para impedir que as pessoas os utilizem para sentar-se, certamente com a intenção de manter uma dita ordem e afastar pessoas indesejáveis, como moradores de rua ou até mesmo adolescentes. Mas o resultado deste custo adicional pode causar um efeito contrário ao desejado, afastando as pessoas e deixando o local vazio, tornando-o muito mais perigoso.

É claro que uma praça que possui bastante espaço “sentável” é um espaço mais convidativo que aquele que não o possui. Isso proporciona um fator que faz com que as pessoas se sintam muito confortáveis: a possibilidade de escolha. Inclusive, esse é o

princípio que faz com que cadeiras móveis sejam tão populares. Whyte fez observações muito pertinentes sobre o comportamento das pessoas ao utilizarem uma cadeira móvel: por mais que esteja em uma boa localização, sempre é movimentada por seu futuro utilizador, num ato de apropriação. Esse tipo de cadeira é muito confortável socialmente, possibilitando a reunião de grupos de tamanhos diferentes e permitindo que um indivíduo, mesmo não havendo muito espaço, afaste ligeiramente a sua cadeira de um grupo próximo, enviando uma mensagem de respeito à privacidade deles. É uma comunicação silenciosa e socialmente implícita. Há também mais um aspecto positivo desse tipo de cadeira: elas normalmente tendem a ser mais confortáveis, principalmente se tiverem uma boa ergonomia e apoio de braços.

Mas a quantidade de espaço para se sentar não é o único fator relevante. Assim como existe a preferência pelo conforto e maleabilidade social das cadeiras móveis, assim também é com o design dos bancos. Os tradicionais bancos de praça, isolados uns dos outros, com lugares para duas ou três pessoas lado a lado são os menos apropriados possíveis. Eles não acolhem um grupo maior e nem permitem que pessoas desconhecidas se sintam à vontade ao compartilhá-lo.

Não existe uma fórmula de um banco ideal, somente a certeza de que a diversidade é a chave: várias opções diferentes para sentar. Bancos com encosto são mais cômodos para descansar ou ler algo, bancos (ou degraus) com angulação de 90 graus são ótimos para grupos, bancos mais largos acomodam confortavelmente duas pessoas de costas uma para a outra. A conclusão é que assim como a opção de escolha de lugares diferentes é necessária, assim também é a opção por tipos de bancos diferentes. A variedade de designs é muito positiva, e só traz benefícios ao frequentador, e consequentemente, ao espaço público.

Imagem 8 - Pessoas sentada em cadeiras móveis. Bryant Park.
Fonte:<http://tcsidewalks.blogspot.com.br/2013/09/moveable-chairs-on-saint-paul-jail.html>





Imagem 9 - Café ao ar livre em Pereira, Colômbia.
 Fonte: http://www.tripadvisor.co.uk/LocationPhotoDirect-Link-g297479-i1815592-Pereira_Risaralda_Department.html

2 - COMIDA:

Outro elemento destacado por Whyte como essencial para fomentar a atividade em um ambiente é a comida. Em qualquer lugar, quase sempre onde se encontra uma grande aglomeração de pessoas é onde existe algum local de alimentação; é onde elas se agrupam para comprar, comer, ou apenas observar. “Comida atrai pessoas, que atraem mais pessoas” (WHYTE, 1980, p.52).

É muito comum que um local público de sucesso atraia muitos vendedores ambulantes de comida, principalmente nos horários mais movimentados, mas também é comum que muitas vezes suas presenças sejam proibidas. Esses vendedores se tornaram os catalisadores da vida ao ar livre das cidades, suprimindo uma demanda que não é amparada pelos estabelecimentos comerciais regulamentados. (WHYTE, 1980)

Uma boa solução para os locais públicos, assim como foi sugerido em 1975 por Whyte para a lei de zoneamento de Nova York, é o requerimento prévio de pelo menos uma instalação básica de comida nos espaços livre da cidade, como praças e parques.

Os Cafés ao ar livre ou “de calçada”, que surgiram com a cultura das cidades mediterrâneas, se espalharam por todo o mundo nas últimas décadas, mesmo em cidades onde o clima é mais frio. Assim como afirma Gehl, as vantagens dos cafés se dão em vários aspectos:

Imagem 10 - O Shake Shack da praça Madison Square Park é uma concessão de sucesso do espaço público com uma rede popular de restaurantes. Ele atrai clientes diariamente para o centro da praça, que esperam em longas filas por seus famosos sanduíches.
 Fonte: <http://www.nycgovparks.org/about/history/concessions/types-c-f>



“A popularidade dos Cafés e a estadia relativamente longa neles acentua o fato de eles oferecerem uma combinação atrativa de opções: cadeiras razoavelmente confortáveis e normalmente uma boa vista dos transeuntes. A real justificativa e atração dos cafés de calçada é precisamente essa: a vida nas calçadas. A oportunidade de descansar e beber algo é mais uma vantagem.” (GELH, 2010, p. 146. Tradução nossa)

Mais do que somente um lugar para se sentar ou comer algo, um Café representa um motivo para as pessoas saírem de suas casas, uma razão válida para estarem em público, observando e interagindo uns com os outros. É menos provável que as pessoas frequentem um espaço sem algo concreto nele que as atraia. “Uma boa cidade é como uma boa festa, as pessoas permanecem porque estão se divertindo.” (GEHL, 2010, p.147)

3 - ÁRVORES:

Existem muitas boas razões para a preservação de árvores nos espaços livres, mas somente as finalidades climáticas já são suficientes para que elas sejam muito mais reivindicadas. Principalmente em uma cidade como Fortaleza, as sombras das árvores provocam uma diferença drástica na qualidade ambiental, tornando a sensação térmica muito mais agradável.

É um fato observado por Whyte que os locais posicionados à sombra de uma árvore são os preferidos pelos usuários dos espaços públicos, pois elas proporcionam uma sensação de acolhimento, fazendo as pessoas se sentirem aninhadas e protegidas.

Mas é muito comum que os espaços sob as árvores não sejam aproveitados como áreas de permanência. Normalmente, elas são isoladas por pequenas cercas ou canteiros que servem para afastar qualquer um que queira se aproximar ou sentar-se em sua área circundante; nos casos onde canteiros altos são utilizados para rodeá-las, eles geralmente possuem uma altura inapropriada e bordas estreitas demais para servir como assento confortável.

“Os projetistas deveriam ser incentivados a combinar árvores e espaços de estar. Eles também de-

Imagem 11 - Famílias fazendo piquenique no Passeio Público, em Fortaleza.
Fonte: <http://blog.baratocoletivo.com.br/blog/wp-content/uploads/2014/04/piquenique.jpg>



Imagem 12 - Pessoas aproveitando o dia e fazendo piqueniques embaixo das árvores no Goodale Park, em Columbus.
Fonte: <https://brinksinpain.files.wordpress.com/2012/07/imag0402.jpg>



veriam incentivar o plantio de árvores em conjunto. Como Paley Park tem mostrado, se as árvores forem plantadas próximas umas das outras, a sobreposição de folhagem fornece uma combinação de sombra e luz solar que é muito agradável.” (WHYTE, 1980, p. 47. Tradução nossa.)

4 - ÁGUA:

A água é um ótimo elemento para se trabalhar nos projetos de espaços públicos, pois possui qualidades estéticas e de qualidade ambiental. O som de seu movimento substitui os barulhos da rua e promove uma sensação de repouso e tranquilidade; e em climas quentes, como o de Fortaleza, provoca uma sensação térmica mais agradável. Além disso, as pessoas gostam de estar perto dela, de poder se aproximar e entrar em contato.

A água pode ser encontrada nos projetos de praças em forma de fontes, espelhos d’água, cachoeiras, e muitas outras. Ela possui grande maleabilidade estética, mas, de acordo com Whyte, ainda há um aspecto que falta: o acesso. “Não é correto colocar água na frente das pessoas e mantê-las longe dela.” (WHYTE, 1980, p.48).

A água deve ser acessível, tocável, *“brincável”*. É importante que o acesso até ela não seja obstruído fisicamente ou proibitivo; no caso das fontes, por exemplo, as beiradas devem ser apropriadas para que os frequentadores possam se aproximar e se sentar, e entrar em contato direto com a água, se desejarem.



Imagem 13 e 14 - Público adulto e infantil aproveitam o espaço próximo (e dentro) da fonte da praça Director Park, no centro de Portland.
Fonte: http://www.oregonlive.com/weather/index.ssf/2011/06/oregon_endures_wettest_spring.html



5 - RELAÇÃO COM A RUA:

“A área onde a rua e a praça se encontram é a chave para seu sucesso ou fracasso, e, idealmente, essa transição deveria ser tal que não se soubesse onde uma começa e a outra acaba”. (Whyte, 1980)

Por fim, um elemento que não faz parte de uma crítica de design, mas do planejamento da praça de uma forma integral. O relacionamento da praça com a rua não é um aspecto que se pode simplesmente adicionar ao seu espaço, como os fatores abordados anteriormente.

Whyte faz uma forte crítica aos espaços públicos que muram ou obstruem visualmente o seu interior, separando-o explicitamente da calçada. A razão primordial é que, de acordo com ele, se as pessoas não enxergam um espaço, elas não o utilizarão.

Whyte descreve a rua como o rio da vida de uma cidade, aonde as pessoas vão não para escapar, mas para participar dela. Os que passam pelas calçadas das praças também são seus usuários, na medida em que olham para dentro de seu espaço e interagem visualmente com aqueles que estão em seu interior, que por sua vez, também se encontram lá para observar a interagir com outras pessoas.

Um ponto particularmente dinâmico de uma calçada é a sua esquina, ela tem vida própria. É lá que uma boa praça começa, e a melhor maneira de privilegiá-la é simplesmente não murá-la ou obstruí-la. (WHYTE, 1980)

“As pessoas não estarão lá somente esperando que o sinal mude. Algumas estarão em uma conversação, outros, em alguma fase de uma despedida prolongada. Se houver um vendedor na esquina, pessoas irão se aglomerar ao redor dele, e ali haverá um tráfego de ida e volta considerável entre a esquina e a praça.” (WHYTE, 1980, p.54)

Equipar as esquinas com bancos ou canteiros com beiradas confortáveis para sentar é uma boa solução para amparar essa demanda de atividades e encontros realizados nelas, e tornar esse espaços cheios de potencialidades mais confortáveis e convidativos.

QUADRO 1.3 - PALEY PARK (NY)

A praça Paley Park é um *pocket park* localizado na cidade de Nova York. Inaugurada em 1967, ela foi idealizada - em todos os detalhes, desde o seu projeto ao tipo de cachorro-quente que seria servido - pela pessoa que pagou por ela, William Paley. Projetada pelo escritório Zion e Breene Associates, essa praça é um pequeno oásis de tranquilidade no centro de Manhattan.

Com apenas 390 m², Paley Park é um grande sucesso de público. Apesar de seu tamanho reduzido, ela é tanto um ponto de encontro para grupos quanto um espaço para aqueles que querem apenas um lugar tranquilo para ler.

Paley Park possui uma composição simples, com poucos elementos: se resume a uma área retangular fechada por três lados, com uma abertura por seu quarto lado diretamente para a rua, onde estão duas pequenas vendas de comidas. A sua parede de fundo, de 6.1 m de altura, é totalmente coberta por uma cachoeira, e as suas paredes laterais, por trepadeiras. Ao centro, estão mesas e cadeiras móveis, algumas árvores delgadas e vasos com flores.

O segredo de seu sucesso é que o seu espaço aparentemente simples segue todos os preceitos de Whyte: a relação com a rua é direta e convidativa, possui muitas cadeiras móveis e confortáveis, localizadas embaixo das copas





das árvores, sua cachoeira está ao alcance das pessoas e produz um ruído branco, que abafa os barulhos da rua, e, por último, oferece uma comida prática - sanduíches, cafés, sucos e etc. - a preços razoáveis.

Paley Park foi um dos parques observados pelo documentário de William Whyte, *The Social Life of Small Urban Spaces*, e está na lista da organização *Project for Public Spaces* como um dos melhores espaços públicos dos Estados Unidos.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES [PPS]

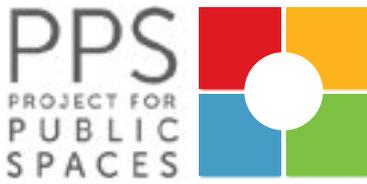


Figura 1- Símbolo da organização PPS.

Fonte: www.pps.org

Em 1975, Fred Kent - um aluno de William Whyte e colega no *Street Life Project* - fundou o *Project for Public Spaces* (PPS).

O PPS é uma organização educacional, de planejamento e de design, sem fins lucrativos, que tem sustentado o legado da obra de Whyte. De acordo com dados de seu site oficial, o PPS já realizou projetos para mais de 3000 comunidades em quarenta países e em todos os cinquenta estados norte-americanos.

O seu objetivo é assessorar instituições e ajudar pessoas a criar e apoiar espaços públicos que constroem comunidades mais fortes. Foi pelos fundadores do PPS que o conceito do *placemaking* foi amplamente difundido e pioneiramente aplicado. Ele é o organizador do *Placemaking Leadership Council*, um grupo que reúne mais de 900 pessoas engajadas na aplicação dos princípios do *placemaking* por todo o mundo.

O PPS organizou algumas diretrizes didáticas para a aplicação da metodologia do *placemaking*, com o objetivo de aumentar sua comunicabilidade e facilitar a sua aplicação. São orientações gerais sobre como melhorar as cidades holisticamente até dicas mais específicas sobre intervenções em pequenos espaços públicos. Todas essas diretrizes partem do entendimento de que Placemaking é um processo, e não um resultado.

Uma diretriz bastante didática desenvolvida pelo PPS sobre a projeção dos espaços públicos é o conceito do **Power of 10** (Poder dos 10).

O *Power of 10* é uma diretriz que pode ser aplicada em várias escalas. Ela consiste em pensar em dez grandes razões para que as pessoas visitem uma cidade, uma área da cidade ou um local público, ao realizar um projeto ou planejamento. No caso específico das praças, é necessário planejar, no mínimo, dez atividades que podem ser realizadas nela, de forma que o lugar permaneça sempre ocupado e ativo.

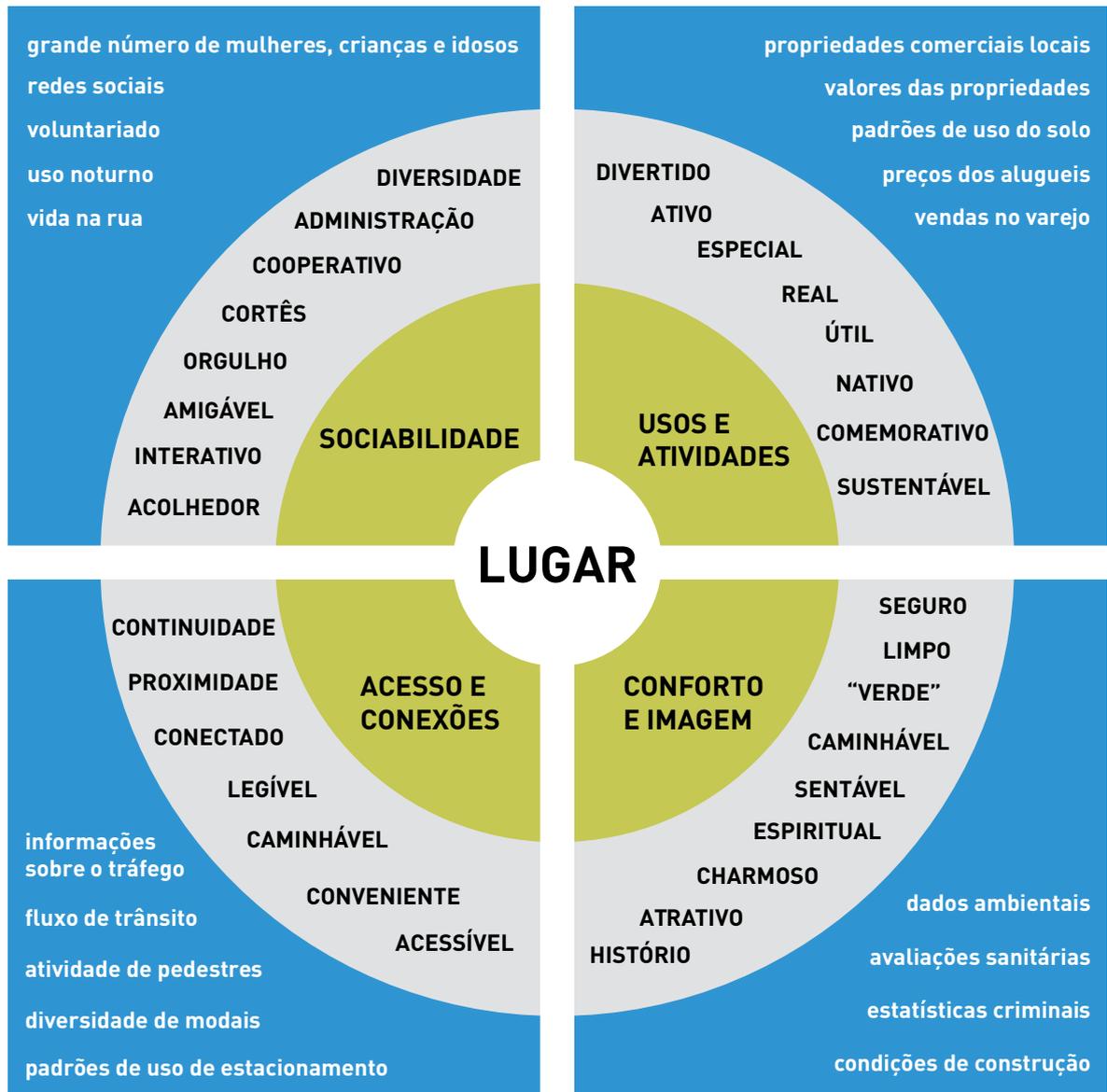
POWER OF 10+

COMO CIDADES SE TRANSFORMAM ATRAVÉS DO PLACEMAKING



Figura 2 e 3: Diagramas elaborados pelo PPS sobre a aplicação do Placemaking.

Fonte: <http://www.pps.org>
Adaptados pela autora.





APROXIMANDO-SE DO OBJETO DE ESTUDO

2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

No dia 7 de Maio de 1945, o Diário Oficial do Município nº 3.395 trouxe a lei nº 123, de 1º de abril, que deu o nome de Praça Clóvis Bevilacqua ao quadrilátero limitado pela Avenida Desembargador Moreira, Avenida Padre Antonio Tomás, Rua Barbosa de Freitas e Rua Eduardo Garcia, no bairro Aldeota. Mas, algum tempo depois, em data desconhecida, é rebatizado de Praça José Acioli.

A Praça recebeu seu nome atual com a Lei 2.995, do dia 27 de Julho de 1965, e passou a chamar-se Bosque General Eudoro Correia, atendendo mensagem do prefeito Murilo Borges. O nome foi dado em homenagem ao General Eudoro Correia, um militar gaúcho transferido para o Ceará que comandou o Colégio Militar de Fortaleza de 1923 à 1936, entre outras funções de destaque no Estado do Ceará e outras cidades do Brasil.

O Bosque General Eudoro Correia, também conhecido como Praça do Hospital Militar ou Praça das Flores, é um quadrilátero no coração do Bairro Aldeota, formado pelo encontro de duas grandes avenidas, a Av. Desembargador Moreira e a Av. Padre Antonio Tomás.



Imagem 15 e 16 - Fotos aéreas do Hospital Geral Militar de Fortaleza em 1948, com o terreno desocupado do futuro Bosque Gen. Eudoro Correia a sua frente.
Fonte: Arquivo Nirez.



↓ Terreno do Bosque Gen. Eudoro Correia

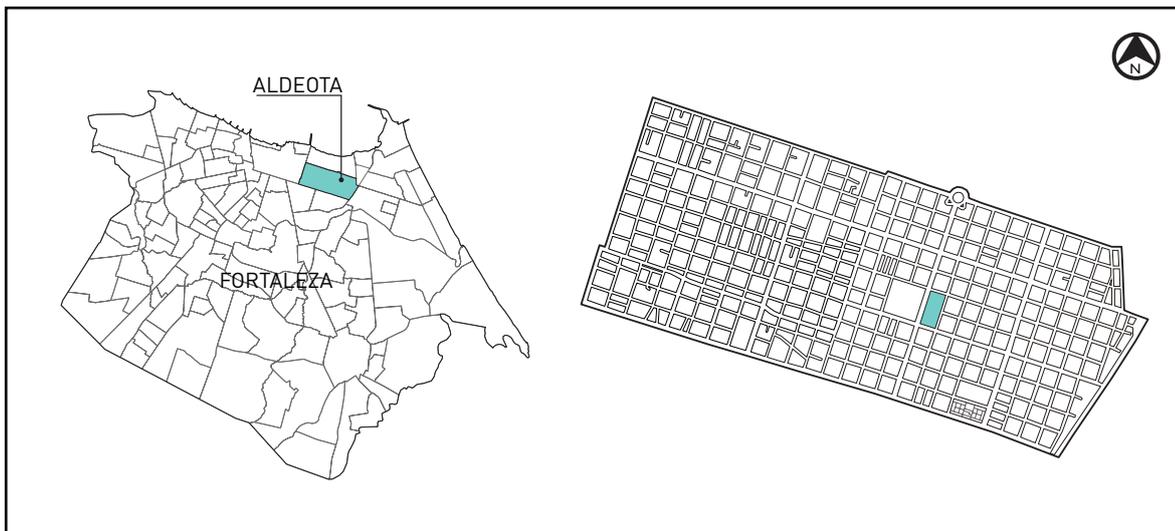


Figura 4 - À esquerda, a localização do bairro Aldeota em Fortaleza e, à direita, do Bosque General Eudoro Correia no bairro Aldeota.

O BAIRRO ALDEOTA

A praça surgiu em um contexto em que a Aldeota já não era mais um bairro tipicamente residencial, como permaneceu até meados dos anos 70. A partir dessa década, as atividades comerciais, que antes eram limitadas ao centro da cidade, começaram a se expandir.

A Aldeota caracterizou-se como o local preferido da burguesia no início do século XX, quando se iniciou o deslocamento das classes mais abastadas que vinham do Centro e de outros bairros da cidade. Os seus principais atrativos eram seu clima mais ameno e privilegiado, que atraiu a elite financeira do Ceará e conferiu um status elevado ao bairro. (DIÓGENES, 2005, p. 34).

Mas foi somente nos anos 70 que parou de ser vista somente como bairro residencial e começou a atrair outros tipos de atividades. O marco do início dessa transição aconteceu em 1974 com a inauguração, na Avenida Santos Dumont, do Shopping Center Um, o primeiro de Fortaleza.

Relacionado com o alto poder aquisitivo da população, surgiu na Aldeota um comércio de luxo, contribuído, na maioria, por filiais de lojas sediadas no centro da cidade, que adaptaram antigas residências de alto padrão à função comercial. Encontram-se estabelecimentos comerciais nas avenidas Santos Dumont Br. de Studart. (...) Paulatinamente, foram-se instalando, nas cercanias do 'Center Um', novos estabelecimentos comerciais do mesmo padrão, procedendo-se assim uma transformação no uso do solo daquela área, que deixou de ter a função

Imagem 17 - Imagem do Shopping Center um em 1974, ano de sua inauguração.

Fonte: Diário do Nordeste



Imagem 18 - Em 1971, vista aérea do centro da Aldeota, com os terrenos ainda vazios dos grandes shoppings e e centros comerciais que ainda iriam se instalar. Destacada, a Avenida Santos Dumont. 1 - Praça Portugal; 2 - Terreno do Shopping Aldeota; 3 - Terreno do Shopping Del Paseo; 4 - Terreno do Shopping Center Um
Fonte: Arquivo Nirez.



tipicamente residencial. (SOUZA, 1978, p.14 apud DIOGENES, 2005, p. 71)

O bairro da Aldeota constituiu o primeiro centro surgido além do centro original e a década de 70 marca o início do período de transformação no bairro, quando sua fisionomia começa a se alterar, transformando-o de bairro residencial unifamiliar em área especializada de comércio e negócios. Nessa ocasião, uma nova e significativa concentração de comércio e serviços começou a se estruturar no bairro, ocupando inicialmente a Av. Santos Dumont. (DIOGENES, 2005, p.69).

A Avenida Santos Dumont foi o principal eixo do bairro Aldeota, onde inicialmente se localizavam as residências mais ricas e tradicionais, grandes casas ajardinadas que gradativamente deram espaço aos altos edifícios comerciais e residenciais.

Atualmente, a Aldeota é um bairro extremamente verticalizado, com uma alta taxa populacional e inúmeros centros comerciais, onde se localizam pelo menos quatro grandes shoppings. É, também, uma área bastante visada turisticamente, devido a sua oferta de serviços e sua localização próxima à Avenida Beira Mar, o cartão postal e maior ponto turístico da cidade. Mas, apensar de tudo isso, seus espaços públicos, para convívio ao ar livre da população, são escassos e carentes de atrativos, pois o bairro possui apenas três praças públicas: o Bosque General Eudoro Correia, a Praça Portugal e A Praça Luíza Távora.

Dos três espaços públicos do bairro Aldeota, o Bosque é o de maiores dimensões, mas se encontra

com seu potencial subutilizado e com péssima manutenção, como será retratado posteriormente nesse capítulo. Muito próximo a ele está a Praça Portugal, que, apensar de ser um cartão postal de Fortaleza, está muito deteriorada e funciona prioritariamente como uma rotatória, e seu difícil acesso faz com que não seja muito utilizada pela população. A terceira e última é a Praça Luíza Távora, que, devido a uma grande reforma em 2011, foi renovada e hoje possui um público assíduo.

O PROJETO DA PRAÇA AO LONGO DOS ANOS

O atual projeto do Bosque Gen. Eudoro Correia foi implementado em 1983, de autoria do arquiteto Totonho Laprovitera e sob demanda do recém-empossado Prefeito César Cals de Oliveira Neto.

Na época, o quadrilátero da praça era somente um areal que possuía poucas árvores arbustivas e uma banca de revistas, e que servia como campo de futebol. O projeto foi uma solicitação dos moradores do bairro, uma maioria de indivíduos de classe alta que acreditava que o espaço estava se marginalizando. Esse acontecimento provavelmente teve ligação com o aumento da ocupação ilegal de cidadãos de classe baixa em lotes do bairro, casebres construídos em terrenos baldios ou até no leito das ruas, muitas vezes decorrente do contínuo processo de migração do interior do Estado por consequência das secas.

Seguindo as tendências nos projetos paisagísticos de praças em todo o Brasil desde os anos 60, o projeto do Bosque seguiu o estilo do paisagismo norte-americano, priorizando áreas recreacionais e canteiros, com uma grande quantidade de árvores que, até certo ponto, dificulta a utilização desse espaço urbano pela população.

Primeiramente, as intenções para o projeto eram que a Praça englobasse equipamentos de natureza recreativa e de saúde, com um ambulatório público e uma academia comunitária no centro da praça, mas ambos acabaram sendo desconsiderados nas fases iniciais de concepção.

O projeto original que foi implantado em 1983 dispunha de três lanchonetes/bares semi-enterrados. De acordo com o arquiteto, essa implantação a meio nível tinha por objetivo não obstruir visualmente

Imagem 19 - O monumento localizado de frente para o Hospital Militar, na Av. Desembargador Moreira.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 20 - Acima, uma imagem do espaço com equipamentos de ginástica do projeto original.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Imagem 21 - Abaixo, os novos equipamentos de ginástica instalados pela prefeitura.
Fonte: acervo pessoal da autora.



a Praça. Posteriormente, os três edifícios foram retirados pela prefeitura.

Havia também, prevista no projeto original, uma quadra de areia de futevôlei. O espaço dessa quadra permanece desocupado, mas sua total descaracterização faz com que não seja utilizada ou sequer identificada pelos usuários.

Ainda remanescentes do planejamento inicial, estão: a quadra pavimentada de esportes no centro da praça e o caminho de pedrisco entre as árvores (pensado para ser uma trajetória para caminhada). Ambos permanecem inalterados até os dias de hoje, assim como o desenho das calçadas e dos canteiros, embora estejam todos em estado avançado de degradação.

Além dos grandes equipamentos, também permanecem na praça as três bancas de revista, um bloco de serviços semienterrado de pequenas dimensões, espaço com equipamentos de ginástica e um monumento alinhado à entrada do Hospital Militar.

A principal adaptação da Praça aconteceu na década de 90. Por iniciativa da prefeitura de Fortaleza, foram instalados na Praça 39 quiosques de venda de plantas, dispostos ao redor da praça. Eles foram oferecidos aos vendedores que participavam regularmente, na época, de uma feira que acontecia aos domingos na Praça Portugal. Atualmente, muitos dos quiosques estão ativos, mas algumas unidades foram abandonadas ou agregadas por seus vizinhos.

Outras pequenas intervenções ocorreram ao longo dos últimos anos, como a instalação de uma área cimentada com novos equipamentos de ginástica e uma estação de aluguel de bicicletas da prefeitura.

2.2 SOBRE O ESTUDO DO ESPAÇO PÚBLICO

O objetivo deste capítulo é realizar um levantamento de dados sobre o Bosque General Eudoro Correia, com finalidade de análise. Para isso, foi aplicada uma metodologia de **avaliação pós-ocupação (A.P.O.)**.

Os resultados obtidos servirão para compreender melhor a realidade da dinâmica social da área estudada e o nível de satisfação de seus usuários, descobrindo suas carências e aspirações, e gerando diagnósticos para fundamentar o futuro projeto de intervenção.

Essa análise do Bosque ocorrerá seguindo os princípios dos estudos de praças e aplicação de avaliações pós-ocupação realizadas por William Whyte e, principalmente, por Sun Alex. Fortemente orientado pela pesquisa feita por Alex em seu livro *“Projeto da Praça: convívio e exclusão no espaço público”*, oito mapas principais serão elaborados para compor a análise do espaço estudado.

1 - Contexto, no qual será observada a estrutura viária, padrão de parcelamento, principais referenciais arquitetônicos e espaços públicos próximos, comparando com as praças vizinhas com relação a tamanho, implantação e caráter.

2 - Tecido Urbano, no qual será avaliada a relação da praça com o entorno próximo, sua permeabilidade (delimitação por ruas) e acessibilidade (convergência das ruas).

3 - Entorno, no qual será observada a relação da praça com a vizinhança próxima e imediata: ocupação e o uso do solo, altura das edificações, atividades desenvolvidas no pavimento térreo e travessias de pedestres.

Analisando o projeto e uso da praça:

4 - Situação Atual, onde será observada a área acessível ao público, com anotações sobre as áreas frequentadas pelas pessoas e onde há canteiros, edificações ou quaisquer outras limitações. Observa-se também a relação calçada-praça.

5 - Arborização, onde será observada a localização das massas de árvores e seus portes.

6 - Uso e Conformidade, no qual será empregada uma metodologia de A.P.O., cujos instrumentos de avaliação são **(1) observações assistemáticas de uso** em horários diferentes e intervalos regulares; **(2) mapeamentos comportamentais**, observando a quantidade e diversidade de pessoas (com destaque para a presença de mulheres e casais), atividades desenvolvidas, grupos que se engajam em conversas, convívio entre gerações e contato entre estranhos; **(3) ensaios fotográficos** para registro do uso e de situações de desajuste entre projeto e uso, e **(4) aplicação de questionário e entrevistas** com usuários, comerciantes do local e pessoal responsável pela manutenção, com interpretação de gráficos baseados nos questionários aplicados.

7 - Não Conformidades, no qual será observado o confronto do uso com as intenções do projeto. Para tal, serão adotadas referências como comportamento-padrão, limpeza, higiene e integridade física do ambiente, assim como doses de bom senso (Alex, 2008, P.129).

8 - Projeto e Indicação de Cortes, onde é analisada a atual configuração do projeto construído e os pontos de contato com a rua. Os Cortes ressaltam a relação praça-calçada-rua-entorno.

Todos os mapas aqui apresentados foram elaborados pela autora. Os mapas desenvolvidos para a caracterização da praça são baseados em informações obtidas no Mapa Cadastral de Fortaleza e em mapas e vistas aéreas fornecidas pelo Google.

Os mapas elaborados para a análise do projeto e uso da praça - com a localização de seus equipamentos, árvores e desenhos de canteiros - são baseados em um levantamento expedito realizado pela própria autora, uma vez que não havia disponível um levantamento oficial. Por conseguinte, este levantamento está em condição sujeita a possíveis incompatibilidades com a real conformação do desenho interno do Bosque Gen. Eudoro Correia, a qual se considera satisfatória para a análise de uso e proposta hipotética de projeto pretendida.

2.3 ANÁLISE DA SITUAÇÃO ATUAL

1930 1940 1950 1970 1980



Figura 5 - Planta de loteamentos do bairro Aldeota entre a décadas de 30 e de 80.

Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza. Organização de Beatriz Diógenes

CONTEXTO

Apesar de ter sido instituído como praça pública em 1945, o quadrilátero do Bosque Gen. Eudoro Correia teve seu primeiro projeto oficial inaugurado somente em 1983, em um período no qual o bairro Aldeota passava por grandes transformações.

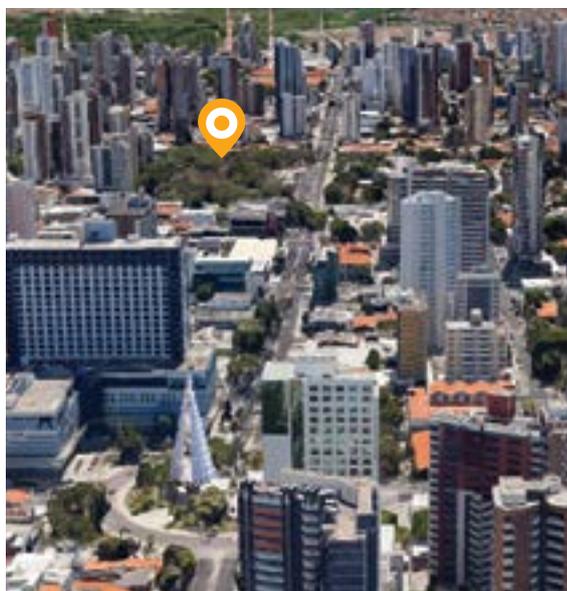
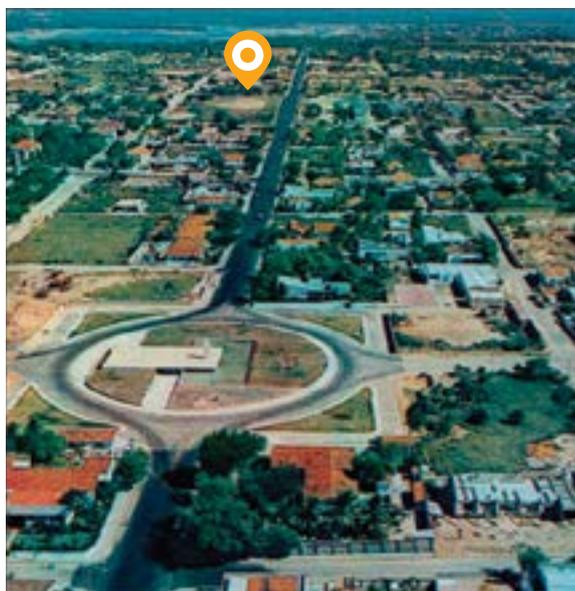
Por localizar-se no cruzamento de duas avenidas arteriais, a Av. Desembargador Moreira e a Av. Pe. Antônio Tomás, o Bosque Gen. Eudoro Correia é um espaço muito visibilizado em diversas trajetórias que atravessam a Aldeota, e um ponto focal do bairro.

O tecido urbano do bairro é formado por ruas de traçado regular, e as excessões (como o próprio Bosque e a quadra do Hospital Militar) são resultados de junções ou subdivisões de quarteirões-padrão de 100m X 100m, que predominam em todo o bairro. Esse loteamento ortogonal foi gradativamente implantado entre a década de 30 e a década de 80, facilitado pela topografia relativamente plana, e concede ao bairro um caráter de fácil e instintiva orientação.

O sistema viário original, constituído pelas vias (radiais) de penetração para o interior, foi interceptado pela aplicação de uma malha urbana ortogonal,

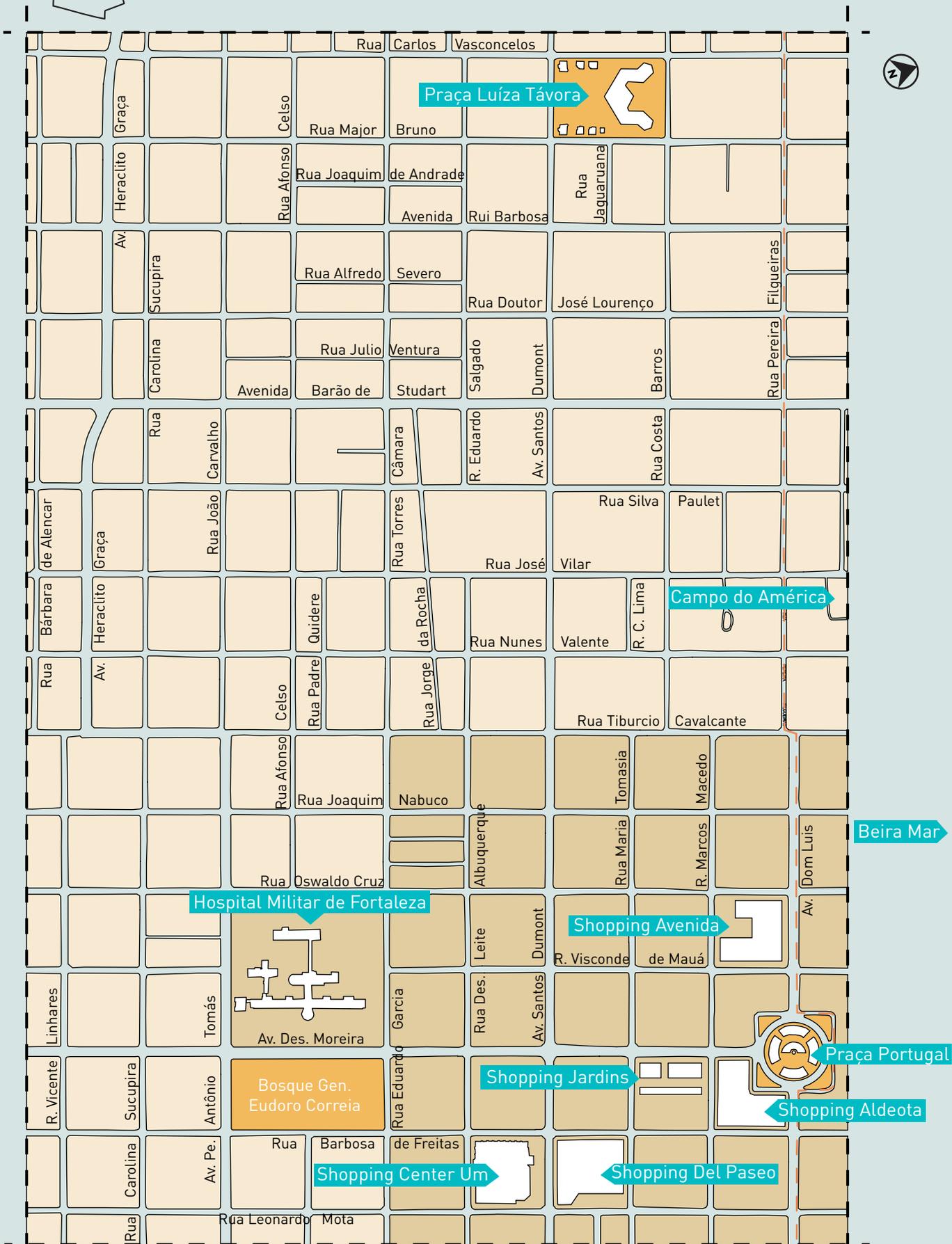
Imagem 22 e 23 - Nas duas imagens, está indicada a localização do terreno em que se localiza o Bosque Gen. Eudoro Correia. À esquerda, em 1971, em uma foto aérea da Praça Portugal. À direita, em uma imagem da simulação do Google Earth.

Fonte: Arquivo Nirez e Google Imagens.





- Praças públicas do bairro Aldeota
- Centro da Aldeota



Limite do Bairro



Imagem 24 - Acima, imagem da Praça Portugal nos dias atuais, com uma péssima manutenção e quase nenhum visitante ao longo do dia.
Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/8377507>.
Acessado em 10/03/2015.

Imagem 25, 26 e 27 - Abaixo, fotografias da Praça Luíza Távora após sua renovação em 2011, onde diariamente dezenas de pessoas a frequentam para praticar diversos tipos de atividades.
Fontes: <http://www.comshalom.org/galleries/praca-luiza-tavora/> e Regis Moino.
Acessado em 27/04/2015



proposto como núcleo gerador em 1813 e ampliado segundo novos planos municipais na segunda metade do século XIX. A ocupação inicial se deu principalmente junto a essas vias radiais, de sorte que o desenvolvimento para o leste [bairro Aldeota] se processou de forma lenta por não se tratar de vetor de acesso à cidade. [DIOGENES, 2005, p. 1]

O Bosque Cel. Eudoro Correia está inserido em uma área a qual Diógenes (2005, p.69) determina como o “centro da Aldeota”, isto é, a área dentro do próprio bairro aonde vêm acontecendo as mudanças mais significativas.

Este centro pode ser identificado como um trecho formado por aproximadamente 54 quadras em torno do cruzamento das avenidas Santos Dumont e Desembargador Moreira, onde a paisagem urbana revela uma nova imagem, através da aparência das edificações, da concentração da atividade comercial, da presença de inúmeros edifícios de escritórios, do grande fluxo de população nas ruas, do congestionamento e da verticalização. (DIOGENES, 2005, p. 69)

A localização do Bosque Gen. Eudoro Correia em frente ao Hospital Militar conferiu a este um grande ponto de referência, ao mesmo tempo que a presença da Praça confere ao Hospital o destaque que somente os espaços abertos podem conferir aos edifícios de grande porte.

Também dentro do centro da Aldeota, e a poucos quarteirões da Praça, estão os Shoppings Aldeota, Del Paseo, Avenida, Center Um, Jardins e diversos outros centros comerciais que atraem inúmeras pessoas ao bairro todos os dias.

Apesar de ser o alvo de tantos empreendimentos e do grande adensamento populacional de residentes e visitantes, a urbanidade do bairro não é alta. O trânsito de carros é intenso e não há variedade dos meios de transporte; quase não existem pequenos comércios não há interação entre os espaços públicos e privados.

Um fator agravante dessa condição é a sua pouca quantidade de espaço públicos. A Aldeota possui apenas três praças públicas, duas delas localizadas no centro da Aldeota: O Bosque Gen. Eudoro Correia (também conhecida como Praça do Hospital Militar) e a Praça Portugal.

Imagem 28, 29 e 30 - Imagens da Praça Luíza Távora pela manhã, em um dia de semana. Mesmo atraindo um grande número de pessoas à noite, durante o dia ela ainda fica sem visitantes.
Fonte: <https://fotofortaleza.wordpress.com>
Acessado em 29/03/015.



Imagem 31 e 32 - A Praça Luíza Távora recebe dezenas de visitantes à noite, principalmente famílias com crianças, mas também pessoas de diversas faixas etárias que utilizam os equipamentos públicos de ginástica ou praticam cooper ao redor da praça.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Duas praças fazem parte desse trecho, a Praça do Hospital Militar e a Praça Portugal, essa última com uso bastante limitado, não sendo utilizada como local de lazer e permanência em virtude da sua localização e da “intensidade do fluxo de veículos na área, que impede as pessoas de atravessarem, configurada mais como um ‘cartão postal’ da cidade, com alto investimento público na sua manutenção.” (DIOGENES, 2005, p. 70)

Com o uso limitado da Praça Portugal, restam à Aldeota somente duas Praças: O Bosque Gen. Eudoro Correia e a Praça Luíza Távora. Ambas possuem dimensões semelhantes, mas a Praça Luíza Távora atrai um número muito maior de pessoas, principalmente de famílias com crianças.

O caráter da implantação das duas praças são bastante distintos. Enquanto o Bosque não possui construções significativas e uma grande parte de sua superfície não é sequer pavimentada, a Praça Luíza Távora apresenta diversos edifícios de pequeno porte que abrigam as sedes de funções administrativas da Prefeitura, e, ao centro, um edifício maior, sede do Centro de Artesanado do Ceará (CEART). Embora a Praça Luíza Távora possua uma quantidade menor de área permeável, e não seja tão arborizada quando o Bosque Gen. Eudoro Correia, a sua diversidade de funções e manutenção atraem a população e promovem um ambiente cuja qualidade ambiental é muito maior.

A observação do contexto do Bosque Gen. Eudoro Correia na Aldeota nos mostra que a falta de espaços públicos bem planejados no bairro, que sejam próximos e articulados, priva a população da oportunidade de aproveitar a vida pública nos espaços da cidade, enfraquecendo, assim, sua cidadania.



TECIDO URBANO

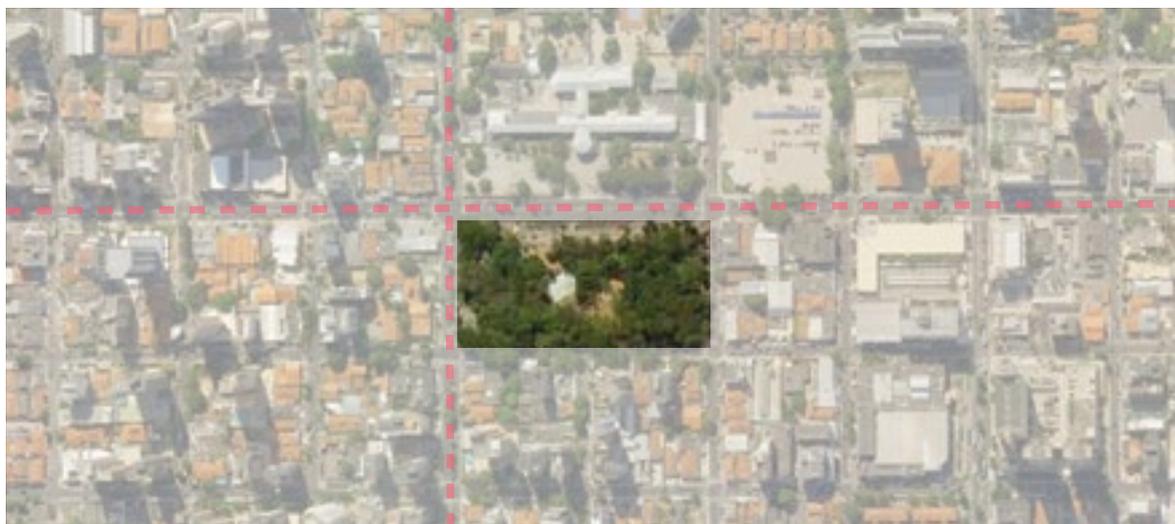
O Bosque Gen. Eudoro Correia, comumente referido como Praça do Hospital Militar, possui uma localização extremamente central e estratégica. Uma das avenidas que a limita, a Av. Desembargador Moreira, faz parte do plano municipal de implantação de binários, e, junto da Av. Virgílio Távora, futuramente assumirá sentido único de tráfego.

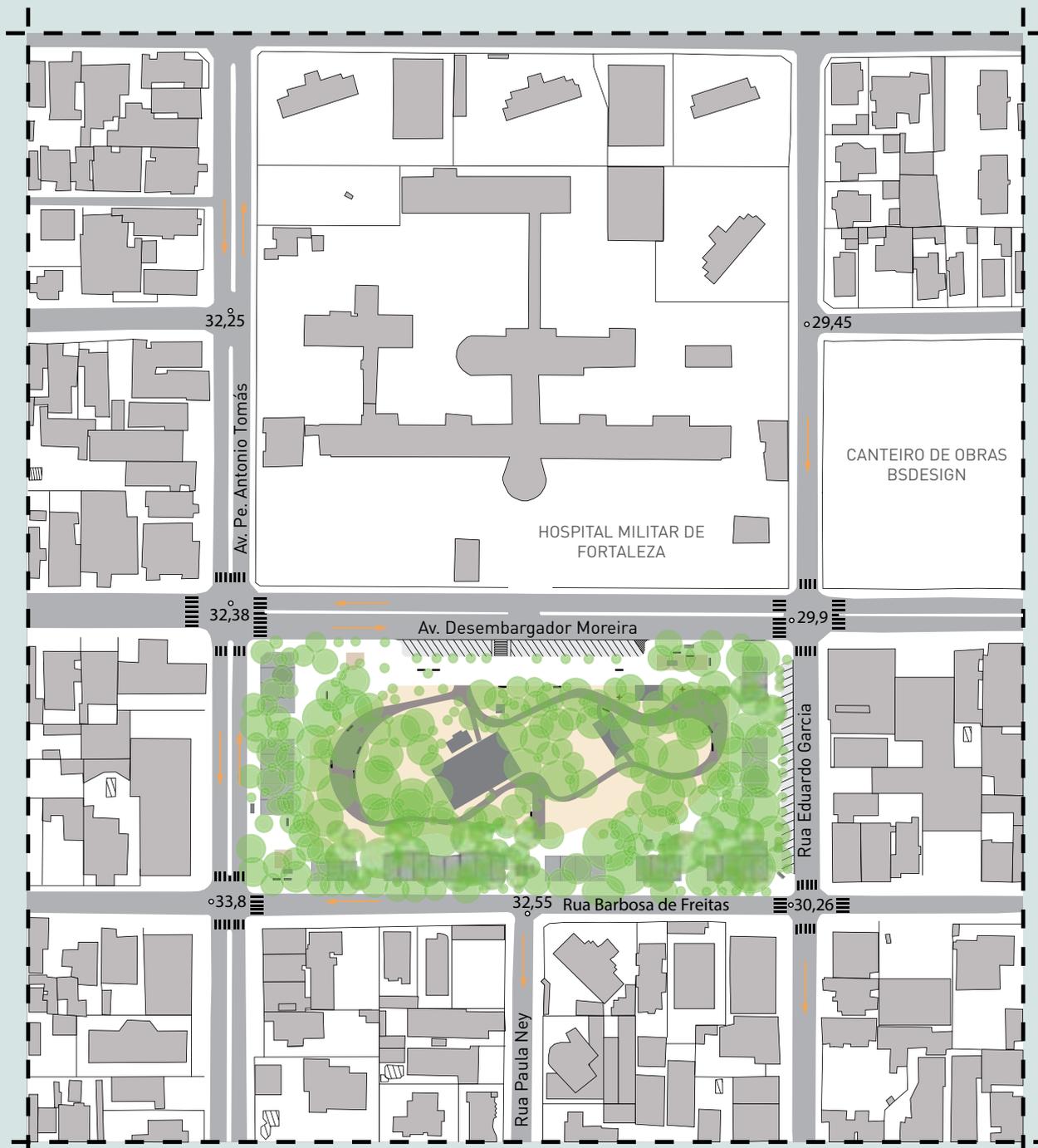
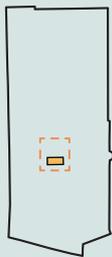
O lado mais largo da Praça mede 216 m e o mais estreito, 100m. Com exceção da frente voltada para o Hospital Militar, todos os quarteirões que rodeiam a Praça possuem tamanhos similares com frentes de aproximadamente 100 m, formando um tecido urbano de grande permeabilidade e acesso facilitado para carros e pedestres.

(...) o convívio social no espaço público está intimamente relacionado com as oportunidades de acesso e uso, o que depende de um desenho “interno” coerente e de um desenho “externo” - as ruas e o tráfego da área - adequado. A articulação com o tecido urbano, isto é, a conexão entre espaços variados, da praça e do entorno, é uma de suas funções originais e essenciais. (ALEX, 2011, p. 126)

Localizada em uma área elevada e sem convergência de águas, a quadra ocupada pelo Bosque é praticamente plana, entre as cotas 29,9 m e 33,8 m, conferindo ao espaço a inclinação média de 1%. Essa topografia plana e a facilidade de acesso atraem o grande fluxo de pessoas que diariamente caminham por suas calçadas e utilizam suas paradas de ônibus e outros equipamentos.

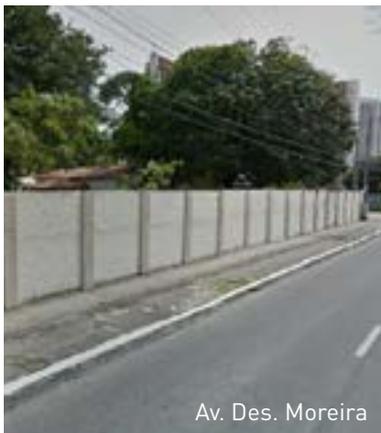
Imagem 33 - Abaixo, uma imagem do Bosque Gen. Eudoro Correia, com destaque para as duas avenidas que o margeiam.
Fonte: Google Earth.







R. Torres Câmara



Av. Des. Moreira



R. Barbosa de Freitas

Imagem 34, 35, 36, 37 e 38. Ruas do entorno.

Fonte: Google Earth.



Av. Pe Antônio Tomás

ENTORNO

Apesar do afastamento demasiado entre as faixas de pedestres (200 m) nas Av. Desembargador Moreira e Rua Barbosa de Freitas, o acesso às calçadas da Praça não é severamente prejudicado. A facilidade no acesso se dá principalmente pelas Ruas Barbosa de Freitas e Eduardo Garcia, que são vias estreitas de mão única e permitem o fluxo imediato de pedestres ao longo dos quateirões. Entretanto, com relação às duas grandes Avenidas, que possuem sentido duplo e caixas viárias bastante largas, o acesso é praticamente restringido às espaçadas faixas de pedestre nas esquinas da Praça, principalmente na Av. Desembargador Moreira, que possui cinco faixas somente no intervalo correspondente ao Bosque.

As construções contínuas nos quarteirões que rodeiam a praça, apesar de a maioria não possuir um gabarito alto, conferem aos seus arredores um total fechamento espacial ao nível dos olhos dos pedestres. O quarteirão do Hospital Militar, com seu muro branco, contínuo e uniforme ao longo de uma calçada sem árvores, transmite uma sensação de aridez e desconforto, fazendo com que os pedestres deem preferência à caminhada pela calçada do Bosque.

O uso do solo nos arredores imediatos do Bosque é predominantemente comercial, com a presença de alguns edifícios multifamiliares e casos pontuais de residências unifamiliares. Uma parcela considerável dos frequentadores que fazem uso diário da Praça para caminhada advém desses edifícios. Já os quiosques de plantas atraem clientes de diversos bairros da cidade, que já frequentam o bairro Aldeota em busca de seus estabelecimentos comerciais.



Esquina Av. Des. Moreira e R. Torres Câmara



SITUAÇÃO ATUAL

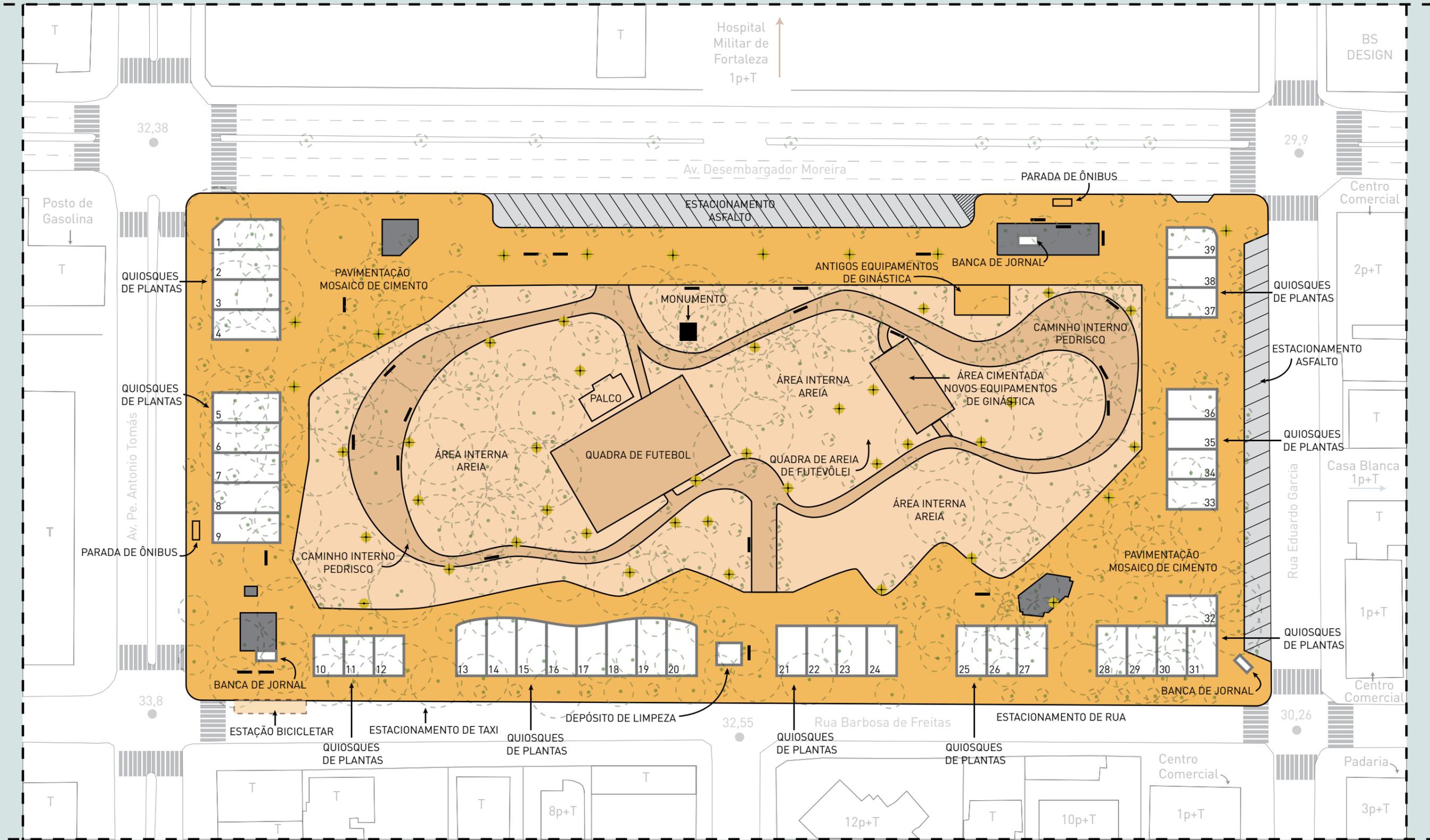
As calçadas externas do Bosque - delimitadas pelos quiosques de plantas implantados paralelamente às ruas - são sombreadas, atrativas e acessíveis (apensar do intenso trânsito de veículos), com um grande fluxo de pedestres de passagem ou que as utilizam para praticar caminhada, além dos clientes dos quiosques.

Entretanto, a configuração paralela desses quiosques com frente virada para a rua constitui uma barreira que obstrui física e visualmente o interior da praça, o que acarreta também uma obstrução simbólica e social. O interior e a calçada estabelecem-se como duas áreas distintas e sem conexão, pois apesar da pavimentação das calçadas externas se estenderem ao interior da praça, muito menos pessoas as utilizam por serem passagens isoladas e sem visibilidade da rua, o que provoca sensação de insegurança e vulnerabilidade aos pedestres. O isolamento visual do interior da praça desperta a possibilidade de assaltos, que não são incomuns na área.

O centro da praça, formado por um areal ponteadado de árvores de médio e grande porte e permeado por um caminho gasto de pedriscos, é parcamente utilizado pela população - com exceção do quadrilátero de concreto onde se localizam os novos aparelhos de ginástica. As numerosas árvores, responsáveis pela sombra generosa, são dispostas de maneira aleatória e o não permitem a utilização do espaço para a realização de atividades múltiplas; assim como o piso de areia, inadequado para a maioria das práticas realizadas em uma praça urbana.

Os canteiros na área pavimentada do Bosque não possuem influência em sua área acessível, devido à suas pequenas proporções e quantidade, desproporcionais à uma praça dessa estatura. O estacionamento na lateral da Av. Desembargador Moreira possui proporções maiores do que o necessário, atrapalhando o trânsito da avenida e o acesso dos pedestres.

- Área acessível ao público:
 - Área muito acessível
 - Área moderadamente acessível
 - Área pouco acessível
- Área inaccessível ao público:
 - Estabelecimentos privados
 - Canteiros
 - Estacionamento
- Tronco de árvore
- Poste de luz
- Copas das árvores
- Bancos



ARBORIZAÇÃO

Um dos fatores mais marcantes do Bosque Gen. Eudoro Correia é o seu grande volume de árvores, que se destaca ao contrastar com a realidade completamente urbanizada de seu contexto na Aldeota, o bairro em que se insere. Um levantamento expedido foi realizado pela autora para identificar a localização e estatura aproximadas dessas árvores.

Estima-se que as árvores tenham sido plantadas no quadrilátero da praça a partir da década de 80, na época da execução do projeto arquitetônico de 1983, uma vez que os registros fotográficos e depoimentos de antigos moradores da área apontam que, anteriormente, havia somente uma parca vegetação rasteira no terreno.

Dentre as árvores presentes estão Ipês (*Tabebuia serratifolia*), Paus-brasil (*Caesalpinia echinata*), Carnaúbas (*Copernicia prunifera*), Cajueiros (*Anacardium occidentale*), Mangueiras (*Mangifera indica*), Eucaliptos (*Eucalyptus citriodora*), Bambus brasileiro (*Phyllostachis aurea*) e diversos Nims Indianos (*Azadirachta indica*) que foram plantados nos últimos anos, dentre outras espécies. Essas árvores estão dispostas de maneira aleatória, sem qualquer agrupamento intencional ou planejamento, e estão localizadas tanto no interior da praça quanto nas calçadas interna e externa, e também dentro dos quiosques de plantas.

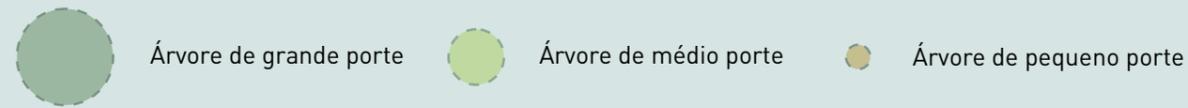
As árvores presentes nas calçadas externas da praça são, em sua maioria, de pequeno e médio porte e não possuem alinhamento planejado, algumas chegando a localizar-se no centro da calçada, atrapalhando o fluxo dos pedestres. Muitas dessas árvores são Nims Indianos, uma espécie de crescimento rápido muito popular na capital cearense, porém de origem estrangeira e com características invasoras.

No interior da praça, a maior quantidade de árvores de grande porte - aquelas com copa e tronco mais frondosos - se encontram em uma localização mais central dentro do areal, próximas à quadra de esportes e novos aparelhos de ginástica.

As principais áreas de vazios de árvores são onde atualmente se localizam a quadra de esportes, a área dos aparelhos de ginástica, o local onde deveria haver uma quadra de areia de futevôlei, e uma zona vizinha a ela onde não há mais do que uma rala vegetação rasteira.



Imagem 39, 40 e 41 - Árvores do Bosque Gen. Eudoro Correia.
Fonte: Acervo pessoal da autora.



USOS

Para obter os dados necessários a respeito de como o Bosque Gen. Eudoro Correia é atualmente utilizado, foi realizada uma **avaliação pós-ocupação** (A.P.O.). Essa A.P.O. consistiu na aplicação de algumas ferramentas de levantamento de dados: observações assistemáticas de uso, ensaios fotográficos, aplicação de questionários e entrevistas e mapeamento comportamental.

.....

- 1 Quiosques muito frequentados;
- 2 Quiosques pouco frequentados;
- 3 Quiosques abandonados ou incorporados pelos vizinhos;
- 4 Vendedor ambulante de comida nos fins de tarde / noite;
- 5 Carro com venda de pão alemão caseiro as sextas feiras a tarde;
- 6 Local de permanência de flanelinhas;
- 7 Bancos ocupados por moradores de rua e usuários de drogas: restos de comida, papelão e resquícios de fogo;
- 8 Bancos ocupados por homens dormindo durante todo o dia;
- 9 Mureta da quadra ocupada esporadicamente por homens dormindo;
- 10 Permanência dos donos dos quiosques em cadeiras de plástico;
- 11 Concentração de gatos alimentados por vendedores e frequentadores: forte odor, sujeira e restos de comida e ração no chão;
- 12 Quadra utilizada para partidas de futebol à noite e atividades aeróbicas esporádicas;
- 13 Aparelhos de ginástica bem usados;
- 14 Calçadas utilizadas para realizar caminhada;
- 15 Vendedores de rua nos finais de semana.

A A.P.O. foi realizada entre outubro de 2014 e abril de 2015. As observações foram efetuadas em dias alternados da semana, durante o período da manhã ou da tarde, durante uma ou duas horas seguidas, procurando cumprir o maior leque de diversidade possível.

A dinâmica da praça permanece estável durante todo o dia. As calçadas, com seu grande fluxo de pedestres, são a parte mais utilizada da praça. Nelas, se juntam os praticamente de caminhada, clientes dos quiosques, pedestres de passagem e usuários das paradas de ônibus.

De manhã, os visitantes chegam cedo para caminhar, antes mesmo da abertura da maioria dos quiosques. Esse movimento continua intenso até perto das onze horas, quando diminui (mas nunca para) e só volta a aumentar ao entardecer.

As pessoas que fazem caminhada são um público diversificado, com um número balanceado de mulheres e homens, com grande presença de idosos. Assim também acontece na utilização dos aparelhos de ginástica. Apesar do grande número de pessoas, não há contato entre eles, ou conversação iniciada entre estranhos.

A mesma movimentação não ocorre na área interna da praça, que não faz parte do circuito de caminhada dos frequentadores graças a pavimentação de pederiscos e o isolamento da rua. Nesse espaço, reina a presença de homens desacompanhados e moradores de rua que ocupam os poucos bancos da praça dormindo ou fazendo uso de drogas, o que assusta e inibe a presença de crianças, mulheres ou casais.

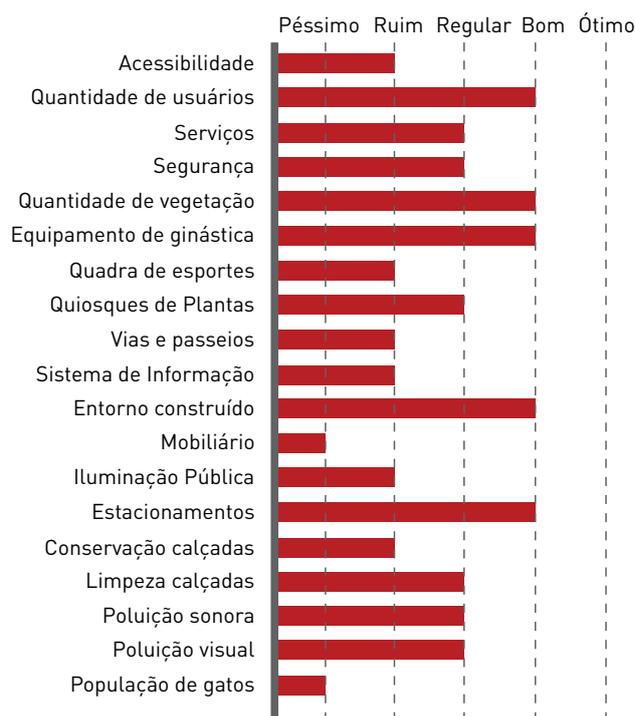
O fluxo de clientes dos quiosques de plantas é constante durante todo o dia, mas é muito maior nos quiosques localizados na esquina das ruas Barbosa de Freitas e Eduardo Garcia, onde as calçadas são sombreadas e as caixas viárias são menores e mais acessíveis.

A quadra de esportes é principalmente utilizada à noite, 2 ou 3 vezes por semana, depois das 20:00 por grupos de homens, mas nunca durante o dia ou final da tarde, somente por homens dormindo ou alguns praticantes de caminhada.

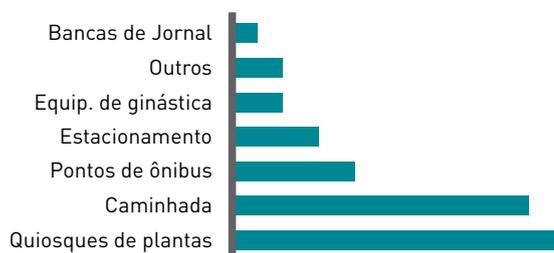
A estação biciletar é isolada dos maiores fluxos da praça, que se estabelecem principalmente entre as duas paradas de ônibus na Av. Pe. Antônio Tomás e a Av. Desembargador Moreira, tornando-se pouco visível.

Figura 6, 7 e 8 - Gráficos gerados a partir das entrevistas e aplicação de questionários nos usuários do Bosque Gen. Eudoro Correia.
Fonte: Elaborados pela autora.

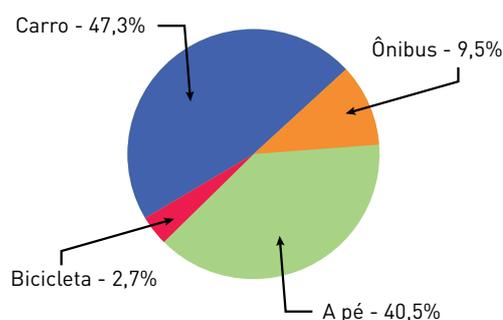
1 - Desempenho de elementos da Praça:
(de acordo com a maioria)



2 - Atividades que atraem pessoas à Praça:



3 - Meio de locomoção das pessoas até a Praça:



Os presentes gráficos são frutos dos questionários aplicados aos usuários do Bosque ao longo do período de uma semana, angariando, ao final, um corpo de amostra de 75 pessoas.

Um pouco mais da metade dos entrevistados era do sexo feminino (59%), com apenas 4% abaixo dos 18 anos, 52% entre 18 e 40 anos, 26% entre 40 e 60 anos e 18% acima de 60 anos, mostrando que o público atual da praça é essencialmente adulto.

Mais da metade dos entrevistados (77,3%) visita a praça pelo menos uma vez por mês, o restante resumindo-se a clientes esporádicos dos quiosques de flores. A razão mais assinalada por eles para visitar o Bosque foi a sua localização próxima a seus locais de trabalho ou estudo (43%), e a menos votada foi graças a seu equipamento público disponível (7%), o que mostra que a atual atratividade da praça se deve a seus atributos imutáveis, como sua localização, e não a sua qualidade ambiental ou apazibilidade.

[USOS: ENSAIO FOTOGRÁFICO]

1. Quadra de esportes: uso esporádico para atividades aeróbicas variadas. Uso frequente para jogos de futebol durante a noite.

[Manhã, 22 de outubro de 2014.]
Imagem 42



2. Calçadas externas largas e bem sombreadas: uso intenso. Fluxo diversificado de pedestres e usuários dos pontos de ônibus.

[Tarde, 20 de abril de 2015.]
Imagem 43



3. Calçadas externas: grande fluxo de pessoas praticando caminhada em diversos horários do dia.

[Tarde, 20 de abril de 2015.]
Imagem 44



4. Quiosques de plantas: atração de grande número de compradores e ocupação das calçadas pelos vendedores.

[Tarde, 20 de abril de 2015.]

Imagem 45



5. Estação Bicicleta para aluguel de bicicletas da prefeitura: atração de frequentadores para a praça.

[Tarde, 20 de abril de 2015.]

Imagem 46



6. Calçada interna: isolamento da rua causa menor fluxo de pedestres. Vendedores dos quiosques e frequentadores alimentam a população infrene de gatos.

[Tarde, 20 de abril de 2015.]

Imagem 47



[USOS: ENSAIO FOTOGRÁFICO]

7. Área central da praça: isolado visualmente da rua, é parcialmente ocupado por moradores de rua e usuários de drogas.

[Manhã, 22 de outubro de 2014.]

Imagem 48



8. Novos aparelhos de ginástica: uso intenso por grupos diversos. Uso ao longo de todo o dia, principalmente no começo da manhã e final da tarde.

[Manhã, 22 de outubro de 2014.]

Imagem 49



9. Quadra de esportes: isolada no meio da praça, permanece inutilizada durante o dia. Permanência ocasional de homens desacompanhados.

[Tarde, 20 de abril de 2015.]

Imagem 50





10. Caminho interno de pedriscos: pouco ou nenhum fluxo.
[Tarde, 20 de abril de 2015.]
Imagem 51



11. Bancos internos da praça: atraem um público restrito de homens desacompanhados, que geralmente dormem.
[Tarde, 20 de abril de 2015.]
Imagem 52

12. Aparelhos antigos de ginástica e bancos internos da praça: raramente utilizados pela população, os equipamentos são apenas mais uma barreira entre as calçadas e o interior da praça. Bancos são ocupados por homens desacompanhados.
[Tarde, 20 de abril de 2015.]
Imagem 53



NÃO CONFORMIDADES

POR USO:

- 1 Monumento pichado.
- 2 Espaço com gatos, abrigos de papelão e comida.
- 3 Quadra com traves quebradas.
- 4 Sujeira e restos de comida.
- 5 Acampamento de moradores de rua, lixo acumulado.
- 6 Bancos quebrados ou incendiados.
- 7 Monumento depredado.
- 8 Quiosques invadem o espaço público da praça e amontoam vasos.
- 9 Palco pichado.

POR PROJETO:

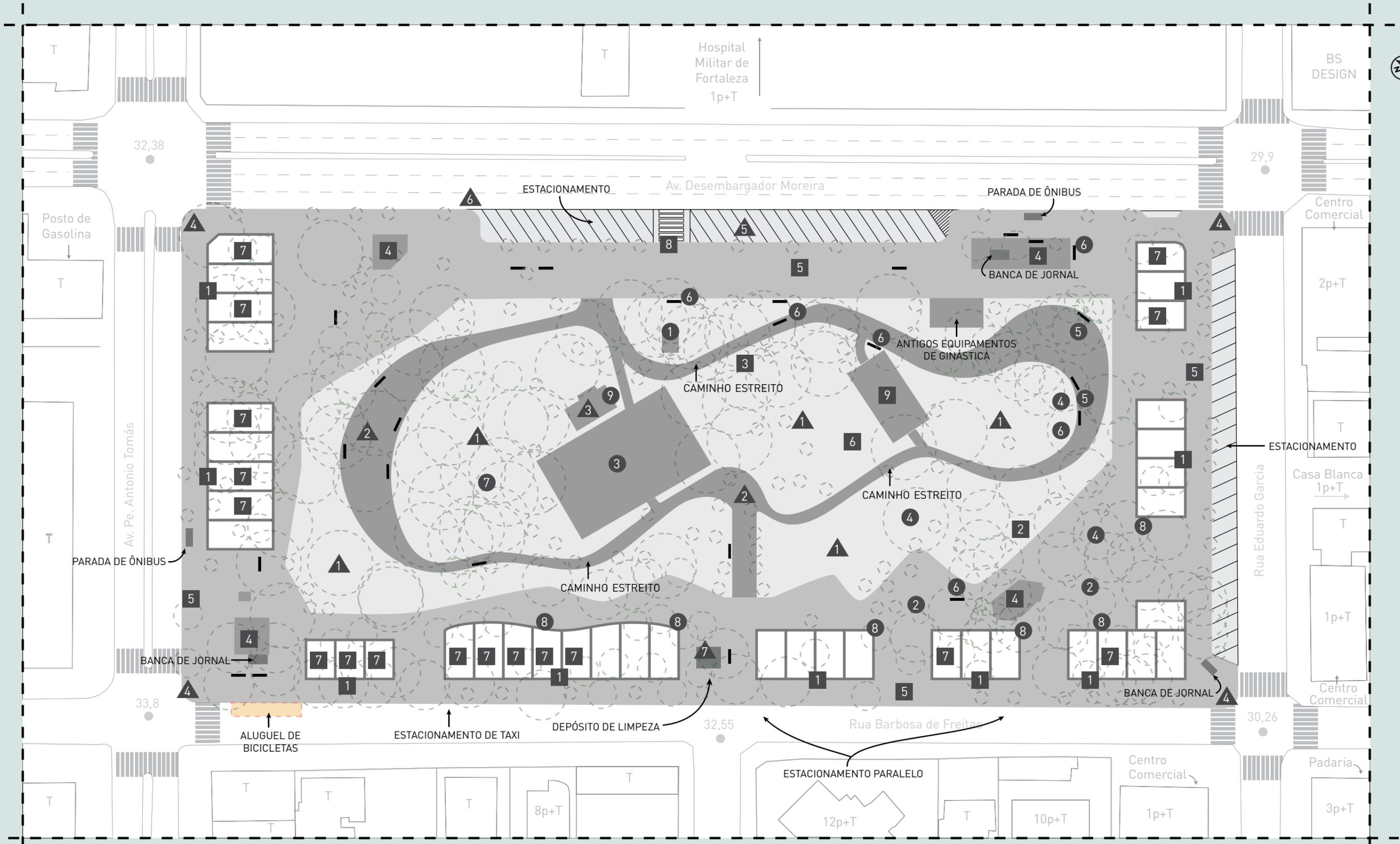
- 1 Espaço interno da praça vazio e sem atrativos. Inacessível por excesso de árvores, não há espaço livre para usos flexíveis.
- 2 Caminho interno inacessível, de pedrisco desgastado.
- 3 Palco inutilizado e sem contexto.
- 4 Guias não rebaixadas nas esquinas.
- 5 Estacionamento exageradamente largo.
- 6 Terceira faixa da Av. Des. Moreira [sentido sertão → praia] somente no quarteirão da praça, atrapalha trânsito de veículos e dificulta passagem de pedestres.
- 7 Depósito de material de limpeza em nível rebaixado alaga durante chuvas.

POR INTERVENÇÕES OFICIAIS:

- 1 Barreiras: quiosques bloqueiam física e visualmente o interior da praça.
- 2 Manutenção “seletiva” limitada à limpeza superficial dos canteiros e calçadas.
- 3 Plantio aleatório de árvores em toda a praça.
- 4 Canteiros abandonados.
- 5 Falta de manutenção: pavimentação quebrada, causando acidentes com idosos.
- 6 Quadra de areia de futevôlei desequipada e irreconhecível.
- 7 Quiosques abandonados ou incorporados pelos vizinhos.
- 8 Faixa de pedestres central descontinuada na Av. Des. Moreira.
- 9 Nova área cimentada dos aparelhos de ginástica sem acessibilidade.

--- Copa das árvores

— Bancos da praça: **todos** inapropriados para atrair e agregar frequentadores.



[NÃO CONFORMIDADES: ENSAIO FOTOGRÁFICO]

1. Não conformidade por projeto: guias não rebaixadas nas esquinas, impossibilitando a acessibilidade e dificultando a passagem de pedestres.
[Tarde, 20 de abril de 2015.]
Imagem 54



2. Não conformidade por uso: espaço da calçada interna da praça contém sujeira e abrigos improvisados para gatos.
[Tarde, 20 de abril de 2015.]
Imagem 55



3. Não conformidade por intervenção oficial: quiosques de venda de plantas abandonados e sujos.
[Tarde, 20 de abril de 2015.]
Imagem 56



4. Não conformidade por uso: vendedores utilizam espaço público da praça como depósito para vasos.

[Tarde, 20 de abril de 2015.]

Imagem 57



5. Não conformidade por projeto e intervenção oficial: depósito de materiais de limpeza pública possui nível rebaixado que causa alagamento e acúmulo de sujeira; ambiente depredado e sem manutenção.

[Tarde, 20 de abril de 2015.]

Imagem 58



6. Não conformidade por projeto e uso: Palco inutilizado e fora de contexto, pichado.

[Manhã, 22 de outubro de 2014.]

Imagem 59





7. Não conformidade por projeto, intervenção oficial e uso: interior da praça inóspito e inacessível e monumento depredado, sem manutenção ou reparos.

[Tarde, 20 de abril de 2015.]

Imagem 60



8. [Tarde, 20 de abril de 2015.]

Imagem 61

9. Não conformidade por intervenção oficial e uso: diminuição da quantidade de bancos. Bancos quebrados e até queimados.

[Manhã, 22 de outubro de 2014.]

Imagem 62





10. Não conformidade por intervenção oficial: espaço previsto como campo de futevôlei está desequipado. Equipamento irreconhecível.
[Tarde, 20 de abril de 2015.]
Imagem 63



11. Não conformidade por uso: sujeira e lixo no interior da praça causada por flanelinhas ou moradores de rua.
[Manhã, 22 de outubro de 2014.]
Imagem 64

12. Não conformidade por projeto: bancos inapropriados para agregar frequentadores, ambiente inóspito e sem atrativos.
[Tarde, 20 de abril de 2015.]
Imagem 65



PROJETO E INDICAÇÃO DE CORTES

CALÇADA EXTERNA

A parte externa, composta pela calçada de 5 metros de largura com pavimentação de mosaico de cimento que percorre seu perímetro, é um espaço acessível e amplamente utilizado, apesar da sua atual situação de degradação, intercalado por muitas árvores de grande, médio e pequeno porte que foram plantadas sem planejamento ao longo dos anos.

CALÇADA INTERNA

A calçada interna é uma continuação da externa, separadas pelos quiosques de flores. O mesmo piso de mosaico de cimento segue em uma beirada curva que delimita a área central da praça.

ÁREA INTERNA

A área interna da praça é constituída por um grande areal ponteadado por árvores de médio e grande porte localizadas a pequena distância umas das outras. O acesso a essa parte da praça é extremamente desconvidativo - chegando a ser limitativo - e lembra mais um sítio em uma área isolada que uma praça de centro urbano.

CAMINHO DE PEDRISCOS

Esse grande areal é permeado por um caminho degradado de pedriscos que também é interceptado por árvores: um trajeto ondeante cuja morfologia não induz o pedestre a segui-lo, e cujo aspecto inospito transmite uma sensação de desleixo e abandono, embora seja a única rota tomada pelos usuários no interior proibitivo de areia da praça.

EQUIPAMENTOS INTERNOS

Interligados pelo caminho de pedriscos, estão dois equipamentos de uso público: a quadra de esportes e os novos aparelhos de ginástica, os únicos atrativos que levam a população ao interior da praça. Os aparelhos de ginástica se localizam em um quadrilátero acimentado com cerca de vinte centíme-

tros de altura e com nenhuma rampa adequada ao uso da a maioria dos usuários, que é idosa. Acoplado à quadra de esportes se encontra um pequeno palco de concreto, um volume plenamente inutilizado que compõe um cenário de inadequação projetual.

CANTEIROS

Os escassos canteiros da praça são dispostos aleatoriamente e não possuem identidade formal comum: de tamanhos e formatos diferentes, se encontram em localizações pouco estratégicas e sem destaque. Além disso, não apresentam qualquer tratamento paisagístico ou aparente manutenção.

QUIOSQUES DE PLANTAS

Os quiosques de plantas implantados ao redor da praça possuem espaço generoso (chegando a 60 m²), porém pouco aproveitados. Sua estrutura completamente aberta de tubos de ferro deixa os vendedores e suas mercadorias sem qualquer proteção de chuvas, enxarcando seu piso de areia, ou de possíveis invasores, não havendo segurança para guardar qualquer objeto de maior valor ou dinheiro.

CORTES

Os cortes das calçadas da praça mostram o que já foi salientado várias vezes ao longo desta análise: a relação da praça com a rua é totalmente interrompida pela presença dos quiosques de flores, que acabam com a fluidez e a visibilidade que são essenciais para a ocupação do seu espaço interno.

Figura 9 - Perspectiva com cotas do terreno da praça.
Fonte: Elaborados pela autora.

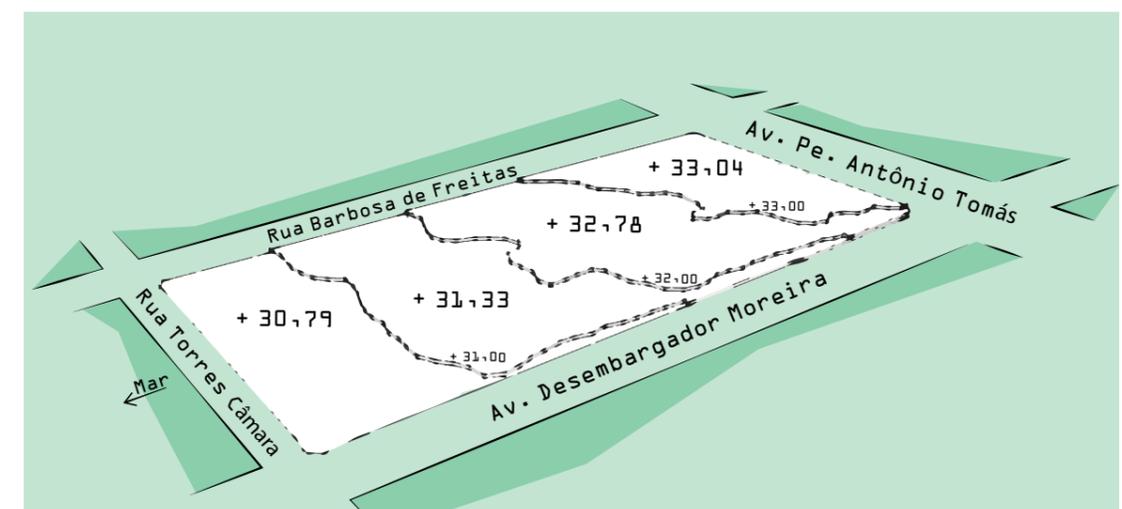


Figura 10 - Corte da Av. Pe. Antônio Tomás

CORTE 1-1

ESCALA 1 :200

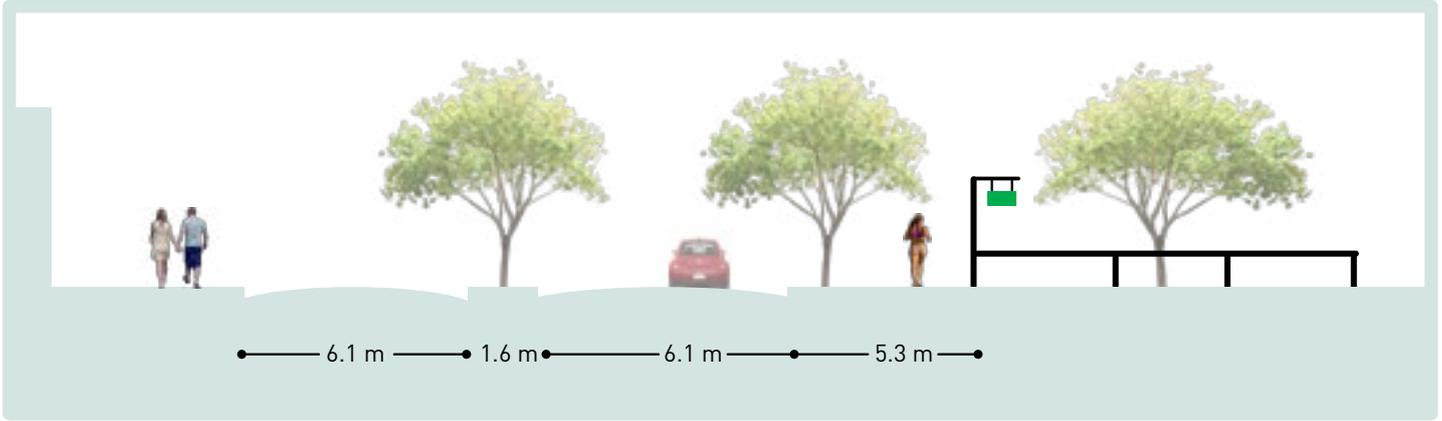


Figura 11 - Corte da Rua Barbosa de Freitas

CORTE 2-2

ESCALA 1 :200

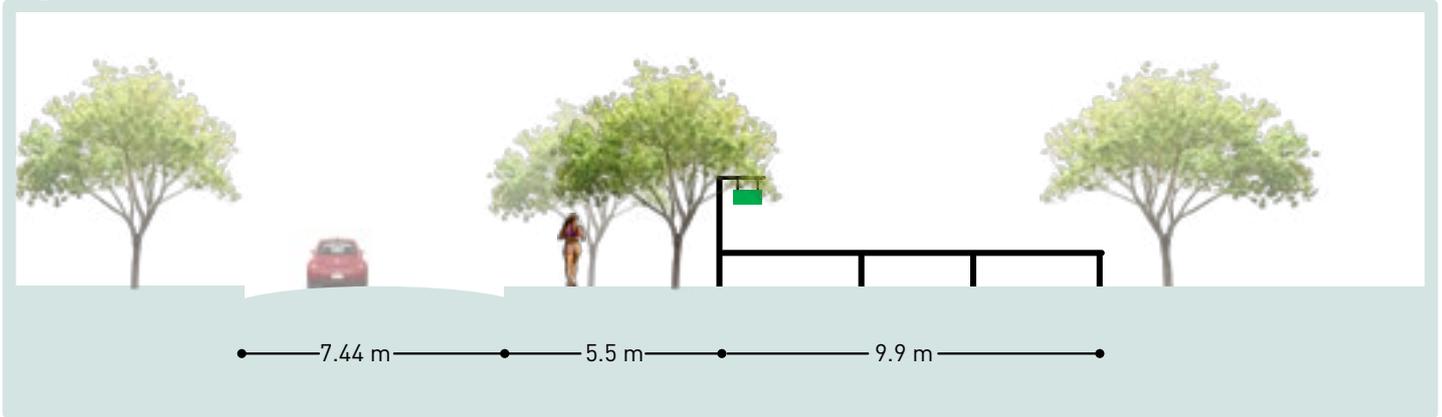


Figura 12 - Corte da Rua Eduardo Garcia

CORTE 3-3

ESCALA 1 :200

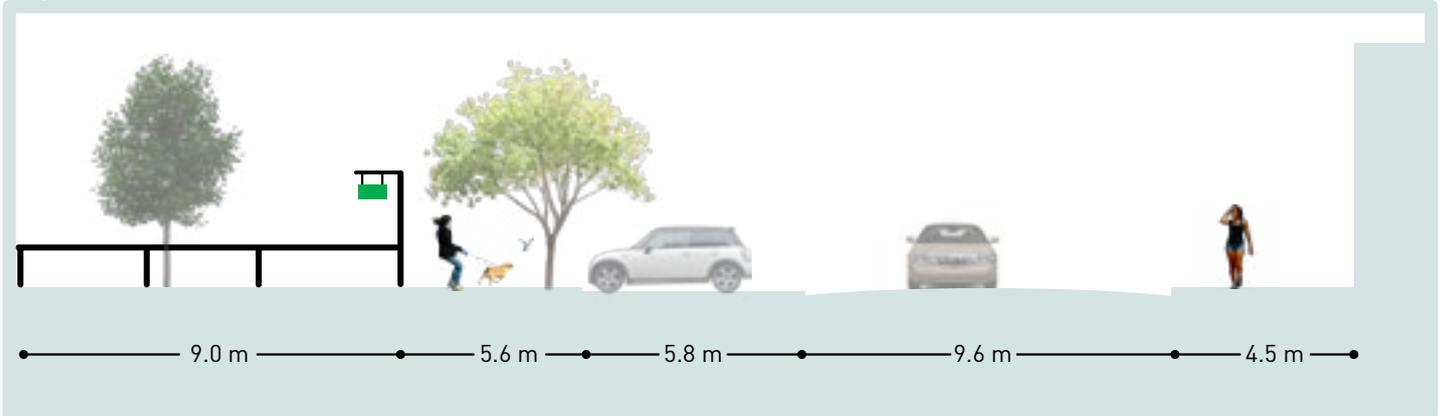
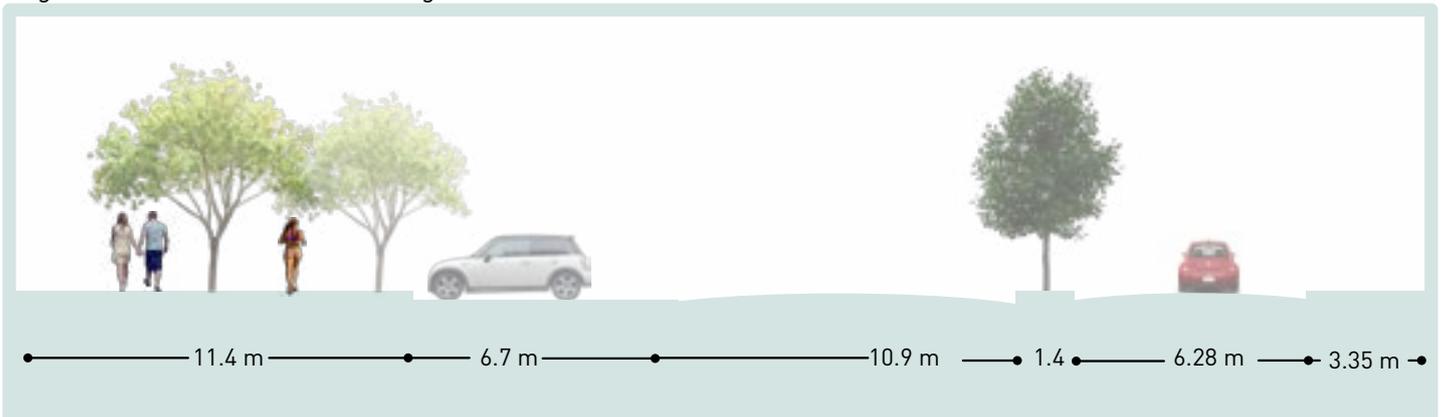


Figura 13 - Corte da Av. Desembargador Moreira

CORTE 4-4

ESCALA 1 :200





PROJETO DE REABILITAÇÃO DO BOSQUE

3.1 PARÂMETROS DE PROJETO

O objetivo a ser alcançado nessa proposta de projeto para o Bosque Gen. Eudoro Correia é torná-lo um espaço *urbano*, conectado com a cidade e a malha urbana que o envolve, e que não se limita a ser um espaço contemplativo, mas um promotor de atividades que se dispõe a abrigar a vida social da comunidade. Para tal, foram adotados os princípios de William Whyte e do *Placemaking* para buscar resolver os problemas identificados e suprir as demandas do Bosque.

Seguindo os preceitos do PPS, com o conceito do *Power of 10* (ver página 56), o projeto do Bosque é guiado pela intenção de proporcionar - no mínimo - dez atividades que poderão ocorrer em seu espaço (**as que já ocorrem + as que serão possibilitadas**), dando às pessoas ao menos dez razões para estar lá:

- 1º - Espaço para **caminhar**
 - 2º - Plantas para **comprar**
 - 3º - Quadra para **jogar**
 - 4º - Bicicletas para **alugar**
 - 5º - Comida para **comer**
 - 6º - Cadeiras e bancos para **sentar**
 - 7º - Pessoas para **conviver**
 - 8º - Playground para **brincar**
 - 9º - Jardim para **apreciar**
 - 10º - Aparelhos de ginástica para **se exercitar**
 - 11º - Livros para **ler**
 - 12º - Musica para **ouvir**
 - 13º - Arte para **ver**
- E muitas outras.

Todos os fatores que contribuam para incentivar as pessoas a pararem e permanecerem na praça são relevantes, assim, o projeto ultrapassa os limites do espaço construído e adentra outras facetas do planejamento que irão contribuir para seu sucesso, como as possibilidades de atividades a serem realizadas e a sua comunicação com os usuários.

Figura 14 - PLACEMAKING NO BOSQUE. Fonte: Elaborado pela autora.

PLACEMAKING NO BOSQUE

ESPAÇO ARTÍSTICO E CULTURAL

ARTE PÚBLICA A
SERVIÇO DO ESPAÇO PÚBLICO

AUMENTAR

CONECTAR!!
COMUNICAÇÃO

GANHOS RÁPIDOS!

- ARTISTAS OCUPANDO O ESPAÇO DA PRAÇA
→ FESTIVAIS MÚSICA / CINEMA AO AR LIVRE
- INSTALAR BICICLETÁRIOS
(+ ACESSÍVEL + DEMOCRÁTICO)
 - FEIRAS

- WEBSITE / APLICATIVO
→ PROGRAMAÇÃO OFICIAL
- PROGRAMAÇÃO VISUAL
- TOTENS

FAZER COM
QUE AS PESSOAS
PAREM

RECUPERAÇÃO DA
INFRA-ESTRUTURA

AS
PESSOAS
EM
PRIMEIRO LUGAR

GANHOS RÁPIDOS!

- OCUPAR O CENTRO DA PRAÇA - PAVIMENTAÇÃO ADEQUADA
- PONTO FOCAL + ALIMENTAÇÃO = CAFÉ CULTURAL
 - REORGANIZAR QUIOSQUES DE FLORES (+ AGREGADOS + CONECTADOS)
- MELHORAR EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO → LUGARES PARA SENTAR !!

DIRETRIZES GERAIS

Dadas as constatações resultantes da A.P.O. realizada, identificando as necessidades e potencialidades do Bosque e de seus usuários, o plano de ações para a praça se concentra nas seguintes diretrizes:

1. Abrir e conectar o seu espaço interno com a rua – transformar a praça em local de passagem, valorizando suas vistas e assegurando os seus acessos.

2. Promover espaços de lazer e permanência, através da oferta de lugares para sentar e da valorização das grandes árvores e suas sombras.

3. Proporcionar espaços que possibilitem usos diversificados, espontâneos e artísticos.

4. Localar um espaço de alimentação que atraia a população a adentrar e permanecer.

5. Manter o comercio de plantas com uma reorganização mais coesa de seus quiosques, em uma localização mais adequada.

6. Implementar uma comunicação de informação pertinente à praça - como programação cultural - através de um website oficial e programação visual através de totems informativos.

7. Instalar mobiliário que ofereça diversidade e conforto aos frequentadores.

8. Incorporar a faixa extra da Av. Desembargador Moreira à área da praça.

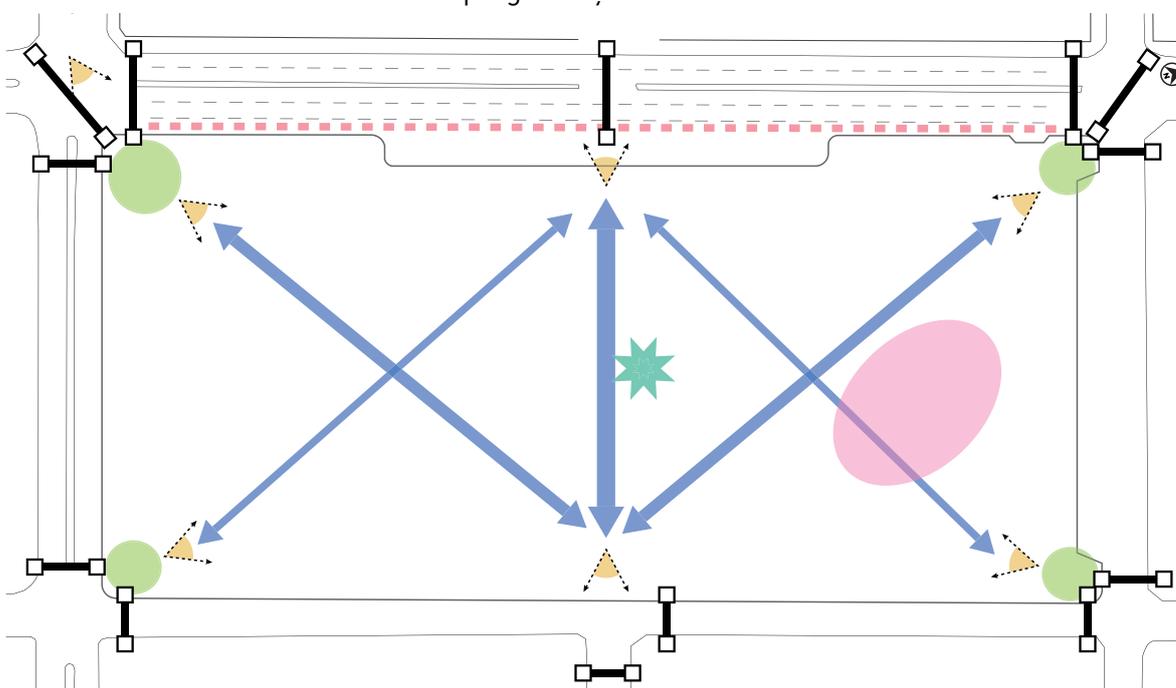
9. Estabelecer a Av. Desembargador Moreira como via de sentido único (sertão-praia) de acordo com o plano de binários da Prefeitura de Fortaleza.

10. Criar um escritório sede da administração da praça, responsável pela sua manutenção e gerenciamento da programação.

Figuras 15 - Diretrizes Gerais para o Bosque.

Fonte: Elaborados pela autora.

-  Reorganizar quiosques de flores
-  Criar esquinas abertas e acessíveis
-  Criar ponto de alimentação
-  Abrir caminhos
-  Valorizar vistas
-  Reforçar passagem de pedestres
-  Reforçar passagem de pedestres



PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa de necessidades para o Bosque foi desenvolvido com base na avaliação pós-ocupação realizada nele, em especial nas entrevistas e questionários aplicados com os seus frequentadores, onde foi possível angariar suas opiniões, desejos e insatisfações relacionadas a esse espaço. A grande maioria dos usuários relatou estar insatisfeita com a atual conjuntura da praça, principalmente com a falta de manutenção de sua infraestrutura básica, como os bancos depredados, pavimentação degradada e falta de banheiros públicos. Os maiores requerimentos para um novo projeto foram: a priorização de áreas de descanso e contemplação (89,3%), mobiliário em maior quantidade e diversidade (85,3%), mais espaço para prática de caminhada (74,7%), eventos e atividades culturais (58,7%) e melhoria dos quiosques de plantas (50,7%).

A fim de resolver as carências detectadas na praça através dos princípios do *placemaking*, foi determinado um programa de necessidades para o Bosque que consiste, primeiramente, na implantação de um equipamento de prestação de serviços de alimentação, um Café, na preservação dos Quiosques de Flores, porém com uma nova arquitetura e disposição, na criação de espaços de prática de exercícios físicos e jogos, na determinação de um mobiliário adequado e diverso, criação de espaços para atividades múltiplas e de espaços de permanência e contemplação.

A escolha por um **Café** no centro do Bosque se deu pela necessidade da prestação de serviço de alimentação no local, que é um grande atrativo e razão para delongas dos visitantes. Além disso, os Cafés possuem um importante papel na vida cultural e produção intelectual das cidades, adquirindo uma importância ímpar na paisagem da cidade moderna.

O Café do Bosque deverá ser um espaço de permanência interna e externa, garantindo a sua utilização nos diversos horários do dia. Com porte médio, deverá atender ao público em menor escala durante a semana ou horário de almoço, ou em maior escala durante os fins de semana e eventos culturais no Bosque. A estrutura do Café também abrigará os banheiros públicos - com acesso externo - que servirão tanto aos seus clientes quanto aos visitantes da praça, o escritório da administração e o depósito de limpeza

geral do Bosque, todos com acesso externo e independente da do Café.

A preservação dos **Quiosques de Flores** se deu por uma questão de manutenção da identidade original da praça. Os quiosques de flores têm sido há anos o principal atrativo do Bosque, e uma referência central na compra de plantas na cidade. Porém, nem todos os quiosques se encontravam ocupados - como observado na A.P.O. realizada - então, o número total foi reduzido para vinte e dois.

O **espaço para prática de esportes** é devido à demanda existente dos usuários, principalmente durante a noite. Assim, será instalada uma quadra poliesportiva de pequeno porte e uma meia quadra de basquete (garrafão), com arquibancadas. Os **equipamentos de ginástica ao ar livre**, que já são amplamente utilizados, especialmente por idosos, serão relocados para uma local com maior visibilidade e acesso facilitado.

O **espaço de jogos** (com mesas de xadrez e pingue-pongue) foi criado com a intenção de proporcionar uma maior variedade de atividades oferecidas

Tabela 1 - Programa de necessidades das áreas construídas.
Fonte: Elaborada pela autora.

TABELA 1 - PROGRAMA DE NECESSIDADES DAS ÁREAS CONSTRUIDAS

	AMBIENTES	ÁREA UNIT. (m ²)	QTD.	ÁREA FINAL (m ²)
CAFÉ DO BOSQUE				
ACESSO PÚBLICO	Área mesas térreo	115	1	115
	Área mesas superior	30	1	140
	Área mesas sacada	70	1	70
ÁREA RESTRITA	Balcão	25,5	1	25,5
	Cozinha	32,5	1	32,5
	Depósito	9	1	9
	Escritório Gerente	9	1	9
	Vestiário Func. c/ w.c.	15,2	1	15,2
	Circulação	27	1	27
ADMNIST. BOSQUE	Escritório Gerente Geral	16,15	1	16,15
	Depósito Limpeza Geral c/ w.c.	27	1	27
W.C.s PÚBLICOS	W.C. Feminino	19,5	1	19,5
	W.C. Masculino	19,5	1	19,5

TOTAL : 525,35 m²

AMBIENTES	ÁREA UNIT. (m ²)	QTD.	ÁREA FINAL (m ²)	
QUIOSQUES DE FLORES				
ACESSO PÚBLICO	Área de exposição de plantas	39	22	858
	Balcão	5	22	110
	Depósito	5	22	110
			TOTAL : 1078 m ²	
EQUIPAMENTOS DE LAZER				
ESPORTE/EXERCÍCIOS	Quadra de esportes	465	1	465
	Meia quadra de basquete	125	1	125
	Aparelhos de Ginástica	75	1	75
LÚDICOS	Espaço de Jogos	250	1	250
	Playground	113	1	113
	Palco	77	1	77
			TOTAL : 517 m ²	
MOBILIÁRIO EDIFICADO				
	Paraciclo	20	1	20
	Banca de Revistas	36	2	72
	Parada de ônibus	25	1	25
	Parada Intermodal	50	1	50
			TOTAL : 167 m ²	

pela praça, para faixas etárias diversas, assim como o **gramado multi-atividades e o palco**, que poderão abrigar desde atividades aeróbicas, pique-niques, à pequenos eventos culturais.

O novo **mobiliário** a ser implantado é composto por bancos, mesas e arquibancadas, visando a variedade de opções para sentar. Também por lixeiras para coleta separada de lixo, incluindo um ecoponto para coleta de lixo reciclável (papel, vidro, metal, plástico, pilhas e óleo de cozinha). Para as crianças, é estabelecido um Playground próximo a uma fonte de jatos de água.

Além disso, são propostas novas paradas de ônibus - uma padrão e uma intermodal, acoplada com com a estação do biciletar - e novas bancas de revista, mais amplas e com espaço para os novos usos de venda de lanches.

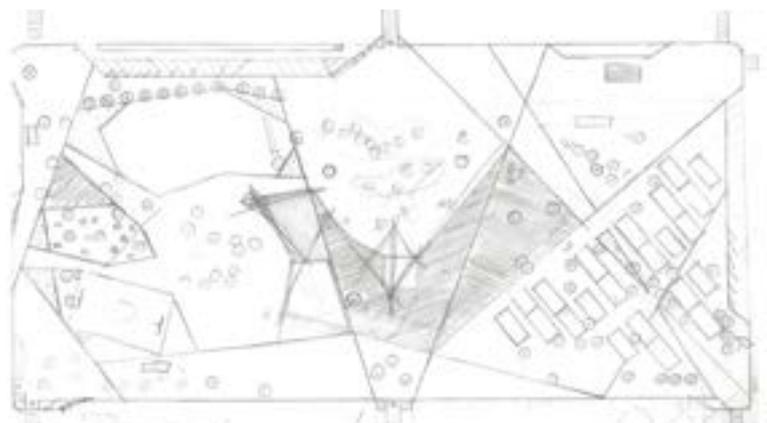
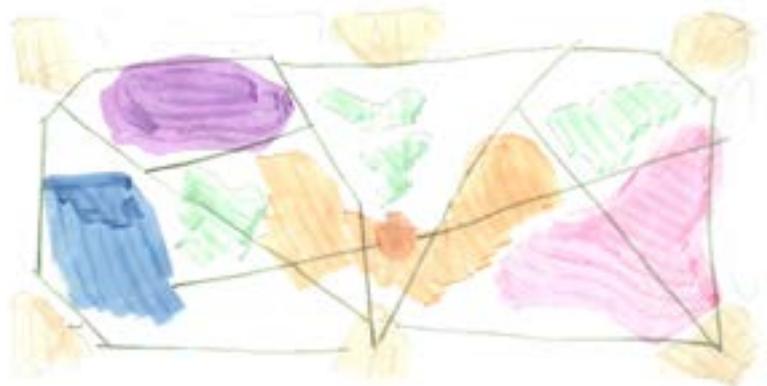
3.2 PARTIDO

A criação de um espaço urbano cultural com usos comerciais, como a proposta deste trabalho, pressupõe a articulação de espaços de atividade parcialmente controlada e fechada ao público, como é o caso do Café e dos Quiosques de Flores, e espaços abertos à convivência e às trocas sociais entre os diversos visitantes do local. A adequação da transição entre esses tipos de ambientes, sem que isso signifique uma segregação ou a imposição de barreiras ao espaço da praça, é vista como ponto estratégico dessa empreitada.

A seguir, são apresentadas as principais ideias desenvolvidas neste trabalho. As soluções arquitetônica e paisagística desenvolvidas para as demandas constatadas buscaram equilibrar funcionalidade com a promoção de um espaço cultural e esteticamente harmônico com a realidade apresentada.



QUIOSQUES



De acordo os princípios de projeto adotados, a solução paisagística desenvolvida e a implantação dos equipamentos visa a utilização das porções mal ou subutilizadas do Bosque, onde há, atualmente, acúmulo de lixo e permanente sensação de insegurança devido ao abandono e a falta de cuidados.

As divisões espaciais decorrentes da pavimentação com traçado geométrico derivou-se do estudo dos fluxos da praça e da interconexão entre seus pontos-chave (como suas esquinas, seu centro e as paradas de ônibus), buscando sempre encontrar maneiras de preservar intactas as árvores de médio e grande porte do Bosque.

A área escolhida para a implantação do Café foi a porção central da quadra, onde a massa vegetal é rarefeita e rasteira, significando que a intervenção não será agressiva, sem a derrubada de árvores. A localização também é estratégica na medida em que a área central é o ponto de maior necessidade de atração de fluxo de pessoas.

Já os Quiosques de Flores tiveram sua localização elegida a partir da A.P.O. realizada, onde a observação sistemática dos atuais quiosques revelou a esquina da Rua Eduardo García e Barbosa de Freitas como o local de maior movimentação comercial, devido à maior acessibilidade das duas ruas locais, que possibilita a obtenção de melhor dinâmica urbana com sua vizinhança imediata.

O partido arquitetônico dos dois equipamentos de maior porte foi escolhido com a intenção de produzir uma arquitetura moderna e de elegância e beleza austeras, e, principalmente, que não seja uma imposição chamativa à paisagem, harmonizando-se com a natureza.

Desta maneira, a escolha se deu, para ambos, por um tipo de arquitetura industrial, de estrutura metálica leve e modulada, com muito uso de madeira, vidro e elementos vazados, como brises e ripados contínuos.

A ideia principal para os Quiosques consiste na criação de unidades interligadas por um espaço contínuo e aberto, que possibilita a coexistência destes com as árvores do local através de aberturas nas sua estrutura com brises, configurando uma unidade arquitetônica integrada à natureza exuberante do Bosque.

3.3 DISTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA

MASTERPLAN

Após serem lançadas as diretrizes projetuais, apresenta-se agora a proposta final de masterplan para o Bosque. Cada aspecto deste plano paisagístico será detalhado, mas, antes, cumpre fazer uma síntese do apanhado das decisões adotadas nesta empreitada.

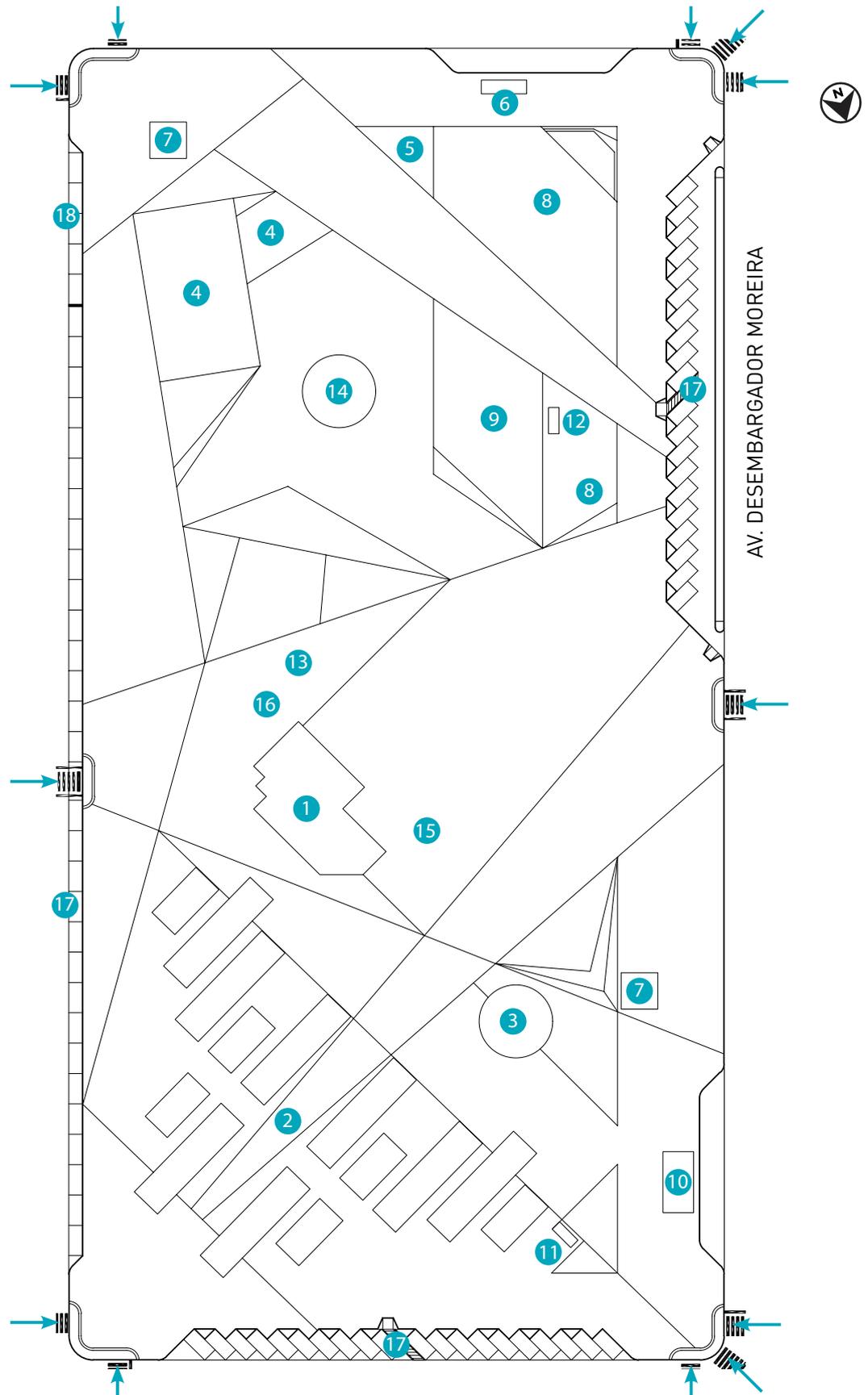
A divisão do programa dentro do espaço da praça se deu de maneira a evitar barreiras físicas ou visuais ao seu interior. A escolha pelo traçado geométrico irregular como estruturação da pavimentação e divisão espacial possibilitou a formação de caminhos pouco convencionais e perspectivas acentuadas, valorizando os visuais para seu interior e arredores.

Imagem 67 - Perspectiva da nova proposta.
Fonte: Elaborados pela autora.





* As árvores foram retiradas para possibilitar maior visibilidade da nova proposta.



- | | | | | | |
|---|----------------------|----|--------------------------------|----|---------------------|
| 1 | Café do Bosque | 7 | Bancas de Revista | 13 | Leitura ao Ar Livre |
| 2 | Quiosques de Flores | 8 | Área Multiatividades | 14 | Espaço Zen |
| 3 | Playground | 9 | Parada de Ônibus | 15 | Fonte Jato d'água |
| 4 | Quadras | 10 | Intermodal Ônibus + Bicicletar | 16 | Mesas ao Ar Livre |
| 5 | Academia ao Ar Livre | 11 | Ecoponto | 17 | Estacionamentos |
| 6 | Espaço de Jogos | 12 | Paraciclos | 18 | Ponto de Taxi |

O equipamento de maior gabarito, o Café do Bosque, está localizado em seu centro, buscando ocupar essa área anteriormente desvalorizada. Os Quiosques de Flores estão localizados próximos ao Café, na esquina das duas ruas locais, as mais acessíveis.

O estacionamento da Rua Eduardo Garcia permaneceu com desenho semelhante, assim como os estacionamentos laterais na Rua Barbosa de Freitas. Mas o estacionamento da Av. Desembargador Moreira foi reestruturado, adquirindo uma calçada de separação com a avenida, com entrada e saída, evitando grandes perturbações ao tráfego.

As duas paradas de ônibus da praça continuam com localizações semelhantes às originais, mas é proposta uma nova configuração, tornando uma delas uma parada intermodal, com uma estação do biciletar acoplada. Foram também inseridas junto às paradas duas baias de ônibus com o objetivo que facilitar e tornar mais eficiente e segura a entrada dos passageiros.

Os espaços de lazer, com excessão do playground, localizam-se próximos à Av. Pe. Antônio Tomas, procurando propiciar maior movimentação e dinâmica à essa frente de menor acessibilidade do Bosque.

AV. DESEMBARGADOR MOREIRA

A Av. Desembargador Moreira, que possui três faixas de rolamento de veículos no sentido sertão - praia somente no trecho correspondente ao Bosque, terá essa faixa extra incorporada ao espaço da praça.

Essa mudança servirá como solução para os engarrafamentos decorrentes da mudança da largura da via somente por 200 m.

Uma outra medida que será implementada é a aquisição do sentido único da avenida, na direção sertão-praia, de acordo com o binário planejado pela Prefeitura de Fortaleza, juntamente com a Av. Virgílio Távora.

A nova proposta de mão única para a Av. Desembargador Moreira define para a caixa viária de 13,67 m de largura uma nova ciclofaixa de 1,5 m, três faixas de rolamento de 3 m e uma faixa exclusiva para ônibus de 3,17m.

Imagem 69 - PROPOSTA DE CAIXA VIÁRIA PARA AV. DES. MOREIRA. ESC: 1:125

Fonte: Elaborado pela autora.

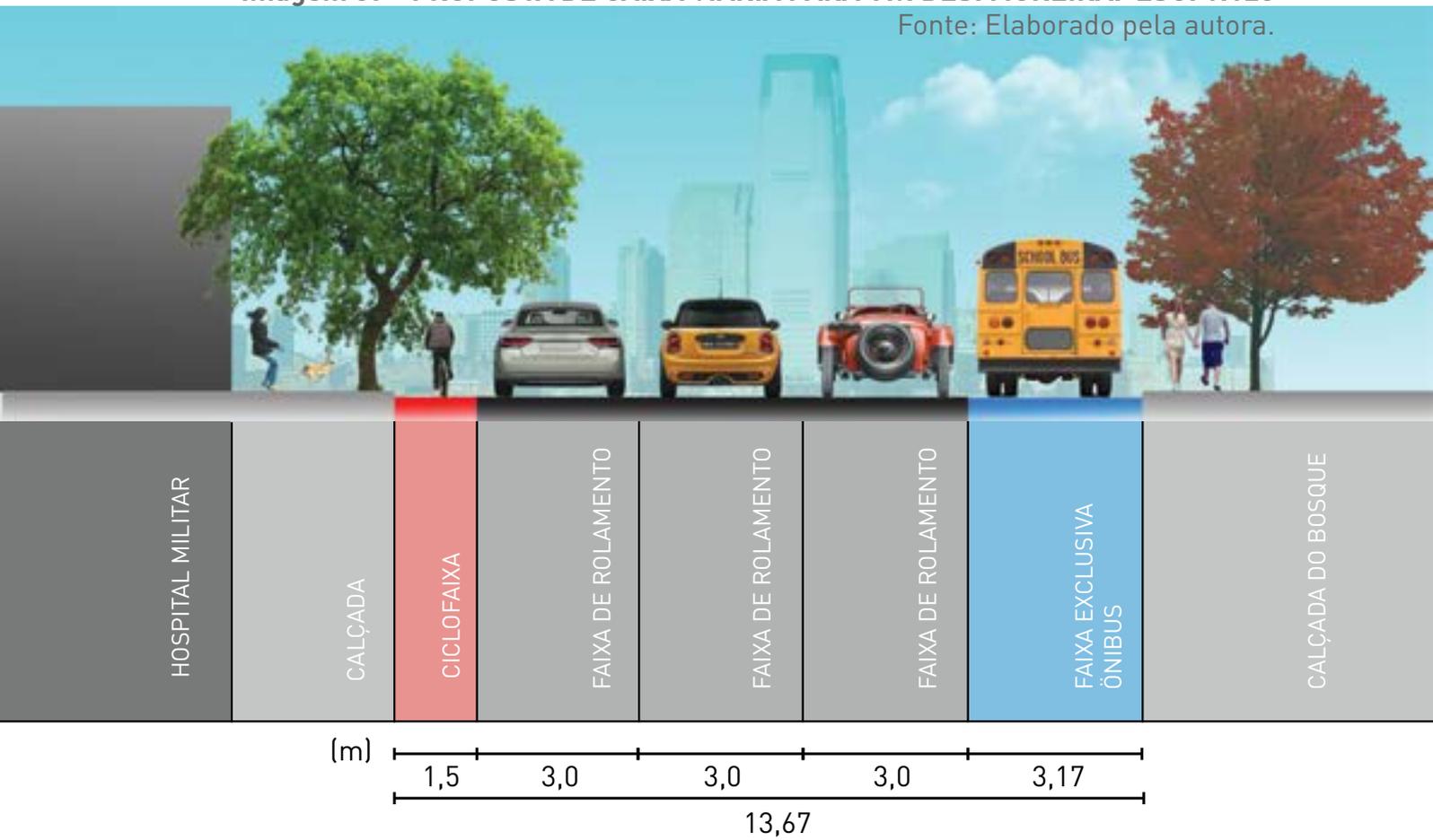


Imagem 70 - Proposta para a Av. Desembargador Moreira.
Fonte: Elaborada pela autora.

CALÇADAS E ESQUINAS

As calçadas propostas para o Bosque foram elaboradas pensando nas atividades que se dariam nelas, principalmente a prática de caminhada, a principal atividade praticada na praça por visitantes de todas as faixas etárias.

Com uma largura mínima de 8,5 m, as calçadas do Bosque não possuem limites definidos, mesclando-se com o espaço interno em vários momentos. Dentro desse espaço mínimo, nos primeiros 2 m na fronteira com a rua estão localizadas as árvores, rampas de acesso e equipamentos de iluminação pública. Seguidamente, 5 metros são previstos para comportar o fluxo de pedestres caminhando em ambas as direções. Por último, são previstos 1,5 metros para escorar a prática de caminhada esportiva, dando espaço suficiente para um fluxo fluido e confortável, uma vez que esse corredor é frequentemente permeado por árvores de grande porte originais do Bosque.

Os acessos oficiais à praça são feitos em suas esquinas e por rampas de acesso no meio das laterais mais longas. Nas esquinas, optou-se por realizar um rebaixamento completo, ampliando esses acessos e tornando-os mais convidativos.

Imagem 71 - Proposta da calçada da Rua Barbosa de Freitas.
Fonte: Elaborada pela autora.



Imagem 72 - Proposta do corte da calçada padrão do Bosque.
Fonte: Elaborada pela autora.

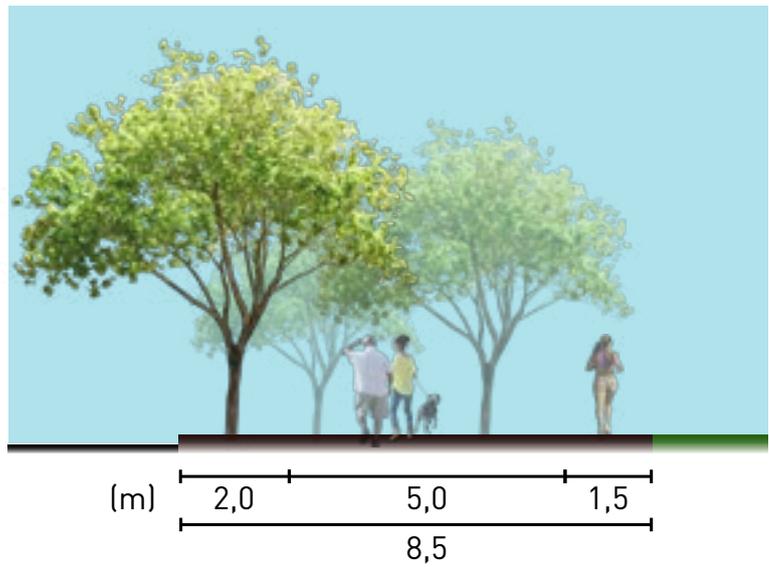


Imagem 73 - Proposta da calçada da Av. Desembargador Moreira.
Fonte: Elaborada pela autora.



Imagem 74 - Proposta da calçada da Rua Barbosa de Freitas.
Fonte: Elaborada pela autora.



Imagem 75 - Proposta da esquina rebaixada com balizadores no cruzamento da Rua Barbosa de Freitas e Rua Eduardo Garcia.
Fonte: Elaborada pela autora.



QUIOSQUES DE FLORES

IMPLANTAÇÃO

A implantação dos Quiosques de Flores foi pensada de maneira a uni-los em uma conformação mais coesa e em uma localização mais propícia, mas ao mesmo tempo enfrentando o desafio de manter essa estrutura fluida, sem produzir barreiras que impeçam a visualização ou o adentramento no Bosque.

Os vinte e dois quiosques foram dispostos de maneira a possibilitar múltiplas entradas a todas as unidades, mantendo uma estrutura aberta e sem enclausuramento, sempre abrindo-se em espaços amplos para todos.

Essa conformação formou-se a partir da determinação de um corredor central, guiando o caminho desde a sua esquina até a entrada pela Av. Desembargador Moreira. A partir desse corredor, acontece o espelhamento dos quiosques, criando um formato triangular.

COBERTA

A solução encontrada para conciliar essa estrutura mais coesa dos quiosques com a vegetação existente foi a de uma cobertura metálica leve com fe-

Imagem 76 - Vista superior da cobertura dos quiosques.
Fonte: Elaborada pela autora.



chamento intercalado de ripas contínuas, possibilitando a permanência das árvores do local e criando um visual harmônico de integração com a natureza, sem bloquear a iluminação natural ou a ventilação. A orientação dos ripados se deu de forma a permanecer perpendicular ao direcionamento solar, assegurando a sombra e o conforto térmico.

A coberta dos quiosques se dá com a mesma estrutura de ripados contínuos, porém sobreposta com telhas de policarbonato, mantendo a iluminação natural e protegendo nos períodos de chuva.

Imagem 77 - Entrada dos Quiosques de Flores pela esquina da Rua Barbosa de Freitas e Eduardo Garcia.
Fonte: Elaborada pela autora.



Imagem 78 - Totem sinalizador com o novo símbolo do Bosque na entrada dos Quiosques de Flores.
Fonte: Elaborada pela autora.



Imagem 79 - Corredor central conectando a esquina ao centro do Bosque.
Fonte: Elaborada pela autora.



TIPOLOGIAS DOS QUIOSQUES

A proposta de programa básico para os quiosques é de 50 m², muito semelhante ao espaço disponível atualmente. Porém, é concebida uma nova ideia de organização, procurando suprir as lacunas atuais de infraestrutura e segurança.

Embora o espaço disponível seja idêntico para todos, sua organização interna e aberturas mudam de acordo com a posição em que se encontram na implantação, com a finalidade de potencializar a conexão visual e física entre eles, evitando a criação de corredores e pontos cegos.

No total, são elaboradas seis tipologias de quiosques, distribuídos entre os vinte e dois quiosques implantados. Na distribuição, estão: 3 do tipo A; 4 do tipo B; 4 do tipo C; 4 do tipo D; 3 do tipo E e 4 do tipo F.

O espaço interno de todos é dividido entre a área de exposição das plantas, a área do balcão e um depósito de vasos, pretendendo acabar com a problemática atual do armazenamento de vasos no espaço comum da praça.

A sua estrutura é metálica, formada por pilares e vigas de perfil I, com vedações em alvenaria aparente e brises de madeiras, procurando proporcionar o máximo de visibilidade interna e externa.

Imagem 80 - Vista interna de um dos quiosques de flores tipo D.
Fonte: Elaborada pela autora.



Imagem 81 - Vista superior da cobertura dos quiosques.

Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 16 - Implantação das tipologias dos quiosques.

ESC: 1:750 Fonte: Elaborado pela autora.

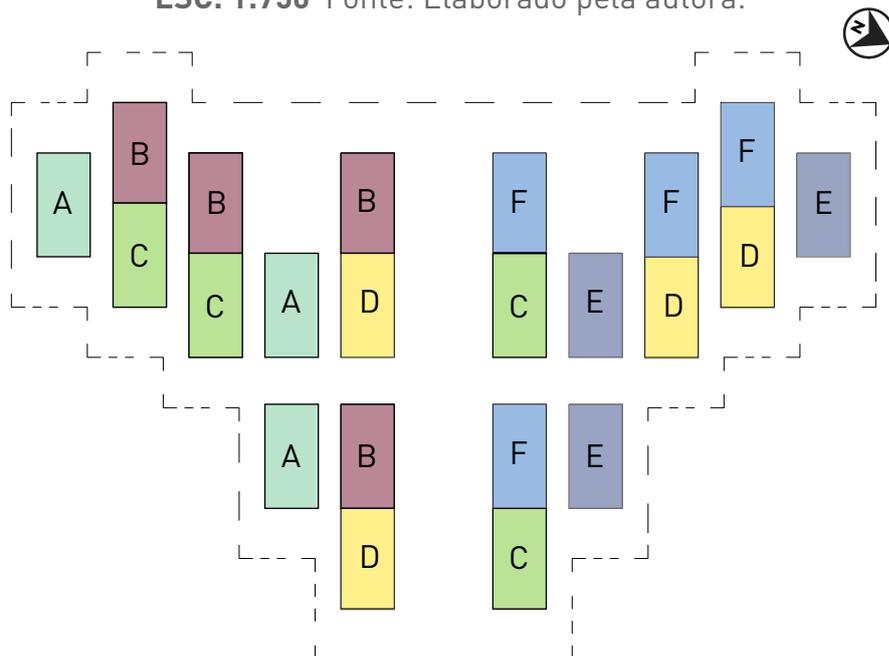


Imagem 82 - Quiosque de Flores tipo A. Escala : 1/125
 Fonte: Elaborada pela autora.

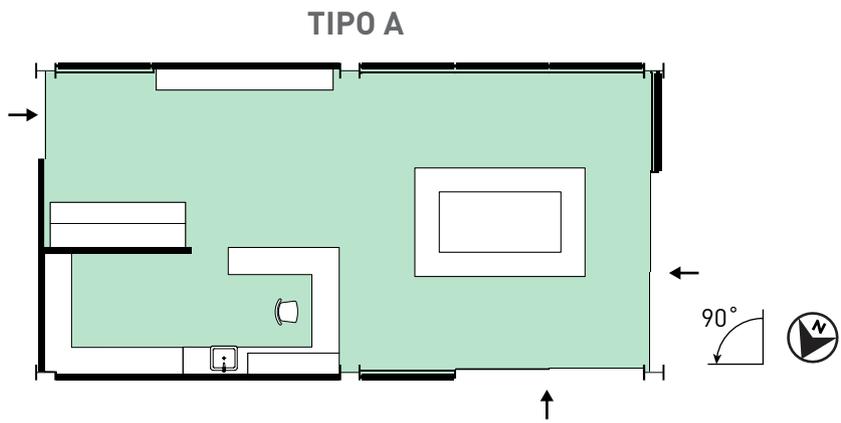


Imagem 83 - Quiosque de Flores tipo B. Escala : 1/125
 Fonte: Elaborada pela autora.

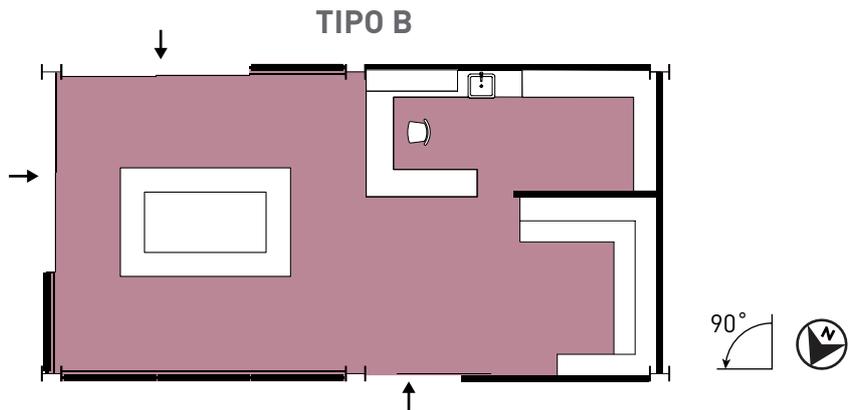


Imagem 84 - Quiosque de Flores tipo C. Escala : 1/125
 Fonte: Elaborada pela autora.

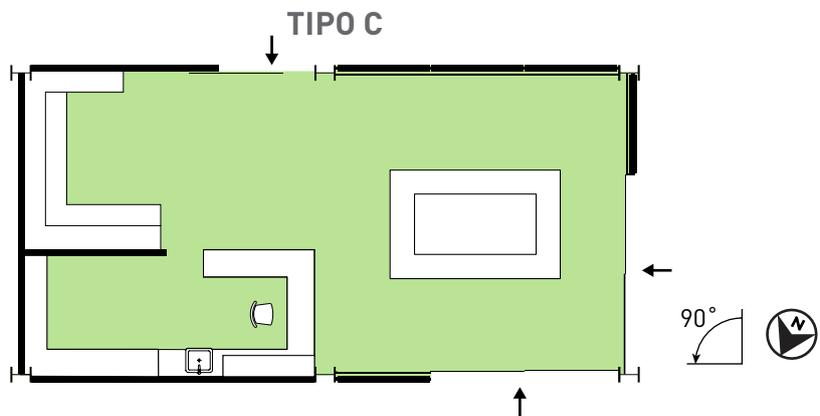


Imagem 85 - Quiosque de Flores tipo D. Escala : 1/125
 Fonte: Elaborada pela autora.

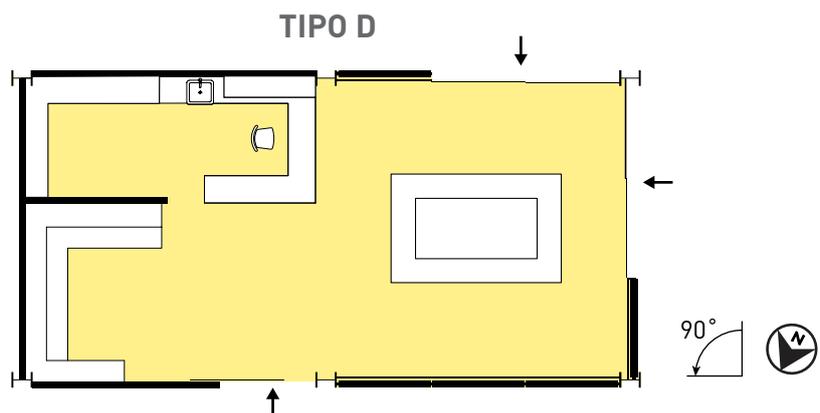


Imagem 86 - Quiosque de Flores tipo E. Escala : 1/125
Fonte: Elaborada pela autora.

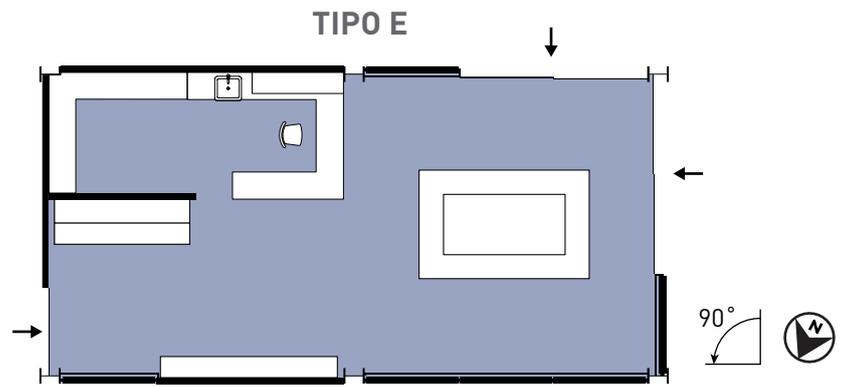


Imagem 87 - Quiosque de Flores tipo F. Escala : 1/125
Fonte: Elaborada pela autora.

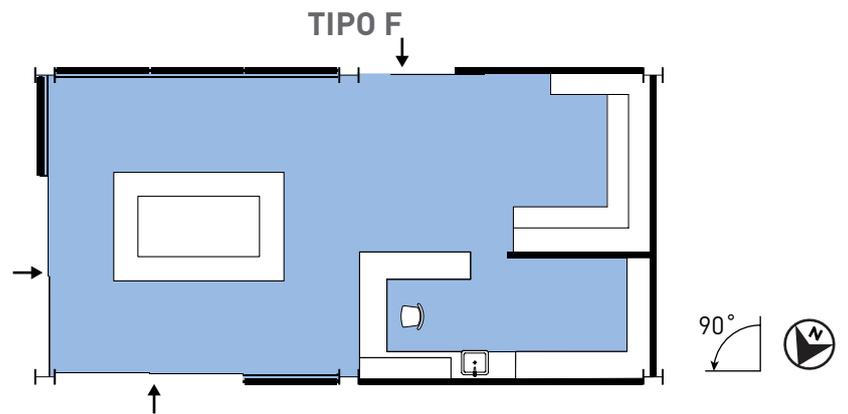


Imagem 88 - Vista interna de um dos quiosques de flores tipo D.
Fonte: Elaborada pela autora.



CAFÉ DO BOSQUE

A instalação de um equipamento de alimentação - o Café do Bosque - é de importância ímpar para alcançar os objetivos almejados para a praça em estudo. Ele funcionará como um forte atrativo para visitantes e uma plataforma para movimentação cultural do local. A sua localização central é estratégica para atrair os visitantes para o meio da praça, fazendo-os percorrer outros espaços até finalmente alcançá-lo.

O Café do Bosque foi projetado seguindo a mesma linguagem arquitetônica dos Quiosques de Flores, com uma estrutura metálica leve e utilização de elementos como a madeira, o vidro e a alvenaria aparente.

As suas três entradas para direções diferentes tem a intenção de abrir e potencializar a integração desse espaço com a praça ao seu redor. Esse papel também é desempenhado pelas mesas e cadeiras do lado de fora, que tem a função de oferecer aos visitantes uma ótima opção de espaço para sentar e permanecer no centro da praça.

Próximo ao local das mesas, a uma distância suficiente para não molhar os clientes do Café, está instalada uma fonte de jato d'água, que também está a meio caminho do espaço do playground. Elementos com água são ótimas ferramentas de integração e agradam crianças e adultos. As fontes de jato d'água se mostram como opção mais econômicas e de fácil manutenção, pois funcionam apenas durante um certo período de tempo.

Imagem 89 - Vista do Café do Bosque com suas mesas ocupando o espaço da Praça.
Fonte: Elaborada pela autora.



Imagem 90 - Vista do Café do Bosque com a fonte de jato d'água
Fonte: Elaborada pela autora.



ESPAÇO LEITURA AO AR LIVRE

A ideia do espaço de leitura ao ar livre é a de ser um programa promovido pela administração do Bosque em parceria com o Café, para oferecer uma “sala de leitura” gratuita e sem necessidade de identificação por parte dos leitores.

Ele tem a intenção de incentivar um ambiente agradável, convidativo e de permanência na área externa do Café. Os estantes móveis seriam expostos durante o horário comercial e recolhidos ao fim do dia, oferecendo para leitura livros adquiridos pela própria praça ou advindos de doações.

Inspirado na experiência do Bryant Park com sua “Reading Room”, esse programa promoverá um ambiente de trocas e incentivará a visita ao Bosque tanto de grupos quanto de pessoas desacompanhadas.

Imagem 91 - Imagem da estante móvel que abrigará os livros para o espaço de leitura ao ar livre.
Fonte: Elaborada pela autora.



Imagem 92 - Pavimento térreo do Café do Bosque.
Escala : 1/200
Fonte: Elaborada pela autora.

- ① Área de mesas térreo
- ② Balcão
- ③ Cozinha
- ④ Despensa
- ⑤ Administração do Bosque
- ⑥ Depósito de Limpeza do Bosque
- ⑦ Banheiros Públicos

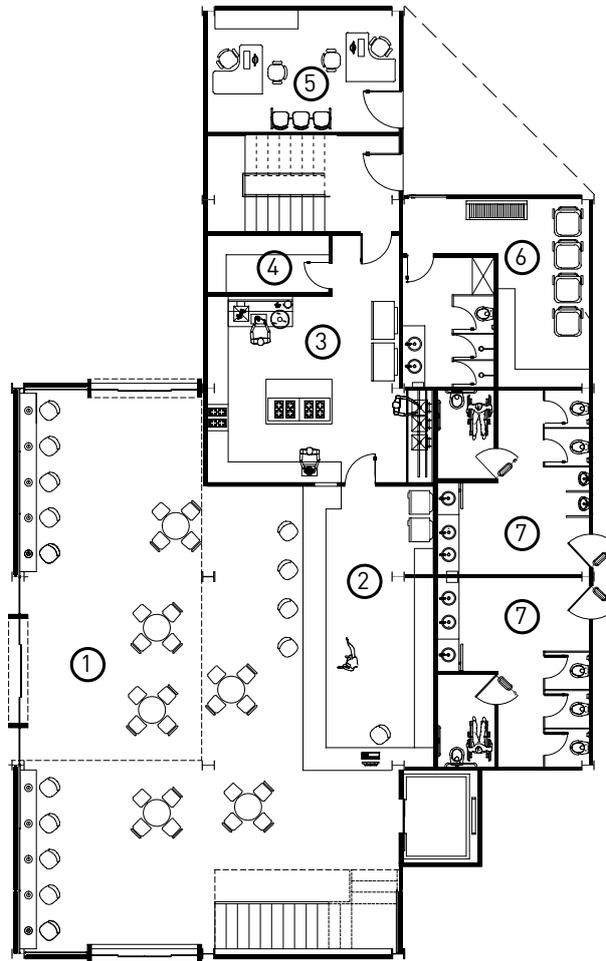
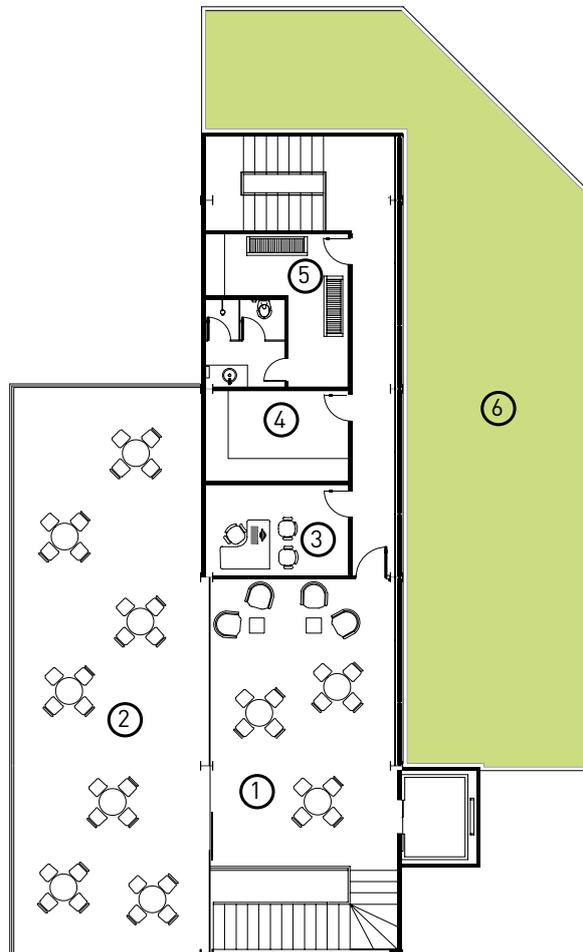


Imagem 93 - Pavimento superior do Café do Bosque.
Escala : 1/200
Fonte: Elaborada pela autora.

- ① Área de mesas superior
- ② Área de mesas sacada
- ③ Gerência do Café
- ④ Depósito do Café
- ⑤ Vestiário de Funcionários
- ⑥ Teto verde



ESPAÇO INTERNO DO CAFÉ

A área interna do café é composta, em sua maioria, pelo espaço das mesas, destinado aos usuários, tanto no térreo quanto no pavimento superior e no terraço. Visando a acessibilidade do local, o pavimento superior é acessível através de uma escada e de uma plataforma elevatória.

O locais de serviços do café são divididos entre os dois pavimentos, uma vez que ele compartilha o edifício com um espaço administrativo do Bosque e um depósito de limpeza geral.

Imagem 94 e 95 - Espaço interno do Café no térreo e no pavimento superior.
Fonte: Elaborada pela autora.



Tanto esses espaços de administração do Bosque quanto os banheiros, que servirão não somente ao Café, mas também ao público da praça em geral, possuem entradas exclusivas e separadas das do Café para que suas atividades possam funcionar completamente independentes.

Imagem 96 - Vista da entrada lateral do Café e das entradas dos banheiros.

Fonte: Elaborada pela autora.



Imagem 97 - Vista das entradas de serviço do Café e da administração do Bosque.

Fonte: Elaborada pela autora.

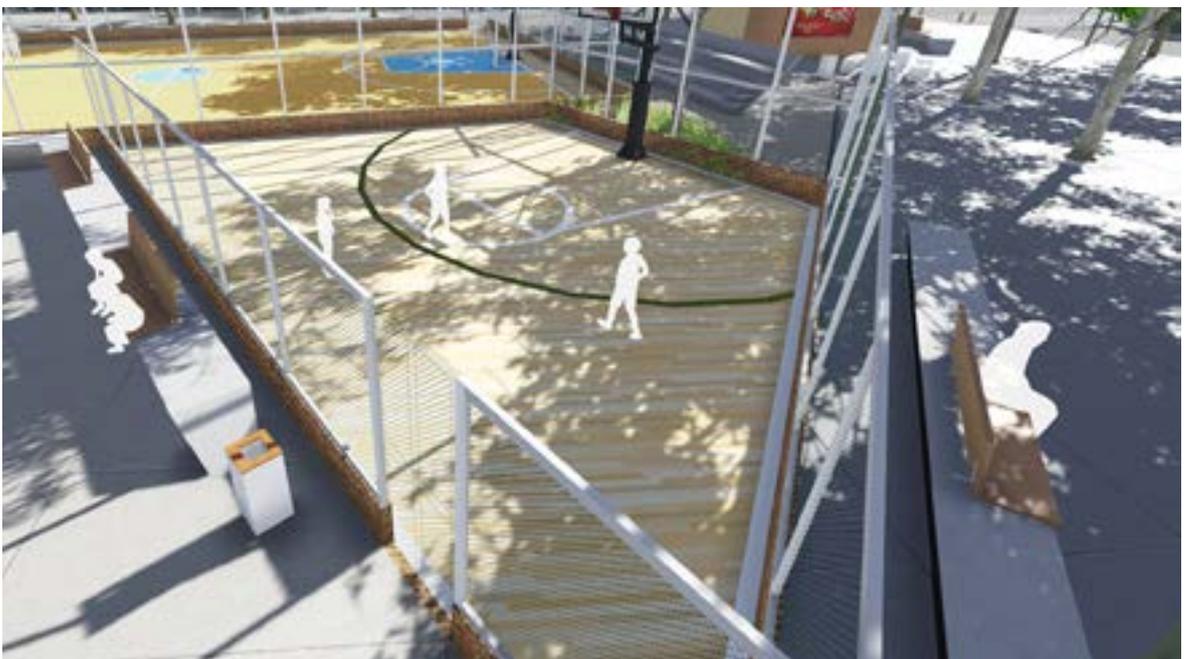


EQUIPAMENTOS DE LAZER E EXERCÍCIOS

QUADRAS DE ESPORTE

De acordo com uma demanda já existente na praça, foi projetada uma quadra poliesportiva de pequeno porte e uma meia quadra de basquete (garrafão). As duas quadras, localizadas perto da Av. Padre Antônio Tomás formam juntas um espaço de convivência equipada com arquibancadas e bancos próximos.

Imagem 98 e 99 - Imagens da Quadra poliesportiva e da meia quadra de basquete.
Fonte: Elaborada pela autora.



ACADEMIA AO AR LIVRE

A academia ao ar livre é outro equipamento que também já é bastante utilizado pelo público da praça, mas que será remanejado para uma localização mais visível e acessível.

Esses equipamentos de ginástica se encontram na esquina da calçada com um caminho interno, mantendo-se no mesmo nível que eles e aumentando a acessibilidade para os seus usuários mais assíduos: as pessoas da terceira idade.

Imagem 100 e 101- Vista da Academia ao ar livre.
Fonte: Elaborada pela autora.



PLAYGROUND

O playground está localizado próximo dos quiosques e da fonte de jato d'água. Ele fica assentado em uma área delimitada por bancos, uma arquibanca e um jardim, o que o torna um lugar seguro e de fácil observação para os pais e responsáveis.

Imagem 102 - Imagem do Playground infantil.

Fonte: Elaborada pela autora.



ÁREA DE JOGOS

A área de jogos surge para adicionar ao Bosque novos usos e atividades. Direcionado para o público de todas as idades, as mesas fixas de concreto para jogar xadrez ou damas e as mesas de concreto para jogar pingue-pongue formam um micro espaço de convivência à sombra de grandes árvores, onde os visitantes poderão jogar entre amigos, fazer novas amizades, ou somente utilizar esse espaço como local de descanso ou pique-nique.

O mobiliário escolhido utiliza o concreto como principal material, possuindo um design simples, porém arrojado.

O modelo das mesas de pingue-pongue é de autoria do grupo URBAN BY AMOP, e se chama mesa raquetes amoplay. As mesas de concreto pra jogar xadrez são de autoria da autora.



Imagem 103 - Área de Jogos com mesas de xadrez e pingue-pongue. Fonte: Elaborada pela autora.

MOBILIÁRIO

ECOPONTO

Uma estação de coleta de lixo reciclável da Prefeitura de Fortaleza estará localizada próxima aos Quiosques de Flores, em frente ao estacionamento pela Rua Eduardo Garcia, buscando incentivar a vizinhança próxima a participar da coleta seletiva.

Essa localização foi escolhida pela praticidade que a proximidade aos estacionamento proporciona àqueles que chegam trazendo um volume maior de resíduos para despejo.

Os materiais que serão coletados serão os tradicionais plástico, vidro, metal e papel, mas também haverá um espaço para depósito de pilhas e óleo de cozinha.



Imagem 104 - Ecoponto para coleta de material reciclável. Fonte: Elaborada pela autora.

PARACICLO

O paraciclo da Bosque terá uma localização de grande visibilidade, próximo à entrada central da Av. Desembargador Moreira, onde será instalada uma ciclofaixa.

Ele possui uma singela cobertura metálica com ripados contínuos e uma bomba para encher pneus acoplada, com capacidade para um grande quantidade de bicicletas para os casos de grandes fluxos em eventos culturais realizados no Bosque.



Imagem 105 - Imagem do Paraciclo proposto.
Fonte: Elaborada pela autora.

PARADA DE ÔNIBUS - AV. PADRE ANTÔNIO TOMÁS

Na Av. Padre Antônio Tomás será instalada uma nova parada de ônibus, com um design condizente com os demais mobiliários do Bosque.

Com um traçado mais limpo e ortogonal, a nova parada proporciona um espaço mais confortável para os passageiros, com uma maior oferta de espaço para sentar, área de sombra mais generosa, painel informativo das rotas e tempo de chegada, lixeira e espaço previsto para cadeirantes.



Imagem 106 - Imagem da parada de ônibus na Av. Padre Antônio Tomás.
Fonte: Elaborada pela autora.

PARADA INTERMODAL - AV. DES. MOREIRA

Na Av. Desembargador Moreira será instalada uma nova parada intermodal, unindo a parada de ônibus com a estação biciletar da Prefeitura de Fortaleza, a fim de facilitar o câmbio de modais pelos pedestres.

Com o mesmo traçado da parada de ônibus da Av. Pe. Antônio Tomás, a intermodal acomoda sob sua cobertura as bicicletas para aluguel, lhes dando maior visibilidade e praticidade ao usuário ao trocar de meio de transporte.

Imagem 107 e 108 - Imagens da parada intermodal: ônibus e estação biciletar.

Fonte: Elaborada pela autora.



Imagem 109 - Banca Sinergy original, aberta e fechada.
Fonte: <http://www.archello.com/en/project/mu03-banca-de-revistas-sinergy>



BANCAS DE REVISTA

A banca de revista utilizada como modelo para a nova proposta é de autoria do escritório NAE, Núcleo de Arquitetura Experimental, e foi desenvolvida para a Sinergy Novaes Mídias.

Com algumas mudanças para adaptá-la às necessidades específicas do Bosque, a nova banca de revistas possui uma área interna caminhável e espaço para venda de lanches prontos, como salgadinhos, picolés, doces e bebidas geladas.

Ao vender alimentos, a banca se torna uma agregadora de pessoas, passando a possuir espaço próprio para sentar, assim como o seu arredor também passa a possuir essa demanda.

A banca possui uma estrutura dobrável que permite seu total fechamento ao terminar o horário comercial.

Imagem 110 e 111 - Imagens das duas bancas adaptadas da banca Sinergy para o Bosque.
Fonte: <http://www.archello.com/en/project/mu03-banca-de-revistas-sinergy>



Imagem 112 e 113- Lixeiras Citizen e Pic-Nic Mateus.
Fonte: <http://urban.amop.eu/>



BANCOS, CADEIRAS, MESAS E LIXEIRAS.

O bancos utilizados na praça, assim como grande parte do mobiliário e objetos arquitetônicos, têm como material principal o concreto.

Nos bancos lineares, o concreto é aliado à madeira para criar momentos diferenciados e de maior conforto com encostos. Toda a madeira utilizada será reutilizada a partir das árvores que foram retiradas para possibilitar o projeto.

As mesas de pique-nique e as lixeiras utilizadas são de autoria da URBAN BY AMOP, chamadas Pic-Nic Mateus e lixeiras Citizen.

A diversidade de opções para sentar é um princípio de projeto muito importante, e por isso foram adotados alguns modelos e formatos diferentes de assentos, como as mesas e cadeiras soltas do café, as arquibancadas e as cadeiras vermelhas do espaço zen, procurando proporcionar o máximo de conforto e opções de escolha para os visitantes.



Imagem 114 e 115 - Bancos lineares e cadeiras vermelhas no espaço zen.
Fonte: Elaborada pela autora.



GRAMADO MULTI-ATIVIDADES E PALCO

A necessidade de um espaço aberto que pudesse abrigar diferentes tipos de atividades de lazer e culturais levou à concepção do gramado multi-atividades.

Aproveitando um espaço onde não haviam árvores de grande porte, foi pensado esse ambiente onde se dará grande parte da programação de atividades culturais organizadas pelo Bosque, como pequenos eventos musicais, cinema ao ar-livre, e outros.

Seu palco de madeira se desdobra em uma escada sentável virada para a esquina das duas grandes avenidas que limitam a praça, transformando-se em um espaço de estar e permanência, que, em ocasião de eventos, poderá abrigar uma estrutura montável de som e imagem.

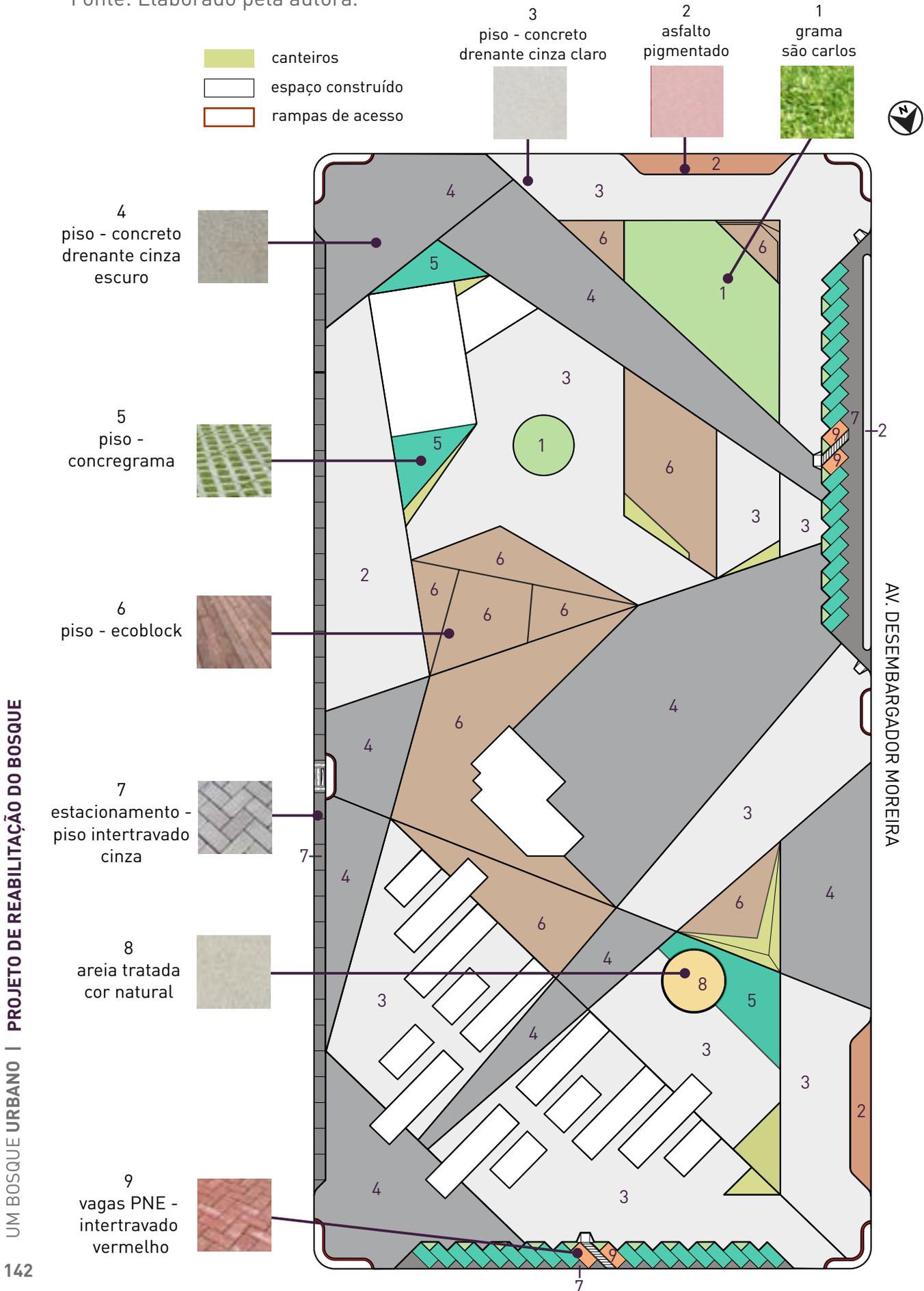
Imagem 116 e 117 - Palco e espaço multi-atividades.
Fonte: Elaborada pela autora.



PAVIMENTAÇÃO

Imagem 118 - PLANTA DE PAVIMENTAÇÃO ESC: 1:1000

Fonte: Elaborado pela autora.



ARBORIZAÇÃO

Imagem 119 - PLANTA DE ARBORIZAÇÃO ESC: 1:1000

Fonte: Elaborado pela autora.

MANTIDAS = 184

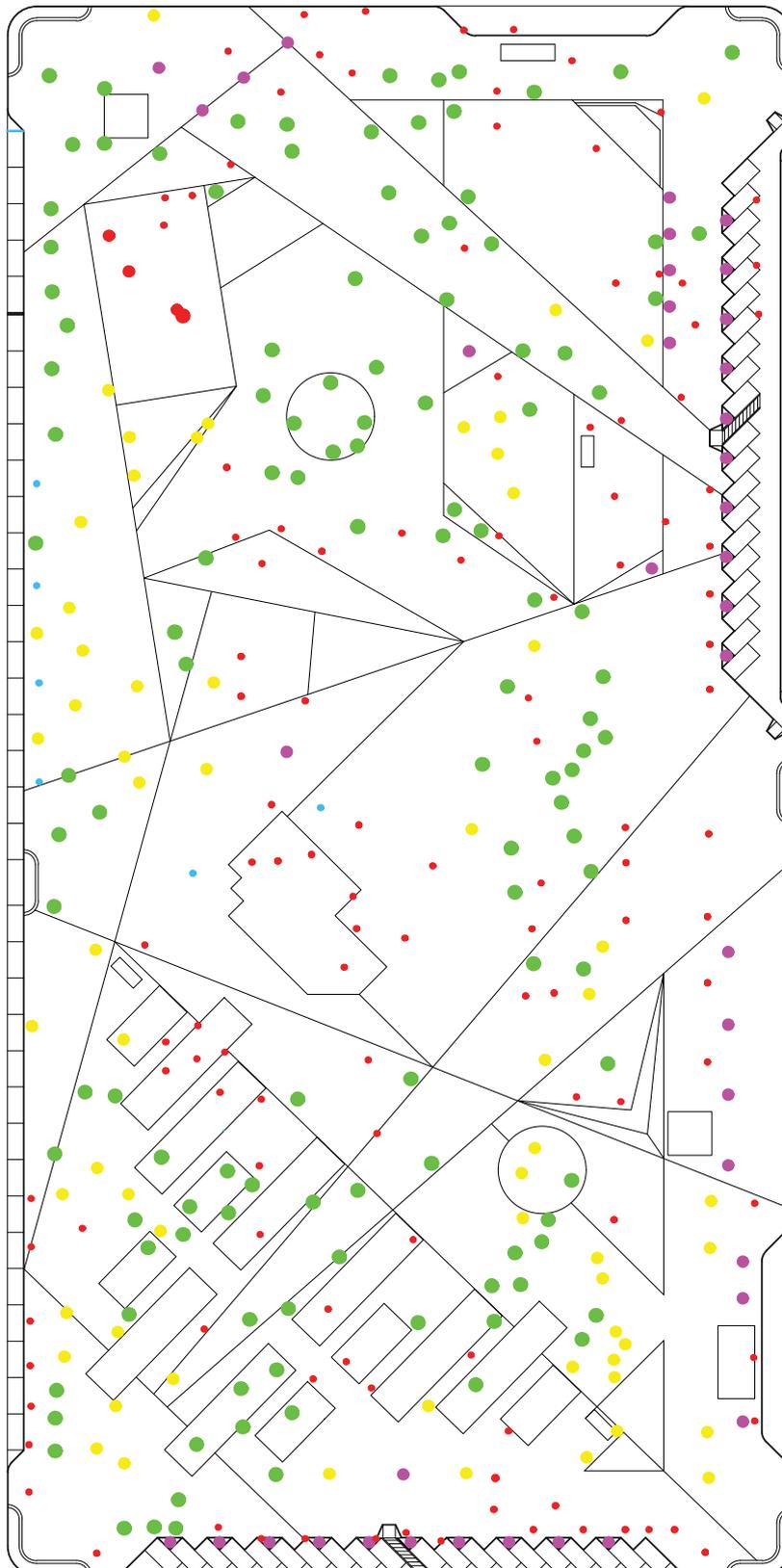
- Grande porte - 119
- Médio porte - 61
- Pequeno porte - 04

RETIRADAS = 86

- Grande porte - 05
- Médio porte - 04
- Pequeno porte - 77

PLANTADAS

- 40



Para viabilizar uma nova proposta para o espaço do Bosque, foi necessária a retirada de algumas árvores de pequeno porte, a maioria da espécie Nim Indiano (*Azadirachta indica*) frutos de plantio aleatório e não oficial.

Foram plantadas quarenta novas árvores, entre elas:



Imagem 120 - Acácia (*Cassia siamea*)

Fonte: <http://www.alternativarural.com.br>



Imagem 121 - Murta. (*Eugenia sprengelii*)

Fonte: <http://www.alternativarural.com.br>



Imagem 122 - Ipê roxo. (*Jacaranda acutifolia*) Fonte: <http://www.jardineiro.net/>

ESPAÇO BOSQUE E PROGRAMAÇÃO

O Bosque como um espaço ativo de cultura e lazer somente será possível se for estabelecido um modelo de parceria público-privada, havendo esforço e engajamento por parte de empresas e instituições.

Deverão ser perseguidas parcerias da Prefeitura de Fortaleza com ONGs, empresas, instituições públicas e com a comunidade, com o objetivo de financiar o gerenciamento do Bosque por uma administração independente, locada na própria praça, com contribuições de um conselho administrativo formado pelos frequentadores.

A administração terá as premissas de promover o Bosque como um espaço de lazer e ponto de encontro, oferecendo programação de atividades orientadas regulares, de qualidade e gratuitas, para diferentes públicos, com a vocação de um espaço agregador, para trocas culturais e convivência da população.

COMUNICAÇÃO E CONEXÃO

A chave para o sucesso de um espaço público é a sua visibilidade, uma vez que as pessoas não irão frequentar um espaço que não vêem. A legibilidade

Imagem 123 - Sugestão de página inicial para um website oficial do Bosque.

Fonte: Elaborada pela autora.





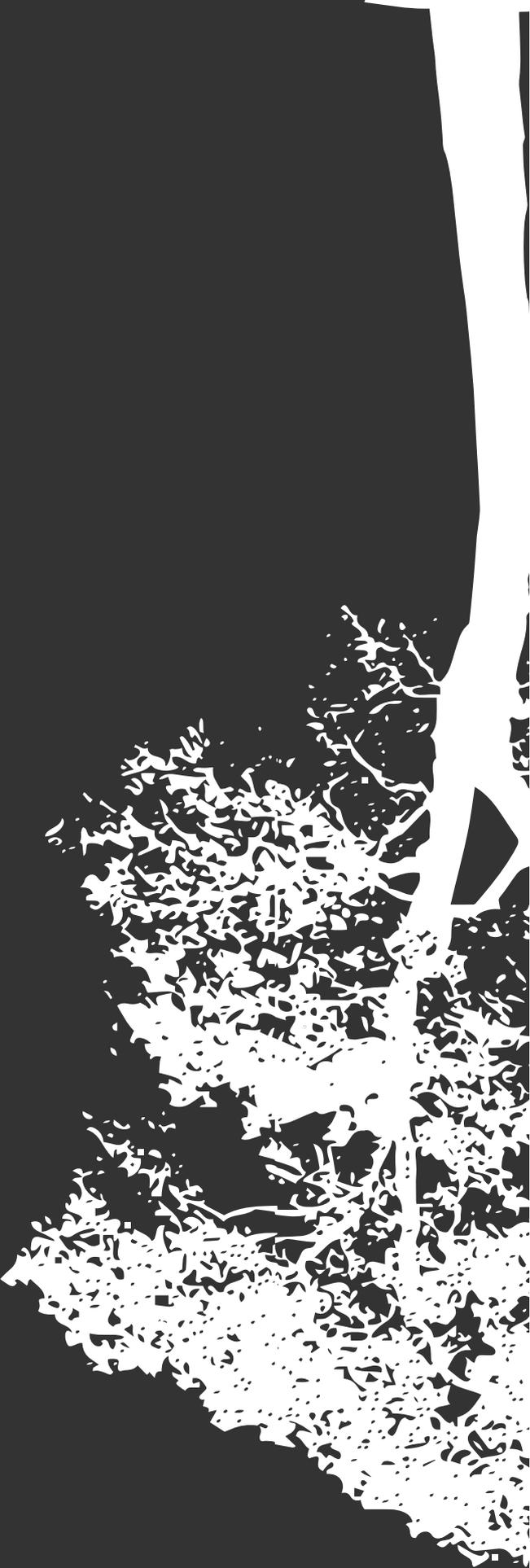
Imagem 124 - Totem informativo dos Quiosques de Flores.
Fonte: Elaborada pela autora.

dos espaços do Bosque será feita através da criação de uma identidade visual e da instalação de totens informativos próximos às seus ambientes com funções específicas, como os Quiosques de Flores, o Café do Bosque, a área de jogos, a academia ao ar livre e o paraciclo.

A visibilidade também é crucial em relação às atividades realizadas. A inclusão de meios de comunicação entre o Bosque e seu público será fundamental para que ele possam ser frequentados e uma relação de engajamento possa ser travada.

Uma programação oficial deverá ser planejada e seus eventos divulgados através de uma página oficial do Espaço Bosque, onde os visitantes poderão ter acesso aos horários de funcionamento dos estabelecimentos comerciais, calendário de feiras e eventos culturais, e programação semanal de aulas públicas de exercícios de aeróbica, esportes e eventos destinados ao público de terceira idade.

Uma recomendação é a inclusão de uma rede de internet WIFI, a qual os visitantes poderão acessar gratuitamente e servirá como mais uma razão para o Bosque ser frequentado.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida social nos espaços públicos contribui fundamentalmente para a qualidade de vida dos indivíduos e da sociedade como um todo. Os espaços públicos que possuem a vocação para abrigar essa vida social se tornam os corações de suas comunidades, fortalecendo seus valores e a sua cidadania.

Embora seja possível, é muito mais difícil que esses espaços aflorem espontaneamente, sem o incentivo do poder administrativo ou a parceria de instituições, empresas e da própria comunidade. E sem esse alavancar, a vivência democrática dos espaços da cidade fica comprometida, acarretando a privatização da vida pública das populações e a segregação social.

Facilitar o despontar desses espaços públicos, garantindo o engajamento cívico e a interação das comunidades, é uma questão de responsabilidade moral. Para tal, se faz necessária a implementação de novas metodologias de projeto, cujo principal parâmetro seja a identidade local e as necessidades das comunidades.

Este trabalho pretendeu, dessa maneira, tomar como exemplo o Bosque General Eudoro Correia, aplicando nele uma metodologia de projeto que envolve diretamente os seus frequentadores como parâmetro principal, elaborando uma alternativa projetual adequada para o afloramento de seu potencial.

Compreendemos também que, ao planejar tais mudanças, a evolução desse projeto não possui uma linha de chegada, mas é sim um processo, onde sempre se pode aprender, melhorar e se adaptar à realidade constantemente mutante.

Além disso, para possibilitar tais aspirações, compreendemos que é imprescindível o envolvimento de vários setores da sociedade, principalmente o da comunidade em questão e o de uma gestão pública que enxergue as potencialidades de espaços públicos para o desenvolvimento das cidades e qualidade de vida de sua população.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEX, Sun. *Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público*. São Paulo: Editora Senac, 2008.

ASHIHARA, Yoshinobu. *El diseño de espacios exteriores*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1982.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingues et al. *Praças: história, usos e funções*. Editora da Universidade de Maringá - Fundamentum (15), 2005.

DIOGENES, B. H. N. *A dinâmica do espaço intra-urbano de fortaleza e a formação de "novas centralidades"*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 11., 2005, Salvador. Anais... Salvador, 2005.

DIOGENES, Beatriz Helena Nogueira. *A Centralidade da Aldeota como Expressão da Dinâmica Intra-urbana de Fortaleza*. Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo, 2005.

GEHL, Jan. *Cities for People*. Washington: ISLAND PRESS, 2010.

HUTCHISON, Edward. *O Desenho no Projeto da Paisagem*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KOWALTOWSKI, D.C. C. K. et al. *Processo de Projeto em Arquitetura: da teoria à tecnologia*. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

TRANSPORT FOR LONDON, *Accessible Bus Stop Design Guidance*. Londres, 2006.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda., 1997.

MACEDO, Silvio Soares. *Parques Urbanos no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

MACEDO, Silvio Soares. *Quadro do Paisagismo no Brasil*. São Paulo: Editora Quapá, 1999.

MCHARG, Ian L. *Design with nature*. Washington: John Wiley & Sons, 1992.

ORNSTEIN, Sheila. *Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído*. São Paulo: EDUSP, 1992.

ROMERO, Adriana Bustos Romero. *Princípios Bioclimáticos para o desenho urbano*. São Paulo: Projeto Editores Associados Ltda., 1988.

ROSA, Marcos L. *Microplanejamento: Práticas Urbanas Criativas*. São Paulo: Editora de Cultura/ Asahi, 2011.

SEINFRA, ASTEF. *Guia de Acessibilidade: Espaços Públicos e Edificações*. 1ed. Fortaleza, 2009.

SAMARA, Timothy. *GRID: construção e desconstrução*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. São Paulo: Livros Studio Nobel Ltda., 1996.

WHYTE, William H. *The Social Life of Small Urban Spaces*. Washington, D.C.: The Conservation Foundation, 1980.

SITES

http://www.pps.org/great_public_spaces/one?-public_place_id=69#.

ACESSADO EM 27/08/2014

<http://tribunadoceara.uol.com.br/especiais/praca-portugal/galeria-de-fotos/>

ACESSADO EM 11/02/2015

<http://www.bryantpark.org>

ACESSADO EM 21/06/2015

<http://pracavictorcivita.org.br/>

ACESSADO EM 21/06/2015

<http://www.archello.com/en/project/mu03-banca-de-revistas-sinergy>
ACESSADO EM 23/06/2015

<http://arte-hca.blogspot.com.br/>
ACESSADO EM 07/07/2015



APÉNDICE

Pesquisa Usuários do Bosque Gen. Eudoro Correia

Questionário elaborado para analisar a dinâmica e necessidades dos usuários do Bosque Gen. Eudoro Correia, com a finalidade de coletar informações para o Trabalho Final de Graduação de Nicole R. Wirtzbiki.

A – DADOS DO ENTREVISTADO:

A1. Sexo:

- Masculino
- Feminino

A2. Faixa Etária:

- 5-12 anos
- 12 – 18 anos
- 18 – 40 anos
- 40 – 60 anos
- acima de 60 anos

A3. Atividade Profissional:

- Estudante
- Autônomo
- Profissional Liberal
- Funcionário Público
- Aposentado
- Outro:

A4. Cidade onde reside:

- Fortaleza
- Região Metropolitana
- Outro

A5. Bairro onde reside:

-

A6. Você sabe qual é a distância aproximada da sua casa até a praça? Se sim, qual é? (em quarteirões ou km)

-

B – PESQUISA SOBRE O USO DA PRAÇA:

B1. Qual nome você normalmente utiliza para se referir ao Bosque General Eudoro Correia?

(ex: Praça das Flores, Praça do Hospital Militar, Praça dos gatos, etc.)

-

B2. Quais tipos de atividades o trazem à Praça das Flores?

(você pode escolher mais de uma opção)

- Caminhada
- Equipamentos de Ginástica
- Comércio de Plantas
- Bancas de Revistas
- Pontos de ônibus
- Estacionamento
- Outro:

B3. Como você normalmente se locomove para vir à Praça das Flores?

- A pé
- Bicicleta
- Carro
- Moto
- Ônibus
- Taxi

B4. Com que frequência você utiliza a Praça das Flores?

- Todos os dias
- Algumas vezes por semana
- 1 vez por semana
- Algumas vezes por mês
- Algumas vezes por ano
- Raramente
- Other:

B5. Porque você usa a Praça das Flores? Assinale 3 itens que você considera os mais importantes para a sua escolha por uso dessa praça.

- Distância da praça ao seu local de residência/trabalho/estudo
- Segurança na área do entorno
- Serviços oferecidos na Praça (comércio de plantas, bancas de revistas)
- Diversidade de serviços e comércio nas proximidades
- Disponibilidade de estacionamento
- Qualidade dos equipamentos (ginástica, bancos, iluminação)
- Qualidade dos espaços de uso coletivo (ambiente agradável, acolhedor)
- Vizinhança compartilhando o mesmo padrão sociocultural e econômico

- Proximidade dos corredores de transporte público (ônibus)
- Outro:

C – PESQUISA SOBRE A QUALIDADE AMBIENTAL

C1. Escolha os três fatores que você considera os mais importantes para a qualidade ambiental de QUALQUER PRAÇA.

- Acessibilidade
- Muitos usos
- Serviços oferecidos (comércio, atividades)
- Segurança
- Vegetação
- Equipamentos (aparelhos de ginástica, bancos, etc)
- Vias e passeios (qualidade da pavimentação, largura, etc)
- Entorno construído
- Sistema de informação (placas, quiosques de informação, etc.)

C2. Dê uma nota para o desempenho de cada um dos elementos existentes na Praça das Flores.

	1. Péssimo	2. Ruim	3. Regular	4. Bom	5. Ótimo
Acessibilidade					
Quantidade de usuários					
Serviços (bancas de revista, etc.)					
Segurança					
Vegetação					
Equipamentos de Ginástica					
Quadra de esportes					
Quiosques de plantas					

Vias e Passeios (área de circulação, calçadas)					
Sistema de Informação (placas informativas, etc.)					
Entorno Construído (existência de lojas, shoppings, muitos edifícios)					
Mobiliário (bancos, lixeiras, orelhões)					
Iluminação pública					
Quantidade de vagas de estacionamento para veículos					

C3. Avalie a situação em que se encontra cada um dos elementos citados abaixo na Praça das Flores.

- Largura das calçadas
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Conservação das calçadas
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Pavimentação interna da praça em pedriscos
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Manutenção de fiscalização do mobiliário (bancos, lixeiras, orelhões)
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Manutenção dos aparelhos de ginástica
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Manutenção da quadra de esportes
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Ausência de banheiros públicos
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Poluição Sonora
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Limpeza da Praça
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Iluminação Pública
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Conservação das calçadas
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Limpeza da Praça
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Iluminação Pública
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Quantidade de árvores
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Poluição Visual
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- População numerosa de gatos
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

- Conservação das calçadas
 - 1 – Péssimo
 - 2 – Ruim
 - 3 – Regular
 - 4 – Bom
 - 5 – Ótimo

D – PESQUISA SOBRE UM NOVO PROJETO PARA A PRAÇA

D1. Na sua opinião, qual é o maior símbolo da praça? Justifique.

D2. Em cada uma das listas abaixo, escolha 2 opções de cada que você consideraria mais importantes em um NOVO PROJETO para a Praça das Flores.

1.

- Centro Cultural
- Centro da Terceira Idade
- Quiosques de serviços públicos (prefeitura, estado, união)
- Quiosques de alimentação rápida
- Quiosques para venda de plantas

2.

- Equipamentos de Ginástica
- Quadra de esporte
- Bicicletário
- Área para atividades aeróbicas (yoga, tai chi chuan, etc.)
- Pista de caminhada e corrida

3.

- Área de descanso e contemplação
- Espelho d'água
- Gradil
- Jardim Ornamental

4.

- Faixas de estacionamento
- Mobiliário
- Banheiros Públicos
- Posto Policial